



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PPGFP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE**  
**PROFESSORES - PPGFP**

**JESSICA KELLY SOUSA FERREIRA**

**AUTONOMIA NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: O USO DO**  
***FACEBOOK* ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS – UM ESTUDO DO TIPO**  
**ETNOGRÁFICO**

CAMPINA GRANDE- PB  
2015

JESSICA KELLY SOUSA FERREIRA

**AUTONOMIA NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: O USO DO  
*FACEBOOK* ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS – UM ESTUDO DO TIPO  
ETNOGRÁFICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Formação de Professores.  
Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Dra. Paula Almeida de Castro

CAMPINA GRANDE- PB  
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383a Ferreira, Jessica Kelly Sousa

Autonomia nos processos de ensino e aprendizagem [manuscrito] : o uso do facebook através de dispositivos móveis - um estudo do tipo etnográfico / Jessica Kelly Sousa Ferreira. - 2015.

119 p. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Paula Almeida de Castro, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa".

1. Tecnologia Educacional 2. Processo Ensino-Aprendizagem 3. Redes Social 4. Etnografia Virtual I. Título.

21. ed. CDD 371.334

JESSICA KELLY SOUSA FERREIRA

**AUTONOMIA NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: O USO DO  
FACEBOOK ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS – UM ESTUDO DO TIPO  
ETNOGRÁFICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Formação de  
Professores da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre em Formação de Professores.  
Área de concentração: Educação

Aprovada em: 30/03/2015

Banca Examinadora

*Paula Almeida de Castro*

---

Profa. Dra. Paula Almeida de Castro  
Orientadora (UEPB)

*Paula Almeida de Castro*

---

Profa. Dra. Morgana Lígia de Farias Freire

UEPB

*Morgana Lígia de Farias Freire*

---

Prof. Dr. Francisco de Assis de Brito  
UFCG

A Deus e a Nossa Senhora,  
A mainha, Gilvaneide, que me fez acreditar que isso seria possível.

A Paula Castro.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter oferecido a mim a força, coragem e perseverança necessárias para o desenvolvimento deste trabalho. A Ele que jamais me abandona, e sempre permite que eu me supere diante dos obstáculos mais complexos. E a Nossa Senhora por interceder por mim sempre que preciso, e até quando não.

A minha orientadora, Paula Castro, pelos “puxões de orelha” e incentivo e apoio mesmo quando não me julgava capaz, pelo apoio não somente intelectual e científico, mas também emocional. A ela que se tornou, além de tudo, minha amiga, que me fez crescer humanamente e profissionalmente. Serei eternamente grata por toda oportunidade e confiança a mim dedicada.

Ao Programa de Pós-Graduação e pelas oportunidades de engrandecimento profissional e pessoal.

Aos professores, verdadeiros mestres na educação e na vida.

A minha família, em especial meus pais, Ediberto e Neide, a sobrinha Ashley, e a vó-mãe Maria pelo apoio e incentivo sempre me dado, estes causadores das minhas maiores vitórias.

A minha, Gilvaneide, em especial, por ter me incentivado, desde o princípio, a fazer a inscrição e tentar realizar esse sonho, para mim pouco provável naquele momento, minha que sempre acreditou em mim até mais do que eu mesma acredito.

Ao meu companheiro, Robson Maciel, por ter me ajudado nessa caminhada desde o início, me acompanhando sempre que precisei, por tantas vezes que me fez perseverar quando tudo parecia tão difícil e sem solução, ele que me levanta quando estou quase caindo. Sem ele nada seria assim.

Aos amigos, que me mostram que não há nada a temer quando se tem força para lutar, e respeitaram minha ausência quando tive que abdicar de momentos juntos em prol da conclusão desse curso. Em destaque, a todos da família do meu namorado, que por um bom tempo tem sido também minha família.

Ao meu melhor amigo, Raphael Lira, por aturar a chatice, o cansaço, os choros, as lamentações, e, principalmente, as ausências, e também por me fazer dar boas risadas quando precisei.

***“No que você está pensando?”***

***(FACEBOOK, 2015)***

## RESUMO

Analisar a relação entre a produção dos grupos fechados do facebook, através de dispositivos móveis, para a construção da autonomia dos alunos de Ensino Médio nos processos de ensinios e aprendizagem foi o objeto de estudo dessa dissertação. A pesquisa, um estudo do tipo etnográfico, com viés nos pressupostos da etnografia virtual, atrelou as produções realizadas em um grupo fechado no *facebook* com a dinâmica da sala de aula presencial de duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior do Estado da Paraíba. O estudo pauta-se ainda na perspectiva colaborativa entre alunos, professor e a pesquisadora para a obtenção de dados sobre objeto de investigação. O referencial teórico pautou-se na esfera das relações da contemporaneidade, em que as Tecnologias da Informação e Comunicação encontram-se cada vez mais disseminadas, tendo assim modificado também as escolas, as salas de aula e os processos de ensino e aprendizagem, mediadas pelas redes. Deste modo, percebemos que os processos de ensino e aprendizagem vêm sendo redesenhados, reconfigurando o papel do docente e possibilitando a colaboração entre os sujeitos e autonomia na busca pelos saberes.

**Palavras-chave:** Autonomia. Tecnologias. Redes sociais. Etnografia virtual.



## ABSTRACT

Analyze the contributions that the use of closed groups in *facebook*, through of mobiles, can represent to the teaching-learning processes, and to the construction of autonomy of Secondary School students, is the objective of this research. Situating our research in the sphere of contemporary relations, in which the Technologies of Information and Communication are becoming increasingly widespread, and thus changed schools, classrooms and the processes of teaching learning, mediated by networks. On this perspective, we realized an Ethnographic Study with tendency in the assumptions of Virtual Ethnography relating the productions made in a closed group on *facebook* with the dynamic of face-to-face classrooms of two classes of Third Year of Secondary School. The study is also lined in the collaborative perspective between students, teachers and the researcher to the obtaining of data about the object of investigation. Therefore, we perceived that teaching learning processes has been redesigned the actuation of the teacher and enabling the collaboration between the subjects and the autonomy in the search for the knowledge.

Keywords: Autonomy. Social networks. Technologies. Virtual ethnography.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
<b>1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS): NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Redes Sociais e possibilidades de aprendizagem .....	16
1.2 Novos caminhos pedagógicos: O <i>facebook</i> .....	18
1.3 Tecnologias culturais- Por uma redimensão da escola e do professor .....	21
1.3.1 Uma nova escola?.....	22
1.3.2 Um novo docente .....	25
1.3.3 Eis o fim da escola e do professor? .....	27
1.4 Promovendo a autonomia dos alunos de Ensino Médio .....	29
1.4.1 Autonomia e escola .....	31
1.5 O uso dos dispositivos móveis na sala de aula .....	34
<b>2 ABORDAGEM METODOLÓGICA .....</b>	<b>38</b>
2.1 Pesquisas em educação .....	38
2.1.1 Etnografia .....	41
2.1.2 Etnografia e Educação .....	43
2.1.3 Lócus e sujeitos da pesquisa .....	45
2.2 Instrumentos .....	47
2.2.1 Observação participante .....	47
2.2.2 Diário de campo .....	50
2.2.3 Etnografia virtual .....	52
<b>3 PESQUISA – RESULTADOS .....</b>	<b>54</b>
3.1 Descrição das aulas .....	55
3.1.1 Situação 01 – Aula 01 .....	55
3.1.2 Situação 02 – Aula 02 .....	58
3.2 Um olhar sobre as contribuições no grupo .....	59
3.3 Utilizando sites de pesquisa .....	65
3.4 Conscientização sobre o uso da internet .....	70

<b>3.5 Pesquisa e elaboração de gráficos .....</b>	<b>72</b>
<b>3.6 Atividade de produção textual .....</b>	<b>74</b>
<b>3.7 Com a palavra: Os professores! .....</b>	<b>75</b>
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE – PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>103</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo busca refletir acerca da contribuição que as redes sociais, especificamente, o *facebook*, pode trazer para a quebra de paradigmas que permeiam o sistema educacional tradicional, almejando assim o possível encontro de novos caminhos que favoreçam a efetivação de um processo de ensino aprendizagem inovador, real e eficaz, tanto para os professores, quanto para os alunos.

Nesta perspectiva, observamos que algumas escolas e professores ainda precisam quebrar estes paradigmas já estabelecidos pelos processos de ensino aprendizagem, que algumas vezes, não têm sido tão eficientes como deveriam, e inserir o uso das novas tecnologias e das redes sociais, neste caso, em específico, do *facebook* nas escolas, visando auxiliar no processo de ensino aprendizagem de forma colaborativa, acompanhando assim as transformações sociais e tecnológicas, instigando a criticidade dos alunos, a construção coletiva de conhecimentos e um aprendizado mais autônomo.

Para Patrício e Gonçalves (2010), o *facebook* é um ambiente informal onde os alunos se sentem à vontade, para comunicar, partilhar e interagir, sendo assim, um local de constante troca de informações, e de possíveis construções de conhecimento numa perspectiva mais autônoma, visto que o professor pode atuar como um mediador das discussões e da aprendizagem.

Entendemos ainda que esta proposta é um desafio para escolas e professores, devendo assim ser trabalhada de forma planejada e respeitando-se à realidade das escolas e salas de aula diversas, permitindo assim a implantação de novos caminhos para o fazer docente, em relação ao processo de ensino aprendizagem e objetivando, inclusive, que os alunos atuem de forma ativa no compartilhamento de informações e na construção coletiva e autônoma do conhecimento.

Sendo assim, a hipótese proposta aqui é que o uso dessas tecnologias e ferramentas, quando bem utilizadas pode subsidiar o trabalho do professor de forma dinâmica e inovadora, fazendo com que os alunos sintam-se mais motivados no processo de ensino aprendizagem.

Carvalho (2008, p. 8) corrobora com essa ideia quando diz que “as interfaces encontradas no mundo virtual, assim como a diversidade de sites e de redes sociais pode corresponder a criação de novos caminhos para o processo de ensino aprendizagem, visto que os alunos estarão imersos a um universo repleto de diversos aplicativos”.

Assim, a medida que os alunos façam uso dessas tecnologias na sala de aula, supomos que as redes sociais possam funcionar como ferramentas auxiliares no processo de ensino aprendizagem, sendo capazes de construir sua própria autonomia a partir do uso destas e de destruir as barreiras existentes no processo de ensino aprendizagem, que por vezes impedem os alunos de agirem de forma autônoma.

Sendo esta autonomia um processo de construção permanente (CONTRERAS, 2002), e construída a partir do momento em que estes conseguem gerir e orientar as diversas dependências as quais são expostos, de acordo com suas próprias leis (BARROSO, 1996).

Para tal, temos como objetivos refletir e discutir acerca da importância do uso das redes sociais, neste caso, *facebook*, como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem e na construção da autonomia dos alunos do Ensino Médio, analisar as possibilidades inovadoras de construção de autonomia no uso do *facebook* atrelado ao processo de ensino aprendizagem, tal como observar, descrever e analisar atitudes autônomas demonstradas pelos alunos a partir do uso das redes sociais auxiliando no processo de ensino aprendizagem.

Realizamos um estudo do tipo etnográfico, com viés na perspectiva da etnografia virtual, com duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, aplicando a proposta com momentos presencialmente, na sala de aula enquanto espaço físico, outros momentos, em atividades em um grupo fechado no *facebook*.

Assim, o capítulo inicial discorre acerca do aporte teórico referente às Tecnologias da Informação e Comunicação, enfocando de forma específica as contribuições que as redes sociais e o uso do *facebook* e dos dispositivos pode trazer ao processo de ensino aprendizagem, tal como estas tecnologias funcionam como tecnologias culturais, que possivelmente geram um novo modelo de escola, de aluno e de professor.

O segundo capítulo versa acerca da abordagem metodológica deste estudo, explicitando os pressupostos dos estudos etnográficos na educação, trazendo a descrição do *locus* e sujeitos da pesquisa, e o desmembramento dos instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa, incluindo a etnografia virtual.

No capítulo três, demonstraremos resultados obtidos e analisados em relação à aplicação desta proposta, sendo dividido em duas partes principais, a primeira que aborda a descrição das atividades e experiências vivenciadas em sala de aula e no grupo do *facebook*, e, a segunda que evidencia as análises, reflexões e construções de docentes participantes de um minicurso que tinha como tema principal a discussão e reconstrução coletiva de propostas para o uso do *facebook* em sala de aula.

## **1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO**

A rápida disseminação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC'S) têm gerado mudanças em diferentes âmbitos da sociedade. A escola, tal como o processo de ensino e aprendizagem não se excluem dos âmbitos que sentem estes impactos.

No mundo pós-moderno em que vivemos, o uso das TIC'S é massivo, onde quer que estejamos e em qualquer horário, sempre há alguém utilizando alguma TIC. O ambiente da escola também tem sido caracterizado pelo uso de dispositivos móveis, tablets, que permitem o amplo acesso as redes sociais, por exemplo.

Com isto, a rápida evolução das TIC'S permite a facilidade e agilidade na vida dos cidadãos, algumas vezes tão corrida, permitindo que as pessoas mudem seus hábitos e passem a refletir e solucionar problemas de formas novas, não conhecidas até a ascensão desses recursos.

Essa ascensão pode ainda interferir no modo de agir e de se relacionar das pessoas, assim como trazer modificações significativas nos mais diversos âmbitos de atuação dos seres humanos. Vejamos as contribuições de Kenski (2004, p. 23) *apud* Lima e Moita, (2011, p. 131) quando afirmam que:

As novas tecnologias da informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura, e um novo modelo de sociedade.

Sendo as TIC'S transformadoras, não somente individualmente, mas coletivamente, modificando a maneira na qual interagimos e convivemos em sociedade, estas permitem ainda que sejam transformadas as formas nas quais construímos conhecimentos, isso gera a formação de novos modelos de sujeitos, assim como de sociedade, mediados e transformados pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Essas tecnologias vão além de novos suportes, mas pressupõem uma mudança de comportamentos, de relações, sejam elas econômicas, sociais, políticas, culturais, ou até educativas.

Santos e Teixeira (2001, p. 1) asseguram que as tecnologias da informação e comunicação propiciam mudanças constantes não somente no comportamento humano, mas também nas relações sociais e nos modelos de aprendizagem, já que o uso dessas tecnologias favorece ao sujeito novas experimentações, desafios e possibilidades.

Nessa perspectiva, somos capazes de perceber que as TIC'S não devem mais ser entendidas como ferramentas, com as quais podemos realizar determinadas tarefas, já que elas estão sendo incorporadas ao nosso modo de ser, de interagir com os serviços e produções de bens, de estruturar informações e de sistematizar, ideias e novos dados a serem processados. Diminuindo assim os espaços e tempos de comunicação, acesso e recepção de informações. Logo, começam a influenciar o nosso modo de agir e pensar, passando a ser estruturantes do nosso pensamento (ALMEIDA E VALENTE, 2010).

Assim, entendemos que como afirma Menezes (2009), a escola e o professor não podem estar alheios às inovações geradas pelo uso das TIC'S, visto que a inserção e o uso desses recursos, como as redes sociais, já fazem parte do cotidiano dos alunos e, também, são realidades encontradas nas escolas.

O uso das TIC'S atrelado ao processo de ensino e aprendizagem pode funcionar como um caminho para um aprendizado mais real, dinâmico e inovador, pois tais instrumentos permitem que o aluno seja capaz de relacionar sua vivência cotidiana e real com os possíveis aprendizados e construções de conhecimento que acontecem no ambiente da escola.

Através disso, “a tecnologia se configura como uma “caixa de ferramentas” úteis à elaboração e ampliação de conhecimentos que favorecem procedimentos pedagógicos voltados à realidade, propiciando a interação dos alunos com o meio tecnológico” (LIMA E MOITA, 2011, p. 131).

Essa abordagem fornece contribuições para que os alunos sejam inseridos em um processo de ensino aprendizagem que seja de fato significativo e útil. Sendo assim, tecnologia e educação são elementos que podem e devem estar correlacionados. Tendo em vista, principalmente, que tanto as tecnologias da informação e comunicação, quanto a educação se baseiam e se organizam a partir da informação.

Não devemos conceber no mundo contemporâneo, a informação como algo pronto, acabado, imutável, já que a dinamicidade do cotidiano e a variedade de culturas e indivíduos permitem que a informação e consequente construção de conhecimento seja algo em constante processo. Porém, por vezes, a escola tem concebido e privilegiado a informação constante, invariável.

De acordo com Moran (2012) a informação organizada é a matéria prima da aprendizagem, tornando-se significativa quando transformada em conhecimento. Assim, a escola presa a informação pronta, consolidada, como também a informação em movimento, em transformação, que surge através de novos fatos, experiências, contextos. Para ele, existem áreas com estabilidade informativa, caracterizada por fatos do passado, que quase não se

modificam. E existem também as áreas mais ligadas ao cotidiano, susceptíveis de mudanças, de novas interpretações. E estas, em sua maior parte, não são abordadas na escola.

Tais mudanças e novas interpretações, assim como o uso e acesso à informação e a construção de conhecimento, estão cada vez mais disseminadas, principalmente através das redes sociais. As informações circulam com facilidade, e são facilmente acessadas, portanto, já não se planeja mais uma escola e uma educação que não compreendam e favoreçam o uso das tecnologias da informação e comunicação.

Serres (2013, p. 70) trata esse novo paradigma de fácil acesso as informações como a “nova democracia do saber”, onde todos falam, ouvem, compartilham e interpretam saberes diversos.

Uma escola com seu processo de ensino aprendizagem que prepare o aluno/cidadão para a vida tem a necessidade de englobar em sua atividade o uso das tecnologias da informação e comunicação proporcionando uma construção de conhecimento mais dinâmica, autônoma e real. O manuseio de informações e construção processual do conhecimento deve ir além do uso do computador e da sala de informática, mas explorar outros tipos de tecnologias e recursos que os alunos já utilizam com frequência.

O massivo uso das redes sociais traz oportunidades para novos tipos de abordagem. Esta abordagem pode ter um papel preponderante na relação ensino aprendizagem na escola, bem como, no seu exterior, visto que quando aplicados ao ensino permitem que a extensão da escola vá além de sua localização física, já que o aprendizado pode ocorrer também fora dos muros da escola, e em diferentes ambientes e tempos. De acordo com Moreira e Paes (2007), o aprendizado se dá, inclusive, em situações onde não estão disponíveis um computador ou um portátil.

Sendo um aprendizado mais abrangente e inovador, relacionando escola e sociedade, como também o aprendizado da escola com o do cotidiano, das experiências. O uso das TIC'S permite uma construção de conhecimentos que atenda às necessidades de formar na vida para a vida, indo assim além dos conteúdos curriculares, mas preocupando-se também com conhecimentos do cotidiano, reais e necessários para a prática da cidadania e para compreensão do mundo em que estão inseridos.

Rojo (2009, p. 90) afirma que uma educação que aceita o desafio de estar ligada às transformações tecnológicas provenientes do mundo pós-moderno é uma educação pronta para “dar conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho, numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda de ética plural e democrática”.



Assim, as informações e os conhecimentos que entram em cena no ambiente da escola vão além de conhecimentos científicos e curriculares, englobando também elementos que permeiam a sociedade, o cotidiano.

Nesse viés, Lopes e Torman (2008) garantem que os indivíduos não mais aceitam apenas a transmissão de conhecimentos, mas buscam construí-los de forma a relacionar e aplicar o aprendizado às situações vivenciadas.

Dessa forma, a educação vem sendo um dos instrumentos elementares na articulação das relações entre conhecimento, poder e tecnologia (VALERIA, 2012). Essa articulação é favorecida pelo uso das redes sociais, que na atualidade correspondem a elementos que lidam potencialmente com informações da vivência dos alunos, como também são instrumentos de fácil acesso e utilização.

Portanto, tais argumentos nos levam a perceber as contribuições que o uso das tecnologias da informação e comunicação, especificamente, das redes sociais no ambiente da escola, e no processo de ensino aprendizagem, funcionando como novas propostas que auxiliem a construção de conhecimentos e um processo que trate o ensino-aprendizagem com um olhar mais democrático, dinâmico e real.

Desse modo, o docente precisa estar atento a essas novidades, e procurar meios viáveis para trabalhar nessas perspectivas, respeitando as possibilidades de cada escola, e de cada realidade “no sentido de se criar propostas pedagógicas que incorporem as potencialidades que as novas tecnologias trazem para o processo coletivo de construção de conhecimento, para a democratização do saber e desenvolvimento da cidadania” (NOVA E ALVES, 2002, p. 7).

Vale salientar ainda que, por vezes, escolas e professores não compreendem ou não aceitam a contribuição que o uso das TICS pode trazer ao seu fazer profissional, e, principalmente, as redes sociais não têm sido vistas como um subsídio, mas sim, como um obstáculo. Masseto (2000, p. 133) aponta isso como um equívoco, quando diz que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso das tecnologias visando tornar o processo de ensino aprendizagem mais eficiente e eficaz”.

Diante disso, veremos a seguir como as redes sociais, especificamente, o *facebook* podem contribuir positivamente na abordagem de conteúdos, no trabalho do processo e na consequente aprendizagem dos alunos.

## 1.1 REDES SOCIAIS E POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

Pode-se considerar que a nova era da informatização e comunicação gera também, o uso massivo das redes sociais, na qual os usuários estão em constante troca de informações e construção de conhecimentos, além do contato e acesso com mídias e materiais diversos. Deste modo, observemos o que propõem Alexandro e Norman (2005):

Entende-se por rede um grupo de indivíduos que de forma agrupada ou individual, se relacionam uns com os outros, com um fim específico, caracterizando-se pela existência de fluxos de informação. As redes podem ter muitos ou poucos atores e uma ou mais categorias de relação entre os pares de atores (ALEXANDRO E NORMAN, 2005, p. 2).

Percebemos através deste conceito que as redes não são formadas apenas por duas ou um grupo de pessoas se relacionando mutuamente, mas também pela correlação entre essas pessoas e um fluxo contínuo de informações diversas.

Ao falar de redes, Spadaro (2013) explana que a Web 2.0 é caracterizada justamente pela formação de uma rede de contatos sociais, visto que antes disso, as pessoas tinham acessos aos conteúdos postados na internet, mas não tinham participação ativa através da participação e compartilhamento. Assim sendo, uma rede social relaciona pessoas que estejam dispostas a compartilhar pensamentos, conhecimentos e também algo sobre suas vidas.

Ainda contribuindo com esta perspectiva Braga (2013) afirma que “as redes sociais têm sido exploradas para troca de arquivos, links e interação entre os internautas” (p. 120). Assim, presenciamos uma mudança constante no modo das pessoas interagirem. Sendo o uso das redes sociais algo já corriqueiro na vida dos sujeitos, esse uso acaba gerando modificações não somente na maneira de interagir, mas também de pensar, de refletir e de aprender.

Nesse viés, a aprendizagem promovida nas redes sociais, sendo geradoras de novas situações e experimentações, podem conduzir a novas possibilidades de aprendizado e novos desafios relacionados à troca e ao compartilhamento de informações que ocorrem nas escolas.

Isto se dá com um processo de aprendizagem também compartilhado, cooperativo, que é justamente o que se busca no processo de ensino e aprendizagem que se dá em sala de aula.

Dessa forma, pode-se considerar que as redes sociais têm um potencial para gerar interação e conseqüente aprendizado autônomo, já que se almeja possibilitar aos alunos trabalhos em grupos e em redes, então, nada mais adequado do que já fazer isso de uma maneira autêntica (MATTAR, 2012).

Nessa perspectiva, o relacionamento, a troca entre os participantes é essencial para que o uso das redes sociais funcione também como um caminho para um aprendizado autônomo, reposicionando a figura do professor como o único detentor do saber e reconfigurando as possibilidades para que os alunos reflitam, argumentem e analisem as informações, para uma consequente produção de conhecimentos. Esse processo enfoca o que ocorre não somente, pelo que se dá de maneira individual, mas também de forma coletiva.

## 1.2 NOVOS CAMINHOS PEDAGÓGICOS: O FACEBOOK

Dentre as mais utilizadas redes sociais, nos dias atuais, está o *facebook*, possuindo milhares de usuários espalhados pelo mundo todo e que compartilham informações interagindo acerca de temas diversos, mesmo estando, por vezes, em tempos e lugares distintos.

O *facebook* foi criado em fevereiro de 2004 por Marck Zuckerberg e é uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, sendo assim uma forma de encontro, partilha, interação e discussão de ideias. Desde sua criação, o principal objetivo foi e ainda tem sido a proporção de um local em que as pessoas possam se comunicar, partilhar informações, enviar mensagens, publicar fotografias, etc. (PATRICIO E GONÇALVES, 2010).

Por esse conjunto de razões, essa rede social atua como um espaço de construção coletiva do conhecimento, porém, com um viés autônomo, permitindo que os alunos sintam-se cada vez menos dependentes do professor e capazes de construir seus conhecimentos a partir de suas próprias análises e reflexões, viabilizando ainda que as informações postadas sejam automaticamente compartilhadas e que uns possam contribuir com as colaborações do outro.

De acordo com Braga (2013) o *facebook* oferece diversos recursos, tais como mensagens, publicações no mural, comentários, postagem e análise de vídeos, textos e materiais variados, interações em grupos, que viabilizam a publicação de textos multimodais e a formação de redes interativas, facilitando ainda a categorização e localização de informações.

Corroborando com a ideia supracitada, Patricio e Gonçalves (2010) ainda dizem que o *facebook* é um ambiente informal em que os estudantes se sentem à vontade para comunicar, partilhar, interagir, sendo assim, atualmente, um local de constante troca de informações entre os alunos, e de possíveis construções de conhecimento. Vale salientar que alunos e

professores, em sua grande parte, já utilizam essa rede social, e já realizam essa aprendizagem, mesmo que de forma inconsciente.

Sabemos ainda que o *facebook* é, atualmente, a rede social mais utilizada pelos jovens, e, o contato com a imensidão de informações presentes na internet é inevitável, visto que as informações a medida que são postadas, são também compartilhadas com todos que têm acesso a determinada página. Essas páginas são acessadas diariamente, em sua maioria.

Spadaro (2013) defende que o número de usuários do *facebook* cresceu rapidamente nos últimos anos, afirmando que em 2012 essa rede social atingiu o número de um bilhão de usuários ativos e o Brasil estava entre os cinco países com maior número de usuários cadastrados. Segundo ele, o ponto forte do *facebook* é conectar as pessoas, visto que “as estatísticas oficiais informam que 13 milhões de usuários atualizam o próprio status no mínimo uma vez por dia” (p. 97).

O acesso à informação já é garantido, através do uso da rede social, mas somente uma abordagem didático-pedagógica pode propiciar que essas informações, quando sistematizadas, possam se transformar em conhecimentos adquiridos.

A esse respeito Spadaro (op. cit.) contribui informando que desde o princípio “a ideia básica do *facebook* era, pois, muito simples: conectar os estudantes, satisfazer um desejo difuso de socialização e de novos conhecimentos no interior do âmbito juvenil e de estudos” (p. 94).

A utilização de grupos no *facebook* pode sistematizar o que se deseja abordar em relação ao processo de ensino aprendizagem e a análise de conteúdos e temas diversos, já que permite que os alunos sejam alocados, em conjunto, em um ambiente com interesse de discussão, reflexão, análise e argumentação em comum.

Segundo Braga (2013), os grupos do *facebook* podem ser abertos ou fechados, e favorecem a organização e interação de grupos de usuários, viabilizando assim o trabalho em pequenos e/ou grandes grupos na escola.

A formação de grupos no *facebook* engloba os conteúdos e temas de preferência, ou até mesmo um acompanhamento dos conteúdos abordados em sala de aula, de forma mais inovadora, dinâmica e real, já que os alunos utilizam esses recursos cotidianamente, e promove a visualização dos temas a partir de mídias diversas, tais como textos, imagens, vídeos, músicas, etc. favorecendo ainda a sistematização do que se deseja abordar numa perspectiva de processo de ensino aprendizagem que permita que alunos e professores trabalhem colaborativamente, ajudando ainda na privacidade dos membros e dos temas, visto

que os grupos são recursos mais restritos, onde o acesso só é permitido às pessoas que fazem parte dele.

Minhoto (2012) explicita que a interação entre os alunos e a familiaridade com o contexto do *facebook* proporciona a construção ativa de conhecimentos. Zancanaro (et. al., 2012) colabora com essa opinião defendendo que a facilidade e familiaridade quanto ao uso do *facebook* gera agregação de valor para os estudantes, como também motivação.

Paulatinamente, percebemos que o contato cotidiano com essa rede social funciona como um elemento contribuinte para que a abordagem pedagógica fazendo uso desses recursos seja satisfatória, já que a parte técnica no uso desta já é dominada pela maioria dos alunos, como também por alguns professores.

Vale salientar ainda que uma abordagem didático-pedagógica que privilegie o uso do *facebook* como auxiliar no processo de ensino aprendizagem vai além da inserção de TIC'S no ambiente das escolas e das salas de aulas, mas promove também uma relação entre escola e sociedade, entre currículo e as competências necessárias para convivência e sucesso na atualidade.

Na mesma perspectiva, Muñoz e Towner (2011) concluem que o *facebook* oferece oportunidades únicas para o processo educativo, tais como facilitar a comunicação, promover uma comunidade de aprendizagem e promover competências do século XXI.

Essas oportunidades únicas conglomeram novas possibilidades acerca dos temas abordados, visto que admitem que os alunos passem a refletir de forma mais crítica e reflexiva, em relação a elementos que antes eram cotidianos e, algumas vezes, passavam despercebidos, como também de abrem novos horizontes quanto à interpretação de fatos, discussão de assuntos cotidianos, argumentação de pontos de vista, etc.

Deste modo, Fernandes (2011) demonstra que o *facebook*, quando utilizado como ferramenta pedagógica, pode explorar e promover a elaboração no processo educativo, permitindo ainda que sejam construídas críticas e reflexões acerca de informação e conhecimento.

Preocupações neste sentido demonstram que o impacto das tecnologias na educação não depende mais simplesmente de se ter acesso a elas, mas sim de como estas serão utilizadas quando atreladas ao processo de ensino e aprendizagem. Entendendo que esses recursos não são apenas ferramentas, mas elementos colaboradores na efetivação de um processo de ensino e aprendizagem satisfatório.

Moran (2013) profere que abordagens como esta abrem caminhos para que os alunos sejam protagonistas de seus aprendizados, facilitando uma aprendizagem horizontal, ou seja,

dos alunos entre si, e das pessoas em redes de interesse, através da combinação de ambientes formais e informais (neste caso, escola e *facebook*) que permite a organização e flexibilização do processo educativo em relação à adaptação de cada aluno, correlacionando o melhor do presencial e do virtual, em múltiplos espaços e tempos.

A partir destas discussões cremos que as escolas e professores, em sua maioria, ainda não trabalham com tais recursos de forma satisfatória, algo já tem sido feito em relação à inserção das tecnologias nas escolas, políticas públicas já efetivam a inserção de computadores, notebooks e *tablets*, mas a abordagem didático-pedagógica ainda deixa precisa ser revisada em muitos aspectos.

Neste sentido, no tópico posterior veremos como o ambiente da escola e a prática docente podem ser redimensionados, de forma a tornarem-se tecnologias culturais quanto à inserção e ao uso do *facebook* no processo de ensino e aprendizagem.

### 1.3 TECNOLOGIAS CULTURAIS – POR UMA REDIMENSÃO DA ESCOLA E DO PROFESSOR

A modernização que se dissemina na sociedade, e o uso massivo das tecnologias da informação e comunicação têm impactado a vida das pessoas através do uso destes recursos e possibilitado maior mobilidade e flexibilidade as relações humanas e suas extensões.

Embora essa realidade já esteja presente em nossa sociedade, mesmo que por vezes inconscientemente, é notório que a escola ainda não acompanhou de forma satisfatória o ritmo de modernização, dinamismo e inovação que já permeia a vida dos alunos cotidianamente.

Muitas são as razões para que a inserção e o uso didático-pedagógico do *facebook*, por exemplo, ainda seja visto como um vilão ao processo de ensino e aprendizagem, e não como um subsídio.

Masseto (2000, p. 133) afirma que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso das tecnologias visando tornar o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente e eficaz”.

É oportuno destacarmos que, algumas vezes, a própria formação do professor não o prepara para a utilização didático-pedagógica destes recursos, alguns sequer dominam as funcionalidades básicas das ferramentas. Além disso, algumas escolas também não oferecem o aparato tecnológico necessário para a efetivação de propostas inovadoras.

Deste modo, a formação do professor e as escolas devem capacitá-lo e dar possibilidades não somente para o domínio das ferramentas tecnológicas básicas, mas também para o uso efetivo das redes sociais, que já é cotidiano na vivência dos alunos.

Menezes (2009) propõe que a escola e o professor não podem estar alheios às inovações geradas pelo uso das redes sociais, visto que a inserção e o uso destas já fazem parte do cotidiano dos alunos e, também, são realidades já encontradas no espaço físico da escola, mesmo sem a devida abordagem didático-pedagógica, já que os alunos fazem uso das redes sociais através de seus dispositivos móveis no ambiente escolar, e, algumas vezes, até da sala de aula.

Em contrapartida, percebemos a necessidade de que sejam tomadas iniciativas para melhoria do processo de ensino aprendizagem, como também para a garantia não somente do acesso dos alunos à escola, mas também a permanência.

Neste viés, é fundamental que os professores procurem trabalhar explorando suas possibilidades, organizando os recursos que estejam disponíveis e adequando suas propostas pedagógicas à realidade e aos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, o próprio professor, as estratégias a serem desenvolvidas e os objetivos a serem atingidos podem ser também considerados o que Simon (2012) trata como tecnologias culturais, visto que o professor estrutura e governa novas formas de trabalho e ações locais, que, de certa forma rompem com o já estabelecido convencionalmente, e proporcionem novos caminhos promissores aos processos de ensino e aprendizagem, sendo assim colaboradoras para alunos e professores.

Nessa linha de pensamento, Hayles (1990, p. 265) *apud* Green e Bigum (2012, p. 210) conceitua o pós-modernismo cultural como “a compreensão de que aqueles elementos que sempre foram pensados como sendo os componentes invariantes essenciais da experiência humana, não são fatos naturais, mas construções sociais”.

Nesse contexto, o conceito de tecnologias atrelado ao conceito de pós-modernismo, não se restringe ao uso das TIC'S no âmbito educativo, mas também em como o uso desses recursos, desprendendo esforços de escolas e professores, pode agir como um elemento questionador, reflexivo e transformador em relação aos valores, impostos ou não, as identidades moldadas na escola, aos conteúdos aos quais tem acesso, tal como as estruturas de poder social e político, já representada e, por vezes, impostas, na vivência dos alunos.

Para isto, o processo educativo deve ser compreendido como algo que vá além dos muros da escola. A forma que se vê e que se faz nas escolas com as tecnologias precisam ser

revistas, refletidas e redesenhadas, levando em consideração as demandas da sociedade pós-moderna e trabalhando um novo tipo de sujeito/aluno, mais crítico, reflexivo e cidadão.

### 1.3.1 Uma nova escola?

Libâneo (2011, p. 59) aponta a necessidade de uma “proposta educacional, de um projeto cultural e educativo que tenham origem num projeto de gestão de sociedade”. Ou seja, as propostas fundadas e colocadas em prática na escola devem levar em conta a posição do sujeito na sociedade em que vive e nas formas em que ele é e pode ser capaz de gerir sua sociabilidade.

Dessa forma, o espaço físico da escola não pode mais ser visto como o único lugar onde se aprende e se ensina, e onde os sujeitos tem contato com informações e constroem conhecimentos. Tal como, o conhecimento trabalhado e as abordagens dos contextos políticos, sociais, econômicos, etc., vistos na escola não devem ser impostos como verdades absolutas, mas considerar as experiências e contribuições provenientes do contexto dos sujeitos alunos.

Com isso, “a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir” (MORAN, 2013, p. 31).

Vale salientar ainda que apesar de toda modernização, a escola ainda se fecha para inovação e se afunila num sistema educativo e num currículo engessado passando para os alunos a ideia de que todos os conhecimentos da escola são verdades absolutas e não passíveis de reflexões, assim como, que todo conhecimento ao qual tem acesso fora da escola é menos importante, ou até inútil.

De acordo com Fava (2014):

É verdadeiro que a escola é uma instituição que há 5 mil anos se funda no falar/ditar do docente, nos escritos alfarrábios do discente e, há quatro séculos, em uso moderado de material didático impresso. É certo também que, apesar de os teóricos venderem a educação centrada na aprendizagem, mesmo com o advento da tecnologia, o foco permaneceu centrado no ensino (FAVA, 2014, p. 190).

Desse modo, a escola precisa entender que há a emergência de um processo educativo que tenha como foco principal a aprendizagem, o sujeito aluno, e não mais apenas o ensino, tendo como papéis principais os professores e a escola. Agora, o sujeito/aluno passa a ser o



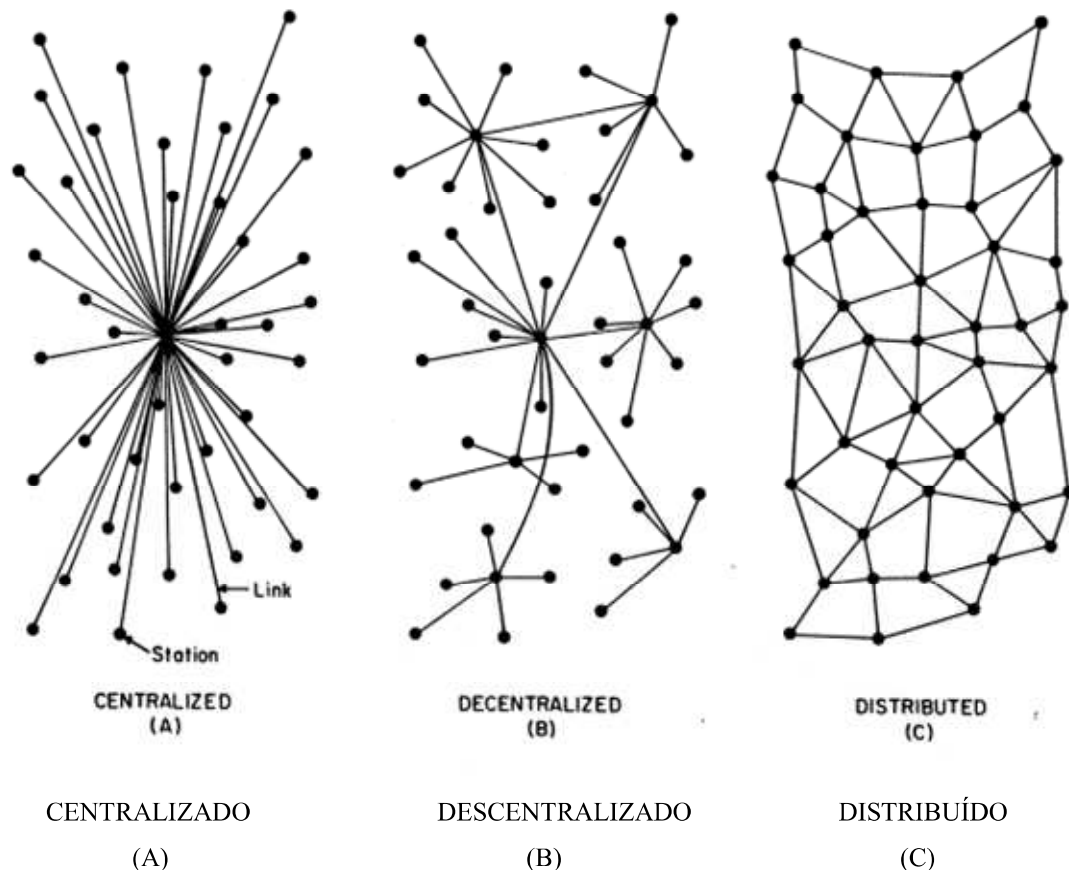
foco do processo de ensino aprendizagem, tendo um papel mais ativo. Assim, a escola deve abrir mãos de meios que proporcionem a efetivação dessa nova perspectiva.

Esses novos meios correspondem ao que Green e Bigum (2012) argumentam dizendo que “o currículo tende a se desvincular da escola, o que impõe uma reconceptualização que seja feita de acordo com as condições modernas e para as condições pós-modernas” (p. 209).

No cerne deste âmbito, verificamos também que, como ponto de partida, as salas de aula, ainda tidas como tradicionais precisam ser redimensionadas, trabalhando em conjunto com as transformações a serem efetivadas na escola e no currículo.

Para ilustrar a estrutura das salas de aula, podemos verificar os diagramas de rede de comutação de pacotes de Paul Baran (FAVA, 2014, p. 89):

Figura I – Diagramas de rede de comutação de pacotes de Paul Baran



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul\\_Baran](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Baran)

A partir da figura acima, Fava (op. cit) compara as salas de aula tradicionais com o diagrama centralizado (A), onde o professor ainda é tido como centro de tudo e de todos, o único detentor do saber, enquanto os estudantes são passivos em relação aos ensinamentos do docente. No diagrama descentralizado (B) ocorrem comunicações informais, diferenciadas,

com aprendizagens que ocorrem de maneiras diferentes, mas só no diagrama distribuído (C) são apresentadas as relações do processo de ensino aprendizagem que se almeja, onde a aprendizagem não ocorre apenas no ambiente físico da escola, mas em redes, em todo lugar e em qualquer tempo e espaço.

Diante do exposto, consideramos que o diagrama distribuído (C) pressupõe uma aprendizagem que correlacione o virtual e o presencial, numa perspectiva de redes, sendo estas, portanto, sociais, dirimindo a distância entre professores e alunos, e entre alunos-alunos, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais colaborativo e real, indo inclusive além do ambiente físico da escola, sendo capaz de gerar uma aprendizagem em redes que envolvam não somente aqueles que fazem o processo educativo dentro da sala de aula, mas também a comunidade, num aprendizado que ocorra em qualquer hora e em qualquer lugar e que relacione os conteúdos abordados com a vivência cotidiana.

A efetivação de um novo modelo de escola, tal como descrito neste tópico, necessita do empenho e esforço daqueles que fazem e refazem continuamente o processo educativo. Nesta perspectiva, uma redimensão da escola exige também uma redirecionamento do papel do professor.

### 1.3.2 Um novo docente

É necessário ainda que se redesenhem as atitudes docentes juntamente com as transformações a serem efetuadas na escola.

Não se concebe, assim, um modelo de professor que se imponha como único detentor do saber e que não esteja aberto à novas descobertas, novas experiências, inclusive, protagonizadas pelos alunos.

O docente também necessita adotar uma postura mais flexível e trabalhar em parceria com os alunos, sendo mais que um mero transmissor de informações e/ou conhecimentos, mas um mediador da aprendizagem. Tornando-se assim também uma tecnologia cultural, favorecendo a quebra de paradigmas e contribuindo para que os alunos sejam mais ativos em relação não somente a aprendizagem da escola, mas também à realidade e ao contexto em que estão inseridos.

Segundo Libâneo (2011) uma nova atitude docente pressupõe:

A ajuda do professor para o desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve alunos, ensina-os a

argumentar, abre espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos de modo que tragam para a aula sua realidade vivida (LIBÂNEO, 2011, p. 31).

A adoção de uma nova postura docente passaria a ver os alunos não somente meros alunos, mas como sujeitos que tem uma vida cotidiana, repleta de experiências e conhecimentos adquiridos, sendo assim sujeitos pensantes e capazes de agirem ativamente.

A redimensão da atitude docente é um dos elementos principais para que o uso da tecnologia no ambiente escolar ocorra de forma satisfatória, sendo assim, é importante também que o docente adote uma postura de colaborador, estando sempre próximo de seus alunos e disposto a ajudar, colaborar e partilhar, sendo não somente aquele que ensina, mas também aquele que aprende constantemente.

O uso do *facebook*, especificamente, sendo colaborador ao processo de ensino e aprendizagem, corresponde ainda a um caminho de aproximação e interação entre alunos e professores.

Para Moran (2012):

Um professor que se mostra competente, humano, afetivo, compreensivo atrai os alunos. Não é a tecnologia que resolve esse distanciamento, mas ela pode ser um caminho para a aproximação mais rápida: valorizar a rapidez, a facilidade com que crianças e jovens se expressam tecnologicamente, ajuda a motivá-los, a querer se envolver mais (MORAN, 2012, p. 81).

Ou seja, o uso das tecnologias da informação e comunicação, e do *facebook*, por exemplo, não significa a substituição do papel do professor. Inserir novos recursos e novas abordagens no ambiente da escola não pressupõe que a responsabilidade e importância do professor sejam deixadas de lado, até porque, o uso da tecnologia exige um maior planejamento, e uma maior preocupação com o enfoque daquilo que é ou não importante para o processo educativo.

Diante disso, Masseto (2013) destaca que:

O professor assume uma nova atitude. Embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar, o mais das vezes ele vai atuar como orientador das atividades do aluno, consultor, facilitador, planejador e dinamizador de situações da aprendizagem, trabalhando em equipe com o aluno e buscando os mesmos objetivos. Em resumo: ele vai desenvolver o papel de mediador pedagógico (MASSETO, 2013, p. 142).

Creemos que através dessa perspectiva, os professores, tal como os alunos, devem ser aprendizes constantes. Um professor atuante na era digital precisa deixar de lado a postura

rígida e abrir espaço para novas descobertas e novos caminhos para inovar o processo educativo ao qual está inserido.

Processos de ensino aprendizagem que se dão de maneira demasiadamente tradicionais, sem acompanhar a evolução da sociedade, e dos alunos, não interessam mais os alunos, na maioria das vezes, as escolas estão permeadas de alunos que não se sentem motivados, nem interessados pela forma na qual os professores abordam os conteúdos, visto que estes, algumas vezes, aprendem o mesmo conteúdo escolar de uma forma mais dinâmica e inovadora fora da sala de aula.

O processo educativo e o trabalho do professor deixam de ser algo linear e estático, seguindo rigorosamente o currículo e os conteúdos, mas adentram novas possibilidades, possibilitando a negociação de significados, a parceria entre professores e alunos, como também entre alunos e alunos.

O professor é peça chave para que a escola consiga acompanhar o avanço da sociedade, e dos alunos, sendo capaz de reavaliar a dinâmica do processo educativo e de agir pró-ativamente na execução de propostas que tornem o ambiente escolar e o processo de ensino aprendizagem mais agradável e proveitoso.

Moran (2012) metaforiza ao comparar a atividade docente de alguns professores com roteiros de viagens, já pré-programados e previsíveis. Ainda segundo o autor, a sociedade em que estamos inseridos, em rápida mudança e com informações sendo disseminadas a todo o momento, não permite que sejam ensinados apenas caminhos previamente programados, mas navegações repletas de novidades e riscos, que deixem de lado as certezas que por muito tempo se pensava que existiam.

### 1.3.3 Eis o fim da escola e do professor?

É importante pontuar que o uso de novos recursos atrelados ao processo de ensino e aprendizagem não pressupõem, nem anunciam o fim e a diminuição da escola, e do papel do professor.

A abordagem e o uso de novas ferramentas, e o trabalho com novos modos de pensar, de agir, de questionar e de argumentar através do uso do *facebook*, não diminuem a importância da escola, enquanto instituição, nem do docente, como organizador e especialista em sua área de atuação.

Porém, os modos em que ainda se fazem a maioria das escolas, das salas de aulas e dos processos de ensino aprendizagem não tem sido suficientes para manter os alunos

motivados e interessados em frequentar a escola, pelo contrário, a maioria das escolas tem sido frequentada por grande parte de alunos que ali estão por obrigação, e não por prazer.

Fava (2014) afirma que:

O docente, similar ao camaleão, precisa conhecer, adaptar-se às características, ao comportamento e à forma de aprendizagem de cada nodo sob sua responsabilidade. Significa que o professor deve estar ciente de que a educação padronizada e igual para todos é coisa do passado (FAVA, 2014, p. 90).

O modelo enraizado ao processo educativo, e ainda presente na maioria das escolas, em que os alunos são tratados como seres passivos não é mais suficiente, porém, a escola ainda é importante, pois é nela que se organizam e se sistematizam os principais aprendizados dos alunos, é onde se constrói a cidadania, onde os alunos devem entender, refletir e questionar acerca da realidade e do contexto em que estão inseridos.

É na escola, inclusive, que os alunos podem aprender a utilizar as tecnologias da informação e comunicação de uma maneira mais autêntica, satisfatória e engrandecedora à sua vida escolar, e social.

De acordo com Libâneo (2011):

Descaracterizar o sentido da aprendizagem escolar em decorrência da presença das inovações tecnológicas é obviamente um equívoco. O valor da aprendizagem escolar está, precisamente, em introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais que supõem a relação docente (LIBÂNEO, 2011, p. 67).

Compreendemos assim que a rápida disseminação das tecnologias na sociedade atual, e a conseqüente inserção destas no ambiente da escola não são sinônimos da diminuição da importância da escola e do professor, muito menos um prenúncio do seu fim.

A abordagem escolar é importante na busca de significados para a tecnologia, e para as informações que nela circulam, sendo capaz de guiar os alunos na busca, análise e reflexão, questionamento e atribuição de significado pessoal em relação ao que se tem acesso, e ao que se aprende.

Moran (2012) enfatiza que:

A sociedade evolui mais do que a escola e, sem mudanças profundas, consistentes e constantes, não avançaremos rapidamente como nação. Não basta colocar os alunos na escola. Temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino (MORAN, 2012, p. 8).

Devemos assim entender que a escola, enquanto instituição, deve trabalhar em correlação com as tecnologias, um não exclui a importância da outra, mas enfoca ainda mais a importância de um processo educativo que leve em consideração as inovações presentes no cotidiano dos alunos, favorecendo não somente o acesso dos alunos na escola, como também sua permanência.

Essas abordagens não significam milagres, nem modelos prontos que sanem todas as falhas que o processo educativo ainda apresenta, mas podem funcionar como alternativas para o desenvolvimento de uma escola, e de um processo de ensino aprendizagem mais satisfatório.

Bettega (2010) corrobora com essa ideia quando diz que o fato de utilizar recursos tecnológicos no ambiente da escola não resolverá os problemas do ensino e aprendizagem, mas pode ser um caminho para tornar as aulas mais dinâmicas e criativas.

Assim, percebemos que a escola continua sendo importante na formação dos indivíduos, tal como, o papel dos docentes tem importância fundamental na efetivação de um processo de ensino aprendizagem satisfatório, mesmo que a escola não seja o único lugar onde se ensina e onde se aprende, e mesmo que as informações e os conhecimentos estejam cada vez mais democratizados.

Porém, o sujeito/aluno deve ser cada vez menos dependente da atuação do professor, como também do ambiente físico da escola, como lugar de aprendizagem, sendo capaz de agir de maneira mais autônoma, autonomia esta que não significa solidão, isolamento, mas que implica uma aprendizagem menos dependente do professor, e mais crítica e ativa.

#### 1.4 PROMOVENDO A AUTONOMIA DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Embora a autonomia seja um tema bastante discutido atualmente, ainda não podemos afirmar que seu conceito seja em sua totalidade estático, definido. Por vezes, o conceito e o sentido da autonomia permanecem no campo das ideias e das afirmações retóricas, em que muitos discutem acerca dele, mas poucos conseguem entendê-lo efetivamente e pô-lo em prática.

Como ponto de partida, podemos dizer que a palavra autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio, capacidade para fixar suas próprias regras. (STUKER, 2003). Ou seja, um ser humano autônomo é aquele que, de certa forma, governa a si próprio.

Podemos, ainda, observar o conceito de autonomia encontrado por definição no Dicionário da Língua Portuguesa: “Autonomia é a situação de quem tem liberdade para pensar, decidir e agir; independência. Situação de quem administra a si mesmo sem interferência externa (diz-se de um país, uma instituição, etc.)” (AULETE, 2004, p. 82).

Por esta definição e seguindo a noção de autonomia, Piaget (1987) afirma que significa ser governado por si mesmo. Sendo assim o oposto de heteronomia, que significa que uma pessoa é governada por outra pessoa, sem autonomia de si.

As concepções citadas acima nos remetem a conceitos de autonomia bastante semelhantes entre si, mas que nos oferecem um sentido amplo e genérico do significado desta, deixando lacunas quanto à real importância da autonomia.

Entendemos que tais conceituações nos levam a observar a autonomia por um prisma diferente do real, pois o conceito exposto inicialmente nos remete a algo isolado e independente, ou ainda a organização individual de processos, vista como total liberdade de controles alheios.

Porém, o fato de governar a si próprio de acordo com suas próprias leis, não significa, obrigatoriamente dizer que estas atitudes serão isoladas, ou até individualistas, mas sim que podem vislumbrar meios que permitam que sejam colocadas em práticas atitudes mais críticas e reflexivas, e menos dependentes do que já se concebe convencionalmente.

Deste modo, este conceito não está relacionado à individualidade e/ou trabalho independente tanto quanto parece. Tal como afirma Contreras (2002) quando diz que a autonomia não significa isolamento, visto que esta não é viabilizada possível sem o apoio, à relação e o intercâmbio.

Neste sentido, almeja-se a construção de uma autonomia que não signifique independência, mas que seja reflexo de um trabalho interdependente entre os diversos participantes do processo. Para Pinto (1998) quando diz que “O ser humano não é um ser isolado, ele é intrinsecamente um ser de relação” (p. 17).

Ainda relacionado ao conceito de autonomia como interdependência e sistema de relações, mas não independência, pode-se verificar as contribuições de Barroso (1996) quando afirma que:

A autonomia é um conceito relacional (somos sempre autônomos de alguém ou de alguma coisa) pelo que a sua ação se exerce sempre num contexto de interdependência e num sistema de relações. A autonomia é também um conceito que exprime um certo grau de relatividade: somos mais, ou menos, autônomos; podemos ser autônomos em relação a umas coisas e não o ser em relação a outras. A autonomia é, por isso, uma maneira de gerir, orientar, as diversas dependências em

que os indivíduos e os grupos se encontram no seu meio biológico ou social, de acordo com as suas próprias leis (BARROSO, 1996, p. 17).

As palavras de Barroso nos fazem identificar na autonomia uma característica de mutabilidade, ou seja, a autonomia não é algo pronto, estável e já presente nos seres humanos, mas sim algo em constante construção de acordo com os valores, fatores sociais e crenças.

Podemos assim dizer que as pessoas diante de diferentes situações, contextos e valores agem também de formas diferentes que caracterizam ou não a construção da autonomia diante destas situações diversas.

Contreras (2002) afirma que “a autonomia, no contexto da prática de ensino, deve ser entendida como um processo de construção permanente no qual devem se conjugar, se equilibrar e fazer sentido muitos elementos” (p. 193). Assim entendemos que neste ambiente de constante construção de indivíduos autônomos torna-se necessária a constante interação entre os sujeitos, como também a manutenção de um ambiente e de situações diversas que proporcionem essa construção.

Acreditamos que a definição de autonomia como algo estático e finalizado não corresponde ao sentido real da autonomia, já que não se trata de uma capacidade natural que uns possuem e outros não. Como já citado anteriormente, a autonomia deve estar relacionada ao sentido de processo constante, de construção e mutabilidade, tendo em vista que o ser humano está em constante mutação e participando de situações diversas que o condicionam ao exercício ou não da autonomia. Tais situações podem através do uso da autonomia serem meios de tomada de decisões competentes, como ainda nos mostra Contreras (2002):

A autonomia, entendida como a não ingerência de estranhos, tendeu a ser construída fundamentalmente pelo direito de defender uma capacidade individual para tomar decisões competentes, um atributo pessoal que, uma vez possuído, autorizaria a tomar decisões que se sustentariam no reconhecimento e aceitação pública de tais capacidades (CONTRERAS, 2002, p. 196).

É nesta perspectiva que a tecnologia e o *facebook*, devem ser inseridos e utilizados em sala de aula, atuando como elementos que permitam não só a potencialização do processo de ensino aprendizagem, como também a construção permanente de uma autonomia dos alunos de ensino médio que perpassem os muros da escola, os auxiliando a agir de forma crítica e reflexiva, mas não aceitando passivamente contextos, valores, e supostas verdades, até então impostas.



#### 1.4.1 Autonomia e escola

Diante do exposto anteriormente, verificamos que a escola deve ser um espaço aberto a novas possibilidades, que favoreça a construção da autonomia dos alunos, inclusive, através do uso do facebook, e que não seja uma instituição que limite a capacidade de pensar dos sujeitos, nem que castre as possíveis indagações que estes tenham em relação ao contexto em que estão inseridos socialmente, como também ao processo de ensino aprendizagem que fazem parte.

O espaço da escola, não se restringindo ao ambiente físico da sala de aula, precisa transformar-se em locais de socialização e problematização que criem situações que gerem atitudes de aprendizagem autônomas, menos dependentes do papel do professor, como aquele que sabe mais.

É importante, como registrado nas Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2002), que os alunos sejam capazes de utilizar sua autonomia, inclusive, para realizar buscas na internet, e possíveis compartilhamentos de informações, sendo protagonistas do processo de ensino aprendizagem e mantendo-se atualizados e informados, podendo utilizar essas informações além da escola.

Além disso, o estímulo ao aluno e a atribuição de responsabilidade em relação às atividades, discussões e reflexões a serem desenvolvidas pode ser um caminho promissor à promoção da autonomia, selecionando informações pertinentes, organizando-as e estruturando-as de modo coerente.

Dessa forma, os alunos tornam-se sujeitos de seu aprendizado, adquirindo competências que perpassem a escola e cheguem à vida.

Colocam-se assim como exceções práticas pedagógicas que não abram espaço para que os alunos se posicionem, construam seu próprio conhecimento de forma autônoma e reflexiva, sabendo agir de forma coletiva, e respeitando a opinião e contribuição dos colegas e demais participantes do processo de ensino aprendizagem, que não problematizem, não gerem debates, questionamentos, ponderações.

De acordo com Leivas (2008):

Para que esse tipo de posição passe a se tornar exceção, torna-se cada vez importante que os educadores do século XXI construam nas escolas “espaços de estudo, discussão e/ou reflexão sobre métodos e técnicas que enfatizem a criatividade, a curiosidade, a exploração, a descoberta, a motivação, a autonomia...” (LEIVAS, 2008, p. 82).

Compreendemos ainda que o uso das redes sociais, e do *facebook*, especificamente, atrelado ao processo de ensino aprendizagem é um elemento contribuinte na criação de situações que favoreçam que o aluno se posicione de forma autônoma e criativa.

A diversidade de recursos e materiais que circulam nesta rede social, tal como a seleção de materiais específicos, em relação a disciplinas e/ou objetivos das escolas podem provocar condições favoráveis ao debate, ao questionamento, a saída da condição de passividade, para uma situação ativa, crítica e cidadã.

Quanto aos auxílios que o uso das novas tecnologias pode ter no ambiente da escola, Libâneo (2011) pontua o desenvolvimento do pensamento autônomo, vejamos:

As mídias apresentam-se, pedagogicamente, sob três formas: como conteúdo escolar integrante das várias disciplinas do currículo, portanto, portadoras de informação, ideias, emoções, valores; como competências e atitudes profissionais; e como meios tecnológicos de comunicação humana (visuais, cênicos, verbais, sonoros, audiovisuais) dirigidos para o ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, implicando, portanto, efeitos didáticos como: desenvolvimento de pensamento autônomo, estratégias cognitivas, autonomia para organizar e dirigir seu próprio processo de aprendizagem, facilidade de análise e resolução de problemas (LIBÂNEO, 2011, p. 70).

Reiteramos assim que promover a autonomia dos alunos de ensino médio, atrelada ao uso das redes sociais, corresponde não somente à inserção de novas ferramentas e recursos, mas também à novas formas de abordagem de conteúdo que possam integrar positivamente as várias disciplinas componentes do currículo, além de favorecer ainda o envolvimento dos conhecimentos científicos com elementos presentes no cotidiano dos alunos, dinamizando a comunicação e desenvolvendo a maneira de pensar e agir autonomamente, organizando e sistematizando pensamentos e estratégias, refletindo, argumentando e conduzindo seu próprio processo de ensino aprendizagem da maneira mais viável e satisfatória, em relação a estilos diferentes de aprendizagem.

Para tal, a prática e a promoção da autonomia na prática educativa deve ser um exercício permanente, em que docentes e alunos devem demonstrar uma postura curiosa, aberta e provocativa. Desafios devem ser o foco do processo de ensino aprendizagem, através de experiências estimuladoras, onde os alunos entendam que além de alunos são sujeitos sócios-históricos-culturais e reflitam acerca da realidade e do contexto em que estão inseridos, sendo capazes assim de traçar suas trajetórias e tomar decisões com responsabilidade, respeitando-se mutuamente.

De acordo com Freire (1996), o trabalho com a autonomia constitui uma prática educativa preocupada com a dimensão social da formação humana, onde o amadurecimento é

elemento principal, já que não significa um favor concedido ao outro, mas uma questão ética onde a dignidade, a autonomia, a curiosidade, o gosto estético, as inquietudes, a linguagem e as identidades devem ser respeitadas.

Ainda nesta perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 2013) no artigo 35 da seção IV, expõe como uma das finalidades do Ensino Médio “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (p. 24).

Conforme vimos acima, é imprescindível que a escola seja um lugar que favoreça constantemente a construção da autonomia dos alunos, e que os docentes trabalhem com ética e responsabilidade para viabilizar a construção desta, mudando a perspectiva do docente como único detentor do saber, e tratando o aluno autônomo não como uma ameaça, mas como um auxílio potencializador a eficácia do processo de ensino aprendizagem.

## 1.5 O USO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NA SALA DE AULA

Algumas iniciativas provenientes de políticas públicas já oferecem e garantem a inserção de computadores nos ambientes das escolas públicas. A maioria dessas iniciativas é posta em prática através da ação do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) que organiza e tornam funcionais salas de informática nas escolas.

Porém, algumas vezes essas propostas não se aplicam, na prática, da forma garantida nos documentos oficiais. Os laboratórios tornam-se inativos à medida que os computadores passam problemas técnicos e as escolas não tem recursos nem possibilidades disponíveis para consertá-los e colocá-los em uso.

De acordo com Bettega (2010) os computadores começaram a serem elementos auxiliares ao processo de ensino aprendizagem, sendo inseridos nas escolas particulares, desde o começo dos anos 1980, nas escolas públicas as ações começaram a aparecer a partir dos anos 1990, mas ainda hoje passam por problemas estruturais (técnicos) e pedagógicos.

Ao mesmo tempo, percebemos uma escola que se configura pelo uso constante de dispositivos móveis, em sua maior parte celulares e smartphones. Os alunos trazem seus celulares para o ambiente da escola, e por vezes o utilizam na sala de aula, mesmo sem o consentimento e até com a proibição por parte do docente.

Andreoli (2007) pontua que “o telemóvel atingiu uma tal omnipresença, que as novas gerações o consideram um produto da natureza, como o leite ou o tomate” (p. 23). Vale

salientar ainda que o uso dos dispositivos móveis é uma realidade que já faz parte do cotidiano de muitos alunos e professores, mesmo fora do ambiente escolar.

Myers (et. al., 2003) *apud* MARÇAL (et. al., 2005) salienta ainda que as tecnologias de computação móvel encontram-se em franca evolução. Essa evolução pode estar relacionada ao fácil acesso e aos baixos custos desses dispositivos.

A partir destes fatos, percebemos que a introdução e o uso das novas tecnologias colaboradoras ao processo de ensino aprendizagem não deve se restringir aos laboratórios com computadores. A rápida disseminação dos dispositivos móveis traz oportunidades para a criação de novos contextos de aprendizagem.

No Estado da Paraíba, temos a Lei 8.949 de novembro de 2009 que proíbe o uso de celulares nas escolas públicas, porém, há prerrogativas quando as escolas incluem em seu Projeto Político Pedagógico a possibilidade de utilizar esses recursos como um subsídio ao trabalho do professor, e conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos. (PARAÍBA, 2009)

Podemos dizer que o uso consciente dos dispositivos móveis e das interfaces que estas ferramentas oferecem, pode ser importante não somente no ambiente da escola, mas permitir ainda que os alunos sejam capazes de utilizar esses instrumentos na sociedade de forma cidadã e responsável.

Deste modo, o trabalho com dispositivos móveis no ambiente da escola, neste caso, com alunos do Ensino Médio, é também um meio de fazer com que estes avaliem e reflitam acerca da forma na qual utilizam os telefones celulares e descubram diversas outras possibilidades que facilitem a aprendizagem, como também agilizem a vida em sociedade, quando utilizados de forma responsável.

Legitimando com tais fatos, Moura (2012) afirma que “começa a ganhar força uma nova tendência no uso de tecnologias na educação denominada “*Bring Your Own Device*” (BYOD), isto é, cada um traz o seu próprio dispositivo” (p. 129).

Possivelmente, os celulares que os alunos levam para a sala de aula podem ser recursos promissores na efetivação de um processo de ensino aprendizagem inovador e dinâmico, inclusive auxiliando no acesso as redes sociais, como proposto neste trabalho, visto que estas são ferramentas de aprendizagem multifuncionais que desenharam um modelo de aprendizagem mais independente, e, conseqüentemente, mais autônoma, através da análise, reflexão e uso de informações e recursos diversos.

Neste novo paradigma, os alunos podem usar seus próprios dispositivos não somente para o lazer, mas também para o aprender.

O conceito de apropriação firmado por Carroll (2005) é importante, visto que caracteriza a familiaridade e o domínio que os alunos têm com seus próprios dispositivos, o que facilita o trabalho em sala de aula, e acentua as possibilidades no uso desses recursos agora com um novo viés, o pedagógico.

Escolas e professores podem assim rentabilizar o uso dos dispositivos móveis no ambiente da sala de aula para que o processo de ensino aprendizagem seja transformado, dentro das possibilidades, e acompanhe a dinâmica do novo tipo de sujeito formado e transformado através das redes.

Sibília (2012) considera que o uso dos dispositivos móveis funcionando em redes transforma os sujeitos não somente a nível individual, mas também a nível coletivo, essa transformação faz parte da condição de sujeitos históricos contemporâneos que modificam e são modificados pelas inovações tecnológicas que marcam cada época. Visto que os alunos/sujeitos de agora são compatíveis com as tecnologias que caracterizam os aspectos socioculturais, econômicos e políticos desta era.

Essas possibilidades dinâmicas de aprendizado por meio dos dispositivos móveis são consideradas também pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, (2014) quando propõe que as oportunidades educacionais podem ser expandidas e enriquecidas em diferentes contextos, e que embora escolas e professores ainda não tenham conseguido aproveitar de forma plena estas inovações, todas as tímidas iniciativas que forem colocadas em prática são sinônimos de impulso para as novidades vindouras, visto que é possível que os dispositivos móveis tornem-se cada vez mais sofisticados, e também mais populares.

É importante que tais iniciativas mostrem aos alunos as potencialidades no uso dos dispositivos móveis, para que estes percebam que o uso de seus celulares, tal como do *facebook*, vai além do lazer, podendo, inclusive, aprimorar as relações sociais, auxiliar no mercado de trabalho, no aprendizado, e na atualização de informações.

Essas experiências são importantes à medida que dão importância à participação ativa dos alunos não somente dentro, mas fora da sala de aula, e/ou até fora da escola, redesenhando uma aprendizagem caracterizada em desafios, reflexão, análise e possíveis resoluções de problemas e posicionamento crítico.

Para Moran (2013) tanto as escolas quanto os dispositivos móveis lidam, potencialmente, com a informação. A diferença básica é que, segundo ele, as escolas, em seus processos educativos já vigentes e sistematizados ainda privilegiam as informações estáticas, previstas no currículo. Enquanto isso, os dispositivos móveis fornecem informações cada vez

mais dinâmicas, atuais e diversificadas, capazes de instigar o senso crítico e analítico dos alunos.

Por conseguinte, ressaltamos o uso dos dispositivos móveis neste estudo, primeiro para sanar as lacunas ainda deixadas pela proposta e implantação dos laboratórios de informática, não tão satisfatórias na realidade, e ainda para acompanhar as transformações históricas que a sociedade tem sofrido, e em que as escolas e o processo de ensino aprendizagem estão inseridos.

## 2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A opção pela utilização da abordagem qualitativa de pesquisa se deu pela possibilidade de reflexão e o entendimento acerca das especificidades dos sujeitos, mostrando a contribuição que este pode trazer à compreensão do conhecimento humano, de maneira mais abrangente, mesmo não atingindo, por vezes, resultados universais e quantificáveis.

Nesse sentido, André (2005) afirma que a abordagem qualitativa surge no final do século XIX como resposta à indagação dos cientistas sociais quanto ao entendimento do método de investigação das ciências naturais como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais.

Observamos assim a preocupação com fenômenos sociais, envolvendo sujeitos diversos, fenômenos estes que são dinâmicos e complexos, que não podem ser explicados através de leis universais.

Ainda de acordo com André (op. cit.), a abordagem qualitativa deve levar em conta à interpretação dos significados, as inter-relações, a compreensão dos sujeitos e de suas ações. O universo das escolas, assim como de suas respectivas salas de aula, professores, alunos e demais sujeitos que fazem o sistema educacional estão inseridos dentro das realidades que necessitam de pesquisas em abordagens, majoritariamente, qualitativas.

É, portanto, através de pesquisas qualitativas que os pesquisadores enxergam a possibilidade de refletir, analisar, e compreender melhor as relações que se dão no âmbito da educação.

O que confere um cunho complexo a esse tipo de abordagem, visto que lidar com sujeitos diversos, que pensam, refletem, sentem e agem de formas distintas pressupõe um trabalho árduo e reflexivo.

Observamos assim o surgimento de um novo paradigma, um tipo de pesquisa que retrate a realidade das salas de aulas, que se preocupe com o conhecimento atrelado à educação, e aos sujeitos que a compõem.

Veremos no tópico a seguir conceituações acerca das pesquisas situadas no âmbito educacional, entendendo que este tipo de análise a ser enfocada a seguir vislumbram o processo de forma geral, e não apenas partes isoladas nem resultados finais, a serem caracterizados como definitivos ou não.

## 2.1 PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Em educação, as pesquisas qualitativas privilegiam o processo, ou seja, os objetivos das pesquisas que envolvem elementos ligados à educação dão enfoque às características do processo que permitam a melhor compreensão das situações abordadas.

Com essa perspectiva Bortoni-Ricardo (2008) propõe que “quando se voltam para a análise da eficiência do trabalho pedagógico, esses pesquisadores estão mais interessados no processo do que no produto” (p. 41).

Sendo, por si só, a atividade pedagógica um processo, pressupõe uma abordagem que viabilize a melhor compreensão dos sujeitos que a compõem, assim como de situações específicas, mas que podem ser relacionadas ao cotidiano de salas de aulas distintas. Pereira (2005) afirma que “toda atividade pedagógica é voltada para sujeitos” (p. 22), assim como que as pesquisas em educação “não são voltadas para objetos, mas para sujeitos”.

Percebemos assim que as pesquisas em educação são complexas e necessitam de reflexões e análises minuciosas, que se preocupem em, além de tudo, entender que estas são compostas, por sujeitos que são, em sua gênese, diferentes.

É importante ainda salientar que esse tipo de pesquisa permite que se coloque em cheque o cotidiano da educação, o trabalho do professor, tornando-o, por vezes, o próprio analista e transformador do seu fazer docente, atrelado ao conhecimento científico da área.

Sabemos que a educação é frequente e historicamente questionada, principalmente em relação às transformações sociais. Visto que, à medida que a sociedade e seus sujeitos se transformam, torna-se necessária também a transformação da escola, e da forma em que atuam aqueles que fazem educação. Além disso, os próprios sujeitos da educação são aqueles que se questionam acerca de elementos diversos no cotidiano do seu trabalho. Entendemos assim que muitas das críticas relacionadas à educação são provenientes não somente da sociedade, de forma geral, mas principalmente daqueles que fazem educação, e que almejam sanar as possíveis falhas que assolam os processos de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, os desafios da educação passam a ser também os desafios das pesquisas educacionais:

Justamente para responder as questões propostas pelos atuais desafios da pesquisa educacional, começaram a surgir métodos de investigação e abordagens diferentes daqueles empregados tradicionalmente. As questões novas vinham, por um lado, de uma curiosidade investigativa despertada por problemas revelados pela prática educacional. Por outro lado, elas foram fortemente influenciadas por uma nova atitude de pesquisa, que coloca o pesquisador no meio da cena investigada,



participando dela e tomando partido na trama da peça (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 7).

Assim, compreendemos que a pesquisa em educação corresponde a uma busca pela redimensão do processo educativo, assim como do trabalho do professor, da forma de fazer educação. Baseando-se em reflexões da prática cotidiana e da forma em que se dão os processos de ensino e aprendizagem, contribuindo ainda para o encontro de possíveis soluções para problemas identificados.

Para Bortoni-Ricardo (2008) foi no começo dos anos 1980 que dois aspectos ganharam importância em relação à didática da sala de aula, foram eles: a interação professor-aluno e a qualidade do processo de aprendizagem, a partir daí os professores se motivaram a investigar sua própria prática, analisando o fazer pedagógico, as maneiras de apresentar um conteúdo, assim como o processo de aprendizagem dos alunos.

A pesquisa em educação se dá, dessa forma, tendo como elemento principal, na maioria das vezes, o professor. Sendo o ator principal da pesquisa educacional, o professor reflete acerca do trabalho pedagógico, analisa e observa elementos atrelados à essa reflexão e a partir dessa inquietação realiza um estudo sistematizado e fundamentado em conhecimentos científicos para comprovar, ou não, as hipóteses construídas em relação aos questionamentos surgidos.

Esse tipo de professor, Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) conceitua como “professor pesquisador”, e contribui ainda que “o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática”.

Vale salientar ainda que embora se tratem de situações específicas, as pesquisas no âmbito educacional podem colaborar na melhoria de diferentes práticas pedagógicas, mesmo situadas em realidades cotidianas diferentes, para isto, é fundamental que o professor pesquisador seja fiel aos seus dados, atentando sempre para a veracidade das informações (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

A pesquisa educacional, fundamentada no fazer pedagógico, no trabalho cotidiano da sala de aula, é assim, uma forma de analisar, refletir e observar o micro, ou seja, uma realidade em específico, para melhor compreensão do macro, o fazer pedagógico.

Para este fim, Lüdke e André (op. cit.) afirmam ainda que, paulatinamente, foram aparecendo abordagens diversas, com metodologias diversas com o objetivo de realizar esse tipo de pesquisa. E assim, surgiram a pesquisa participante, a pesquisa-ação, a pesquisa etnográfica, o estudo de caso, etc.

Neste estudo, abordaremos, em específico, as pesquisas em educação com viés etnográfico. No tópico posterior, caracterizaremos os elementos da pesquisa etnográfica e seus principais postulados.

### 2.1.1 Etnografia

Como ponto de partida para esta discussão, torna-se necessária a conceituação do termo etnografia, para melhor compreensão acerca do que se trata a pesquisa etnográfica.

Segundo André (1995):

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (ANDRÉ, 1995, p. 27).

Observamos assim que a abordagem etnográfica permite que o pesquisador estude, de forma minuciosa um grupo social em específico, observando e analisando sua cultura, assim como as manifestações e os elementos que caracterizam esse grupo. Compreendemos que para que isso seja possível, é necessário que o pesquisador se insira em determinado contexto, para que possa, de maneira fiel, descrever os elementos peculiares de realidades e sujeitos específicos.

Segundo Genzuk (1993) a etnografia favorece olhar de perto, baseando-se em experiências pessoais e em participação, e envolvendo três formas de coleta de dados, sendo eles: a observação, as entrevistas e os documentos, e três tipos de dados, que são: citações, descrições, excertos de documentos, resultando no que se caracteriza como descrição narrativa.

A partir disso, torna-se viável que o pesquisador se insira de fato nos contextos, conhecendo os sujeitos e suas especificidades de forma abrangente, permitindo o detalhamento das informações, a partilha de situações diversas, e assim, a otimização na coleta dos dados.

Reiterando essa perspectiva, Laplatine (2007) diz que a etnografia nasce “a partir do momento no qual se percebe que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa” (p. 75).

Dessa forma, percebemos que o etnógrafo precisa conhecer o outro, o que dá grande importância ao trabalho de campo, e aos instrumentos que possam auxiliar no tangente dos objetivos.

O etnógrafo, no contexto educacional, passa a ter como princípios básicos as tarefas da descrição densa (GEERTZ, 1978), objetivação participante (BOURDIEU, 2004) e observação participante (SPRADLEY, 1980), com o objetivo de analisar e interpretar os dados acerca dos contextos e sujeitos a relatar.

Através desses princípios, o pesquisador torna-se capaz de focar as especificidades, mas retornando e dando importância ao geral. Sendo assim, as teorias abordadas e os estudos etnográficos não se bifurcam, mas sim se complementam. Além disso, permitem ainda que o pesquisador estabeleça uma compreensão objetiva acerca do objeto e que seja capaz de realizar uma análise através de uma participação em um grupo estranho, ou seja, a participação é ativa, mesmo sendo realizada em um grupo estranho.

Para que essa coleta de dados seja satisfatória, o pesquisador precisa fazer bom uso dos recursos disponíveis. Mattos e Castro (2011) elencam como instrumentos as entrevistas etnográficas, documentos, redações, gravações em vídeo, questionários, dentre outros.

De forma sintética, Severino (2007) colabora afirmando que a pesquisa etnográfica tem como objetivo a compreensão da cotidianidade, dos processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Tratando-se, assim de um mergulho no micros social, olhado com uma lente de aumento, relacionando-se assim com o macro. Ocorrendo através da aplicação de métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa.

Essa contribuição nos permite observar a correlação entre a pesquisa etnográfica e as pesquisas em educação, visto que ambas tem como objetivo principal a análise minuciosa de situações e sujeitos em específico, e de suas características que permitam a descrição, interpretação e análise dos dados.

Os estudos etnográficos demonstram, ainda segundo Mattos e Castro (2011) “*a possibilidade de ser possível dar voz aos sujeitos do fracasso*” (p. 17). Dentre esses sujeitos do fracasso, podemos identificar os alunos que por vezes sofrem com condições menos favorecidas, e ficam à margem da sociedade, excluídos socialmente.

As pesquisas etnográficas em educação, a serem discutidas posteriormente, permitem que esses sujeitos tenham voz, viabilizando que a pesquisa seja uma forma não somente de perceber esses sujeitos, mas também de permitir sua participação ativa visando a coleta de dados e os possíveis resultados da pesquisa.

Reiterando com essa perspectiva, Mattos e Castro (2011) ainda sugerem que esse é o paradigma hermenêutico dos estudos etnográficos, que traz à tona uma nova concepção, que atrela os estudos etnográficos aos estudos na área educativa, afirmando assim que:

Fazer etnografia, portanto, é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido, é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. [...] Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 45).

Percebemos assim que essa abordagem é importante para ao observarmos, nos aproximarmos da realidade da educação, e das salas de aulas diversas, dando voz aos sujeitos que fazem os processos educativos, observando e monitorando esse grupo em específico, e construindo significados através da descrição e interpretação dos dados. Esses elementos caracterizam os estudos etnográficos na educação, abordado no tópico posterior.

### 2.1.2 Etnografia e educação

De acordo com André (1995) “o interesse dos educadores pela etnografia fica muito evidente na final dos anos 70 e tem como centro de preocupação o estudo da sala de aula e a avaliação curricular” (p. 36).

Essa análise compreende, assim, as realidades atreladas ao contexto da sala de aula, a descrição de situações cotidianas provenientes do fazer pedagógico, do trabalho do professor, e das atitudes dos alunos. Ou seja, os estudos etnográficos na educação correspondem a análise e interpretação da prática pedagógica, através da avaliação e participação ativa dos sujeitos que a compõem.

Esses estudos são, em sua maioria, provenientes de reflexões do próprio professor, que busca solucionar inquietações atreladas ao seu fazer pedagógico, ao processo de ensino e aprendizagem, essa abordagem permite que sejam redimensionadas as formas em que o professor ensina, e conseqüentemente, em que o aluno aprende.

Segundo Erickson (1990, *apud* BORTONI-RICARDO, 2008) os etnógrafos que decidem pesquisar os contextos de escolas e/ou salas de aula, devem procurar responder três perguntas, que são:

1. O que está acontecendo aqui?;
2. O que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas? Ou seja, quais são as perspectivas interpretativas dos agentes envolvidos nessas ações?;
3. Como essas ações que têm lugar em um microcosmo

como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis: o sistema local em que a escola está inserida, a cidade e a comunidade nacional? (ERICKSON, 1990, *apud* BORTONI-RICARDO, 2008, p. 41).

Dessa forma, a pesquisa etnográfica em educação não pode se valer apenas da observação participante na busca de somente descrever o ambiente e os sujeitos relacionados à sala de aula. É importante compreender ainda que esse tipo de abordagem deve preocupar-se em atrelar as descobertas de dentro da sala de aula, com o contexto sociocultural que cercam a escola e os sujeitos que fazem a educação.

Observamos que a escola e a cultura não podem ser vistas de forma separadas, já que se relacionam constantemente, e assim sendo, são mutuamente influenciadas.

Nesse contexto, Wolcott (1975) demonstra a preocupação para que a etnografia escolar envolva a concepção de ensino e aprendizagem atrelada à um contexto cultural amplo.

Essa afirmação é ainda mais visível quando percebemos que as frequentes modificações que ocorrem na sociedade, pressupõem que a escola seja capaz de acompanhar tais transformações, permitindo que o fazer pedagógico seja satisfatório não somente dentro dos ambientes escolares, mas também fora dele.

Essa rápida transformação social, aumenta a cada dia a necessidade de redimensão da escola, e dos processos de ensino e aprendizagem. Ou seja, não se concebe mais que os processos pedagógicos se baseiem em metodologias puramente tradicionais, enquanto a sociedade em que a escola está inserida tem se modificado, se modernizado.

Para isto, André (1995) afirma que a etnografia escolar não deve restringir seus princípios a descrever o cotidiano escolar, mas deve ser também um meio de reconstrução da prática escolar, redimensionando seu movimento, desvendando suas dimensões, contradições e sanando possíveis problemas identificados na efetivação do processo de ensino e aprendizagem, afirmando que o dinamismo da vida escolar não pode considerar as dimensões institucionais, pedagógicas e sociopolíticas/culturais de forma isolada.

Sendo educação e cultura elementos que se influenciam e não podem ser vistos separadamente, e, sendo os estudos etnográficos da educação um caminho para unir a teoria e a pesquisa na educação, essa abordagem passa a ter um caráter não apenas descritivo, mas também interpretativo.

Essa interpretação viabiliza a mudança em relação às práticas pedagógicas, já que envolvem reflexões e críticas provindas dos sujeitos que fazem, vivem e produzem as situações educativas.

Corroborando com essas concepções, Mattos e Castro (2011) descrevem que a etnografia educacional permite que o pesquisador seja capaz de “repensar políticas públicas e práticas educacionais na perspectiva dos sujeitos escolares e jovens em privação de liberdade” (p. 20).

Os conceitos expostos neste capítulo nos permitem compreender que as pesquisas em educação, e, especificamente, os estudos etnográficos educacionais pressupõe uma continuidade, não somente em relação ao tempo, mas também ao espaço e as observações.

Para efetivar a continuidade da pesquisa, o etnógrafo educacional utiliza recursos e instrumentos diversos, dentre eles estão as interações, entrevistas, questionários, assim como as anotações em diários de pesquisa, e que auxiliam, inclusive, na conciliação das atividades de pesquisa com as atividades da docência (BORTONI-RICARDO, 2008).

Atentaremos a seguir para as contribuições que o locus e sujeitos da pesquisa e os instrumentos de coleta de dados da pesquisa podem trazer para o trabalho do etnógrafo educacional, assim como para o desenvolvimento da pesquisa, tal como um processo.

### 2.1.3 Lócus e sujeitos da pesquisa

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria das Vitórias está situada em Mogeiro, Paraíba, município este que tem uma população de aproximadamente 13.000 habitantes, onde a maior fonte de renda é a agricultura, embora o comércio tenha se desenvolvido com o passar dos tempos.

Tal cidade, sendo situada no interior da Paraíba, possui apenas três escolas públicas que oferecem o Ensino Fundamental II, sendo uma delas situada na Zona Rural e as demais na Zona Urbana, e apenas uma delas, especificamente a escola onde realizamos essa pesquisa, oferece o Ensino Médio, por isso conta com uma clientela mista de alunos da Zona Urbana, mas em sua maioria, da Zona Rural.

A escola encontra-se localizada em uma área de fácil acesso, no centro da cidade, exceto no período chuvoso, quando se enfrenta riscos ao atravessar uma pequena ponte sobre o riacho localizado na entrada do bairro, nesta região os alunos não tem acesso a área de lazer, nem locais para a prática de esportes. Nela predominam famílias com a média de dois ou três filhos.

A clientela escolar é predominantemente de filhos de agricultores, mas também atende a filhos de comerciantes, funcionários públicos, operários, empresários, funcionários de empresas, profissionais liberais e autônomos.

O nível socioeconômico das famílias é bastante diferenciado, tanto na área urbana como na rural, variando desde famílias com bom poder aquisitivo, e outras que recebem o auxílio governamental do programa Bolsa Família.

Sendo a única escola do município que oferece também o Ensino Médio, a Escola Maria das Vitórias possui uma estrutura física abrangente, contendo 14 salas de aula, uma secretaria, uma sala de recursos, uma diretoria, uma sala de informática, uma sala dos professores, uma biblioteca, um almoxarifado, seis banheiros, um refeitório/pátio, uma cozinha, e duas dispensas, contando com um número de 55 professores, 08 auxiliares, 01 secretário, 02 vigias, 02 porteiros, 03 inspetores, 04 merendeiras, 03 auxiliares de secretaria, 02 auxiliares de informática e 01 auxiliar de biblioteca. Contando com um total de 1165 alunos, sendo 456 deles do turno da manhã.

A Escola é assistida pela Secretaria de Educação do Estado, pela 12ª Gerência Regional e seus cuidados prosseguem sob a gestão de uma direção e seus adjuntos.

Vale destacar ainda que os alunos moradores da Zona Rural precisam se deslocar de suas respectivas comunidades, mas são assistidos por uma linha regular de transportes, que os conduzem para fazer o Ensino Médio na Zona Urbana, dessa forma, a maioria dos alunos da referida escola é proveniente das áreas rurais.

O uso dos dispositivos móveis, das redes sociais, e de forma mais acentuada, do *facebook* passou a ser frequente nos mais diversos âmbitos sociais, inclusive, na escola. É normal observarmos nos corredores da escola, e também nas salas de aula, os alunos acessando as redes sociais, ouvindo músicas, tirando fotos, trocando arquivos, etc.

No ano de 2013, a direção percebeu que tal uso estava se tornando desenfreado, visto que alguns professores reclamavam que o uso do celular, e o acesso ao *facebook* estavam prejudicando o andamento das aulas. Dessa forma, decidiu-se que seria proibido o uso do celular nas salas de aulas, e demais dependências da escola, quando não utilizados com objetivos pedagógicos.

Os sujeitos pesquisados são alunos de duas turmas de 3º ano do Ensino Médio, turno manhã, na referida escola. As turmas contêm 28 e 32 alunos frequentes, respectivamente, sendo, em uma delas, seis do sexo masculino e vinte e dois do sexo feminino, e na outra sete do sexo masculino e vinte e cinco do sexo feminino. A média de idade varia entre 16 e 20 anos de idade.

Do total de alunos, apenas 17 eram moradores da Zona Urbana da cidade, os outros 43 eram provenientes dos diversos sítios, alguns deles gastavam cerca de 1 hora no percurso de

casa para a escola. Boa parte dos rapazes, e algumas moças vindas do sítio sobreviviam da agricultura, e demonstravam certo cansaço no decorrer de algumas aulas.

A maioria das moças da turma é dedicada e participa ativamente das discussões promovidas e das atividades desenvolvidas em sala de aula, em contrapartida, alguns dos rapazes não se concentram nas aulas e, por vezes, atrapalham o trabalho do professor e a participação dos colegas.

Nessa perspectiva, verificamos que quatro dos alunos pertencentes a uma das turmas praticamente não frequentavam as últimas aulas do turno da manhã, e, algumas vezes, mesmo estando no ambiente da escola preferiam ficar fora da sala de aula, apesar da solicitação dos professores para que ingressassem.

Percebíamos, com frequência, os alunos dos terceiros anos utilizando os dispositivos móveis, especificamente, os celulares, tanto nos corredores como nas salas de aula, inclusive após a proibição por parte da direção. Do total, apenas três alunos da turma não possuíam telefone celular, e apenas dois deles não permitia o acesso à internet e as redes sociais.

Alguns deles ouviam músicas em uma altura que chegava a atrapalhar outros alunos e outras turmas, e as preferências variavam entre músicas nacionais e internacionais, nos mais diversos ritmos e estilos.

Por vezes, alguns alunos ainda se retiravam da sala de aula para utilizar as redes sociais em outros ambientes, como por exemplo, banheiros e corredores. Os professores e a gestão percebiam a continuidade nas postagens, nos comentários dos alunos e na quantidade de alunos com status “online”, mesmo em horário de aula.

Porém, vale salientar ainda que os alunos, de forma geral, obtinham bons resultados nas avaliações desenvolvidas de forma contínua, mas, a falta de interesse que marcava algumas aulas da maioria dos professores, nas mais diversas disciplinas, chegava a incomodar alguns docentes.

Esse incômodo se dá, também, pela clara divisão que existe nas salas de aula, entre as moças que prestam atenção e participam com mais frequência, ocupando os lugares frontais e medianos nas aulas, e os rapazes que ocupavam o final da sala, aglomerados no canto esquerdo.



## 2.2 INSTRUMENTOS

### 2.2.1 Observação participante

Observamos anteriormente que as pesquisas do tipo etnográfico situadas no âmbito educacional têm como uma de suas características principais a inserção do etnógrafo no ambiente a ser explorado, neste caso, a sala de aula, para uma melhor e mais detalhada compreensão do contexto a ser analisado.

Geertz (2008) confirma que “uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar” (p. 13).

As percepções em relação a uma determinada rotina, só é possível à medida que o etnógrafo se insere e participa de uma dada realidade, visto que alguns elementos só são verificados através do contato direto em um contexto específico.

Nesta perspectiva, surge a importância da observação participante como um caminho que proporciona o contato real do etnógrafo com a realidade a qual deseja estudar.

Para Mattos (2011):

A observação participante compreende o estudo pela observação direta e por um período de tempo das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula (MATTOS, 2011, p. 51).

Através dessa observação são constatadas informações importantes em relação à organização e ao andamento da sala de aula, assim como da sociedade na qual a escola está inserida, atentando assim para o universo da sala de aula como parte de uma cultura que envolve sujeitos alunos, professores e demais profissionais da escola, que são partes, e, assim, permeadas pela cultura da sociedade em que determinada escola, ou sala de aula, está inserida.

A esse respeito, Mattos (2011) acresce ainda que “a observação participante, na etnografia, busca a natureza processual, as formas como as relações são construídas numa sala de aula em particular ou nas interações interpessoais desenvolvidas no âmbito escolar e social” (p. 68).

Entendemos assim que algumas características só serão identificadas e colocadas como objeto de análise à medida que o pesquisador se encontra inserido em determinada realidade e por um dado período de tempo. A sala de aula é um ambiente de ocorrências múltiplas, que engloba sujeitos diferentes, que assim, também aprendem de maneiras diferentes. Todas as peculiaridades presentes à determinada sala de aula são importantes para análise e reflexão do etnógrafo, peculiaridades estas que poderiam não ser observadas fora do contexto.

É com base nesses princípios que André (1995) enfatiza que:

A investigação de sala de aula ocorre sempre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado, pelo pesquisador. Através basicamente da observação participante ele vai procurar entender essa cultura, usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias, gravações. Os dados são considerados sempre inacabados. O observador não pretende comprovar teorias nem fazer “grandes” generalizações. O que busca, sim, é descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade (ANDRÉ, 1995, p. 37-38).

Deste modo, através da observação participante, o etnógrafo tem o objetivo de revelar significados, por vezes não tão aparentes, mas verificados, observados e refletidos a partir desta abordagem. Cabe apontar também que o objetivo principal de estudos com esse viés não é apenas descobrir um resultado, uma solução, mas descrever e analisar fatos, fundamentados em uma teoria, para que os sujeitos cheguem suas próprias conclusões.

Tanto a etnografia como a sala de aula são elementos processuais que desprendem a necessidade de um estudo intenso que leve em conta as relações que ocorrem não de maneira particular, mas construindo significados de forma contínua, mesmo que essa continuidade não demonstre, necessariamente, uma uniformidade de fatos e um possível resultado.

Tocado neste propósito, ressaltamos que a finalidade da observação participante não é meramente no que acontece, mas em como e porque acontece. Erickson (1992) ilustra que:

Dentre os aspectos que envolvem no trabalho de campo destaca-se o direcionamento do olhar do pesquisador para determinar as diferentes variações na organização das interações, os modos como os eventos interativos ocorrem e como estes se constituem em frames que delineiam tanto os modos particulares da vida dos membros do grupo investigado quanto suas experiências coletivas (ERICKSON, 1992 *apud* CASTRO, 2011, p. 68).

Nesse sentido, a observação participante não se resume apenas em observar, analisar e descrever o cotidiano, como uma fotografia estática e parada no tempo, mas também em

reinventar, reconstruir e discutir processualmente, verificando possíveis erros e redesenhando caminhos.

Há, assim, a constatação de que a observação participante é valiosa na medida em que reforça o trabalho do etnógrafo em engajar-se com seus informantes como sujeitos, ao invés de objetos.

Esse engajamento se dá, em sua maior parte, entre o pesquisador e o professor da turma estudada, acerca disso Mattos (2011) observa que a observação participante pressupõe uma atividade colaborativa, que ocorre entre o pesquisador e o professor da turma em questão, visto que as observações e análises feitas precisam do envolvimento dos agentes para que a consequente otimização do processo de ensino aprendizagem ocorra, de fato.

Ressaltamos assim que a observação participante englobando também o trabalho conjunto entre etnógrafo e professor da turma, favorece a melhor análise do contexto e uma reflexão mais aguçada, permitindo ainda que sejam feitas indagações e identificadas possíveis lacunas, que possam ser preenchidas através do redimensionamento de práticas. Porém, esse redimensionamento não é consequência do ponto de vista do etnógrafo, mas sim do que os sujeitos da pesquisa mostram e demonstram a partir de suas atitudes e relações.

Assim, Castro (2011) pontua a importância do “princípio de que o pesquisador deve ser guiado pelo olhar dos sujeitos da pesquisa” (p. 14), acrescentando ainda que através da observação participante deve-se “pensar a construção de um espaço em que o aluno é o sujeito da sua própria trajetória escolar” (p. 26).

### 2.2.2 Diário de campo

Para o etnógrafo educacional a pesquisa científica, por vezes, passa a ter um caráter árduo, tendo em vista que este precisa conciliar as atividades da docência e da pesquisa, não podendo deixar de dar importância a nenhuma das duas perspectivas.

Além disso, o pesquisador precisa se utilizar de meios que viabilizem a sistematização das informações, para que a descrição e interpretação dos dados seja facilitada.

Nessa perspectiva, o diário de campo funciona como um instrumento que favorece a prática da escrita do pesquisador etnógrafo, auxiliando-o na sistematização e organização das descobertas da pesquisa, assim como das possíveis reflexões atreladas ao processo da pesquisa em sala de aula.

Reiterando os conceitos que permeiam a prática da escrita de diários, Bortoni-Ricardo (2008) contribui que “escrever em um diário é uma prática muito familiar aos professores e é

possível fazer anotações entre uma atividade e outra, sem que isso tome muito tempo. O diário também é uma antiga prática de letramento bem consolidada em nossas culturas” (p. 47).

Assim, os diários de campo podem unir os dados descritivos e interpretativos da pesquisa, sendo capazes de retratar com fidelidade, não somente as descrições, mas também as percepções, reflexões, avaliações e especulações acerca da pesquisa.

Essa prática favorece, ainda, que o professor se identifique e se coloque como pesquisador, diante do contexto e dos sujeitos específicos a serem pesquisados.

Lewgoy e Arruda (2004) pontuam que a prática da escrita dos diários de pesquisa viabiliza “o exercício acadêmico na busca da identidade profissional e permite a realização da reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios” (p. 123-124).

Dessa forma, o diário de pesquisa permite que os papéis de profissional e pesquisador se influenciem mutuamente, e que os dados provenientes da escrita do professor possa ser uma constante fonte de informações, assim como de reflexões fundamentais para construção, desconstrução e reconstrução de elementos importantes para a pesquisa.

Vale salientar ainda que a escrita dos diários deve ser cotidiana, para que seja viável o registro e a observação de forma minuciosa, detalhada e fiel.

De acordo com Falkembac (s.d.) o diário de pesquisa deve ser organizado em três partes, que se complementam, são elas: A descrição, a interpretação do observado, e o registro das conclusões preliminares, dúvidas, imprevistos e desafios. Assim, o pesquisador torna-se capaz de estabelecer a relação entre sua observação e as reflexões feitas acerca disso, além de sistematizar todas as informações relevantes para a pesquisa.

É importante considerarmos ainda que não há regras pré-estabelecidas para a escrita do diário de pesquisa, o que realmente importa, nesse âmbito, é que o professor pesquisador seja capaz de sistematizar elementos atrelados à sua pesquisa, e identificados no momento do cotidiano da pesquisa, que não podem, nem devem passar despercebidos, pois são fundamentais para a sistematização dos elementos da pesquisa, já que englobam características do dia-a-dia da prática escolar que permeiam as observações e análises do trabalho do pesquisador.

Bortoni-Ricardo (2008) contribui ainda acerca da produção de diários de pesquisa afirmando que:

A produção de um diário de pesquisa varia muito de pessoa para pessoa, mas a literatura especializada traz sugestões para o conteúdo de diários dessa natureza. Os textos mais comuns que são incorporados aos diários são descritivos de experiências

que o professor deseja registrar, antes que se esqueça de detalhes importantes. Sequências descritivas nos diários contêm narrativas de atividades, descrições de eventos, reproduções de diálogos, informações sobre gestos, entoação e expressões faciais. Esses detalhes podem ser muito importantes. Falas do próprio professor ou de outra pessoa devem ser reproduzidas o mais fielmente possível. Além de sequências descritivas, constam também dos diários as sequências interpretativas, que contêm interpretações, avaliações, especulações, ou seja, elementos que vão permitir ao autor desenvolver uma teoria sobre a ação que está interpretando (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 47).

É mister compreender assim que mesmo elementos que possam aparentar ser detalhes sem muita importância, são fundamentais para o andamento da pesquisa, que permitem a união da teoria abordada com a realidade do cotidiano da prática escolar. Além disso, a fidelidade em relação aos dados coletados e descritos nos diários corresponde a informações importantes na posterior construção do texto oficial por parte do etnógrafo.

Nesta pesquisa utilizamos o diário de campo para registrar as impressões acerca da dinâmica da sala de aula antes e depois do uso do *facebook* através dos dispositivos móveis, descrevendo esta dinâmica, as atitudes de alunos e professores e as interações e conversas informais provocadas através da aplicação da proposta, tal como para organizar e sistematizar as informações a serem analisadas, tendo teor descritivo e reflexivo.

### 2.2.3 Etnografia virtual

Foi inserido neste estudo a contribuição da etnografia virtual à medida que as análises realizadas presencialmente no ambiente da sala de aula quanto ao uso do *facebook* através dos dispositivos móveis tornou necessária a apreciação e reflexão acerca das possíveis contribuições e produções desenvolvidas no grupo fechado, sendo um recurso presente na rede social em questão.

Deste modo, a etnografia se dá parte de forma presencial e parte de forma *online*, para que os dados sejam triangulados e analisados em relação a proposta deste estudo.

As produções *online* dos alunos são importantes para percebermos as argumentações, as interações e o desenvolvimento das atividades propostas pelo professor, tal como a participação dos alunos, e se esta participação ocorre ou não de forma colaborativa, e autônoma, sendo assim menos dependente do papel do professor.

A inserção do etnógrafo no grupo fechado onde ocorre o desenvolvimento da proposta é essencial para perceber as nuances da forma em que se redesenha o processo de ensino e aprendizagem tendo o *facebook* como um elemento potencializador. Ou seja, a observação participante ocorre não somente face-a-face, mas também de forma virtual.

Salientamos ainda que a pesquisa trata de um tema que para ser compreendido em sua totalidade precisa ser estudado e analisado também de forma *online*, para que seja visível a forma em que os sujeitos veem, definem e participam desta, estas características definem o que se conceitua como netnografia ou etnografia virtual.

De acordo com Kozinets (2014) “*a netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal*” (p. 62).

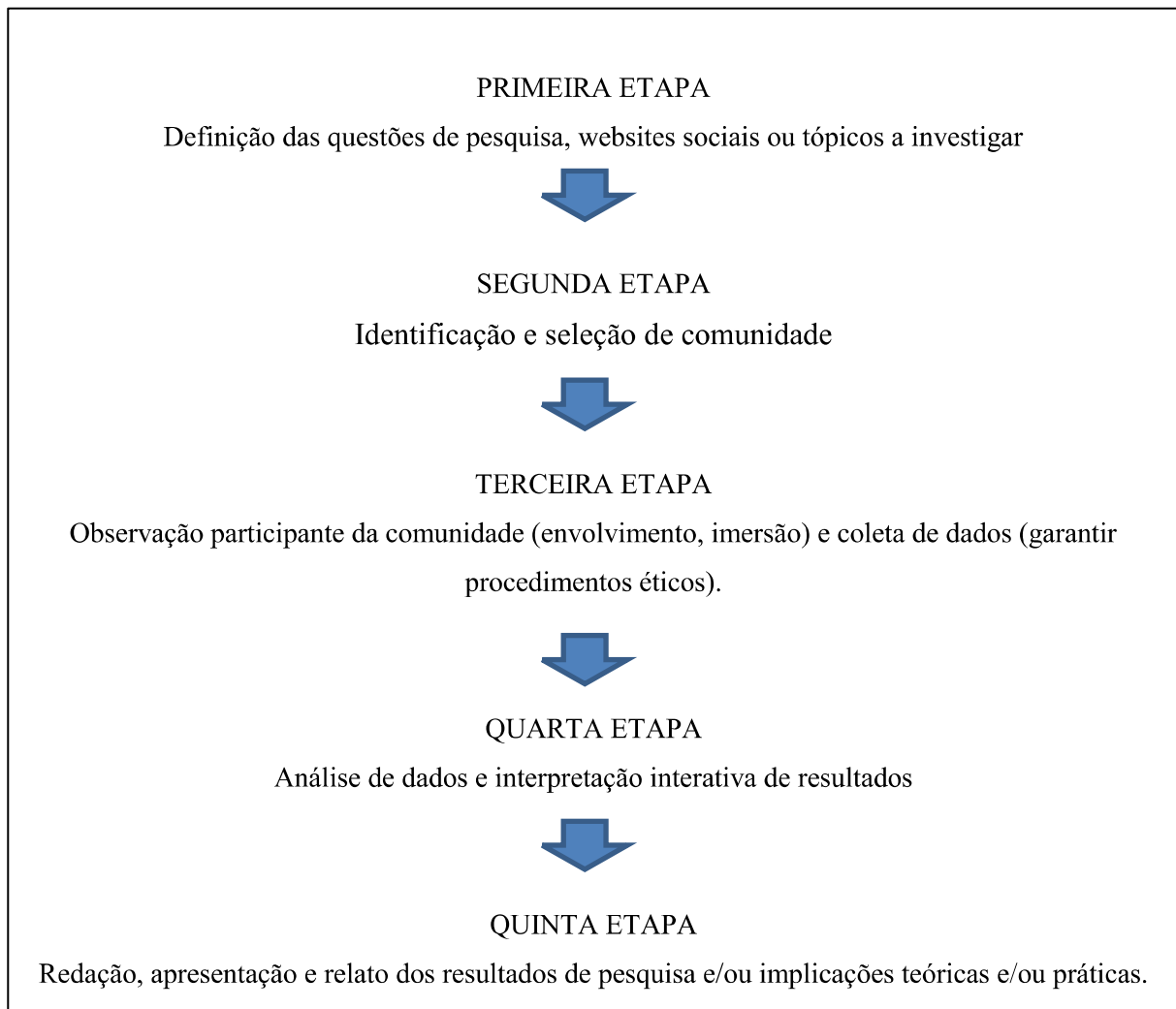
Através disso buscamos entender como os participantes da pesquisa fazem uso da proposta e como esse uso se dá na realidade, nesta etapa, são coletadas informações produzidas diretamente pelos participantes da pesquisa através das respostas e dos comentários dos participantes, e não diretamente da memória e das impressões do pesquisador.

Porém, para Hine (2004) a etnografia e a netnografia coexistem, visto que as produções *online*, mesmo produzidas em um ambiente que não é físico, “são adquiridas, apreendidas, interpretadas e incorporadas em seus espaços de ocorrência”.

Para tal, precisamos analisar as interações e produções realizadas no grupo fechado no *facebook* e analisá-las em conjunto com as interações e produções feitas de forma presencial, correlacionando os aspectos interativos ao contexto social em que foram produzidas. Assim sendo, a internet torna-se um espaço de interação acessível a investigação, mesmo não estando baseada nas relações face-a-face.

Torna-se necessário compreender que para se efetivar de forma satisfatória, essa investigação tem seguido alguns passos, descritos no fluxograma abaixo:

Figura 1 - Fluxograma simplificado de um projeto de pesquisa netnográfico.



Fluxograma simplificado de um projeto de pesquisa netnográfico – Adaptado de Kozinets (2014, p. 63).

Portanto, a netnografia atrelada aos pressupostos da etnografia tem sido um elemento contribuinte a coleta e triangulação dos dados desta pesquisa para consequente análise e interpretação das informações obtidas.

### 3 A PESQUISA – RESULTADOS

A análise da escola e dos sujeitos que compõem a realidade específica abordada neste estudo demonstra que, como propõe Menezes (2009) a escola e o professor não podem estar alheios às inovações geradas pelo uso dos dispositivos móveis e das redes sociais, visto que a inserção e o uso dos dispositivos móveis já fazem parte do cotidiano dos alunos e, também, são realidades encontradas nas escolas.

Sabemos que o uso dos dispositivos móveis, tal como do *facebook*, passou a ser frequente nos mais diversos âmbitos sociais, inclusive, ultrapassando os muros da escola.

Moran (2012) defende que tanto os dispositivos móveis quanto a escola lidam com informação, porém, para ele, a escola ainda privilegia a informação estática, pronta, enquanto os dispositivos móveis, quando conectados à internet, promovem o contato com informações mutáveis, dinâmicas, reais.

Percebemos assim que o uso didático-pedagógico dos dispositivos móveis e das redes sociais ainda não ocorre de forma efetiva, grande parte dos professores não se sente segura para a utilização destes recursos, alguns sequer dominam as funcionalidades básicas das ferramentas, porém, torna-se necessário que iniciativas sejam tomadas para melhoria do processo de ensino e aprendizagem, como também para a garantia não somente do acesso dos alunos à escola, mas para a permanência.

Sabemos ainda que a própria formação do professor não favorece que este se sinta preparado para este novo paradigma, além disso, a estrutura curricular e escolar não contempla, de forma satisfatória, o uso das novas tecnologias atreladas à educação. Neste viés, é fundamental que os professores procurem trabalhar a partir de suas possibilidades, organizando os recursos que estão disponíveis e adequando suas propostas à realidade e aos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, o próprio professor, as estratégias a serem desenvolvidas e os objetivos a serem atingidos podem ser também considerados o que Simon (2012) trata como tecnologias culturais, visto que o professor estrutura e governa novas formas de trabalho e ações locais, que, de certa forma, rompem com o convencional, e proporcionem caminhos promissores aos processos de ensino aprendizagem, sendo assim colaboradores para alunos e professores.

Através da percepção e do incômodo gerado através das reflexões ocorridas a partir das aulas na turma em questão, a proposta foi aplicada em aulas de Língua Inglesa, onde a professora da turma percebeu que poderia utilizar o uso dos dispositivos móveis, e das redes sociais, especificamente do *facebook*, como um elemento auxiliar e potencializador ao



processo de ensino e aprendizagem, mesmo que tais elementos sejam frequentemente vistos como um problema, na escola em questão.

Como ponto inicial, a professora sondou acerca da possibilidade de trazerem seus celulares para a aula e todos os alunos que possuíam celular com internet se dispuseram a trazê-los. Destes, dois que não possuíam foram informados que fariam suas atividades em duplas, com os demais colegas. Quando questionados acerca das contas pessoais para acessar a rede social *facebook*, todos os alunos informaram que as possuíam.

Assim, a professora solicitou que os alunos trouxessem seus celulares para sala de aula na próxima aula de Língua Inglesa, informando que a Gestão da escola estava ciente do procedimento. Tal decisão pelo uso do dispositivo móvel na escola foi essencial para o desenvolvimento do estudo, visto que, Masseto (2000, p.133) já afirma que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e eficaz”.

A proposta inicial focava no trabalho acerca da socialização baseada em preferências musicais, sendo assim, na aula a professora pediu que a turma acessasse a rede social *facebook*, e procurasse pelo grupo “Inglês e tecnologias - Escola A”. A princípio, a professora não deixou claro quais seriam os objetivos da atividade, o que gerou especulações, como se pode concluir nos fragmentos a seguir:

### 3.1 DESCRIÇÃO DAS AULAS

#### 3.1.1 Situação 01 – Aula 01:

A euforia era visível na aula, os alunos não compreendiam exatamente o que a professora estava pretendendo com o uso dos celulares, os quatro alunos que costumavam não frequentar as últimas aulas estavam presentes com seus celulares em mãos, os demais alunos, como de costume, ocupavam as cadeiras da frente e do meio da sala. Os dois alunos que não possuíam dispositivos móveis com acesso a internet, porém, possuíam conta no *facebook*, foram colocados em duplas com os colegas. Tratava-se da última aula do horário, mais curta que as demais, com duração de 20 minutos.

*Professora: Bom dia, meninos, sentem-se, por favor... Gente, por favor, vamos sentar. Psiu, oh... Se vocês não prestarem atenção e não me ouvirem não vão entender o que faremos com os celulares.*

*Aluno 01: Eu já tô é no facebook.*

Professora: Muito bem, aluno 01, nós vamos usar o facebook mesmo na nossa aula de hoje.

**(silêncio geral)**

Professora: Gostaria que vocês procurassem aí um grupo fechado que o nome é “Inglês e tecnologias – Escola A”.

**(A professora escreve o nome do grupo fechado no quadro negro, os alunos focam suas atenções nos dispositivos móveis, à procura do grupo em questão.)**

Professora: Quando encontrarem o grupo e enviarem a solicitação me avisem para que eu aceite aqui no meu celular. Aliás, alguém não sabe como procurar o grupo?

Aluno 02: Acho que não sei não.

**(Alguns alunos dão risadas)**

Aluno 03: É só tu procurar naquele “quadrado” que a gente pesquisa as coisas, logo em cima.

Aluno 02: Sim, e depois?

Professora: Depois que você encontrar o grupo, aqui do lado direito (professora aponta com o dedo, mostrando no seu dispositivo) é só apertar em participar do grupo, e eu vou aceitar aqui sua solicitação, entendeu “Aluno 02”?

Aluno 02: Consegui professora.

Aluno 04: O meu não abriu ainda não, affff, essa internet é uó.

Professora: Paciência, “Aluno 04”, a internet está lenta mesmo.

Alguns alunos (ao mesmo tempo): Consegui Professora!

**(Professora aceita as solicitações no seu dispositivo móvel avisando aos alunos que já foram aceitos, e, assim, já participam do grupo).**

Professora: Os que já conseguiram enviar a solicitação vejam a postagem que eu fiz aí e vão tentando responder, individualmente, qualquer dúvida me perguntem.

**(A postagem questionava acerca das preferências musicais, e solicitava que os alunos postassem os nomes de artistas internacionais, de músicas e/ou até mesmo de trechos de músicas preferidas, na Língua Inglesa).**

Aluno 05: Pode ser qualquer música né professora? Se for em Inglês?

Aluno 02: Que legal! Amei!

Aluno 01: Quero colocar mais de uma, tem muito cantor internacional que é Fo----.

Aluno 01: Mas eu não sei escrever em Inglês não, como é que vou responder isso?

Aluno 06: Procura no Google, otário!

Professora: Gente, “Aluno 06”, por favor, respeite seu colega, evite esses tratamentos, por favor! Pessoal, vocês podem pesquisar no Google, ou até mesmo em outras páginas ou grupos no face, caso não queiram errar na escrita das palavras, ou do nome do artista.

Três alunos (ao mesmo tempo): Eu já fiz.../ Eu também.../ Eu já sabia o nome professora, gosto muito dessa música, não precisei procurar não.

Professora: Quem já terminou, pode ir ajudando seus colegas mais próximos, mas por favor, não façam muito barulho.

Aluno 05: Professora, sem “condição”, a internet não deixa fazer nada não, tu conseguiu “Aluno 04”?

Aluno 04: Quase que não consigo, mas tá indo.

Aluno 01: Professora, eu achei o vídeo da música aqui no youtube, posso postar também?

Professora: Claro que pode “Aluno 01”, só assim seus colegas podem ouvir e ver a música da sua preferência, faça uma nova postagem, não responda no mesmo post, fica melhor pra visualizar.

Aluno 01: Ok prof.

**(Nesse momento a aula toca e os alunos começam a levantar e se direcionar a porta)**

Aluno 05: Ah professora, vou fazer isso mais não, essa m---- de internet não deixa, vou fazer mais não.

Professora: Hey, turma, esperem um pouco. Olha só, quem não conseguiu terminar aqui, pode fazer a atividade em casa, vocês podem pesquisar outros recursos da internet, caso não saibam escrever as palavras, pesquisem e treinem a escrita. Tchau. Até a próxima aula.

Percebemos que a interação foi favorecida através do trabalho no grupo do *facebook*, não somente a interação virtual, mas também a interação social. Os alunos nomeados “Aluno 01” e “Aluno 06” eram dois dos quatro alunos que se isolavam no canto esquerdo da sala, e algumas vezes fugiam para não assistir a última aula. Na maioria das aulas, estes alunos evitavam participar das discussões, porém, foram capazes de interagir e contribuir na aula através do uso do *facebook*. Como, por exemplo, no trecho: “*Aluno 01: Quero colocar mais de uma, tem muito cantor internacional que é Fo----./ Aluno 01: Mas eu não sei escrever em Inglês não, como é que vou responder isso?/ Aluno 06: Procura no Google, otário!*”

Grande parte dos alunos demonstrou interesse e realizou as atividades com muita rapidez, expondo suas preferências musicais, sem hesitar e sem pensar em críticas ou preconceitos. Dessa forma, foram expostos os mais diversos gêneros e estilos musicais, como também os mais diferentes artistas, variando do romântico ao rock pesado.

Para Patrício e Gonçalves (2010) o *facebook*, especificamente, “é um ambiente informal em que os estudantes se sentem à vontade para comunicar, partilhar e interagir”, sendo assim, atualmente, um local de constante troca de informações entre os alunos, e de possíveis construções de conhecimento.

Nesta perspectiva, observamos ainda que os demais alunos, embora não estejam citados no fragmento exposto acima, estavam atentos aos seus dispositivos e realizando a atividade com atenção e dedicação. Verificamos ainda que os que terminaram antes foram capazes ainda de ajudar seus colegas sentados mais próximos.

No final da aula, quando os alunos foram embora, a professora verificou no seu dispositivo quantos dos alunos haviam conseguido realizar a atividade inicial no *facebook* com sucesso, e constatou que 21 dos alunos conseguiram atingir os objetivos propostos. Em alguns dos comentários havia pequenos erros na escrita das palavras, como também algumas trocas de letras nos nomes dos artistas. Os demais alunos realizaram a atividade em até 03 dias posteriores à aula.

Segundo Braga (2013) os grupos do *facebook* podem ser abertos ou fechados, e favorecem a organização e interação de grupos de usuários, viabilizando assim o trabalho em pequenos e/ou grandes grupos na escola.

A proposta da professora se adéqua ao que propõe Braga (op. cit.), pois a mesma utilizou grupos fechados buscando sistematizar os integrantes em um objetivo em comum, viabilizando novos caminhos no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa.

Entendemos ainda que as contribuições e propostas dos alunos acerca do uso do *Google* e do *Youtube* foram importantes na compreensão de que o uso dos dispositivos móveis, conectados à internet, como também das redes sociais favorece a dinâmica através do uso de aplicativos e recursos diversos.

Ainda de acordo com Braga (2013), o *facebook* oferece diversos recursos que viabilizam a publicação de textos multimodais e a formação de redes interativas, facilitando ainda a categorização e localização de informações.

### 3.1.2 Situação 02 – Aula 02:

*Professora: Bom dia, gente! Como estão? Vamos sentando... “Aluno 01” sente direito, saia do braço da cadeira, por favor.*

*Aluno 01: Calma prof.*

*Aluno 02: Vamos usar o face hoje?*

*Aluno 03: Vamos professora?*

*Professora: Não, meninos, hoje eu trouxe uma música pra vocês, pra vocês conhecerem a minha preferência, mas vamos ouvi-la e trabalha-la aqui, depois vocês terão a missão de continuar esse estudo que vamos continuar hoje no face, só que em casa.*

*Aluno 04: Pense como vou fazer tarefa no facebook em casa!*

*Professora: Aluno 04, você terá alguns dias pra realizar isso, e vai ser legal, você pode consultar até outros recursos no seu celular, como fez na aula passada com os dicionários online e o youtube, lembra?*

*Aluno 04: Melhor que uma prova né?*

***(Aluno 05 pede licença e entra na sala dez minutos depois do início da aula, ele é um dos quatro alunos do fundo, chega com o celular na mão).***

*Aluno 05: Diga aí o que é pra fazer hoje, prof.*

*Professora: Guarde seu celular, Aluno 05, não utilizaremos ele aqui na sala hoje.*

***(Conversas paralelas afirmando que a professora deveria continuar com as atividades no facebook em sala de aula)***

*Professora: Pessoal, silêncio, vou dizer o que quero de vocês antes de começar a atividade com a música que trouxe. Em casa vocês irão pesquisar a letra dessa música que vamos trabalhar hoje e cada um vai observar duas novas palavras, que você nunca viu no inglês, e vocês vão traduzir essas palavras formando um vocabulário coletivo no facebook, lembrem, cada um deve contribuir com duas palavras.*

*Aluno 06: Pode usar o dicionário?*

*Aluno 02: Pode ver no Google?*

*Professora: Sim, pessoal, vocês podem usar os muitos recursos que vocês tem nos celulares e podem usar outros recursos também, mas ainda tem outra coisa.*

*Aluno 05: Outra? Tá danado...*

*Professora: É simples, Aluno 05, vocês irão escolher uma das músicas dos artistas preferidos dos colegas de vocês, que postaram na aula passada do face, e vão fazer um comentário sobre qual estilo vocês acham que a música é e do que vocês acham que a música trata, ou seja, o que vocês acham que a música tá dizendo, entenderam?*

*Alguns alunos: Ok.*

***(A aula continuou com a atividade da música que a professora tinha planejado, sem celular, sem facebook).***

Na atividade a ser desenvolvida em casa, a professora percebeu que a participação não foi tão efetiva quanto à primeira, realizada em sala de aula, do total de alunos, 19 deles realizaram as atividades, em contrapartida, a interação ocorreu de forma muito mais dinâmica, e o trabalho com o vocabulário foi maravilhoso, tal como as socializações e impressões sobre as músicas expostas pelos colegas na atividade inicial.

Na aula 02, descrita acima, a professora poderia ter utilizado os celulares como elemento auxiliar na aula, mesmo tendo trazido uma música, e uma atividade em relação a ela, poderia ter passado a música para os dispositivos dos alunos, e aproveitado dinâmica já desenhada desde a aula 01, visto que a animação e o envolvimento dos alunos permaneciam vivos.

É observável ainda que, embora se tratando de uma proposta inovadora, a escola não oferece a infraestrutura necessária para a plena realização, a conexão com a internet permanece como um problema a ser superado, a escola não dispõe de rede *wifi* e os alunos utilizam a internet fornecida pelas operadoras.

Percebemos, ainda, que os alunos foram capazes de socializar e respeitar acerca da diversidade musical exposta na postagem inicial no *facebook*, como também de aprender e expor novo vocabulário, de assistir e comentar novos vídeos, em atividades que aconteciam não somente nos ambientes da escola, mas também em outros espaços da sociedade, em seu cotidiano.

### 3.2 UM OLHAR SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES NO GRUPO

As atividades desenvolvidas no grupo fechado no *facebook* se dividiam em duas seções: Algumas foram realizadas no próprio ambiente da sala de aula, outras eram solicitadas para que fossem feitas fora da escola, com um tempo pré-determinado para finalização.

As propostas realizadas no ambiente da sala de aula complementavam as abordagens feitas pelo professor, algumas vezes em relação a conteúdos gramaticais específicos, outras vezes trabalhando a leitura na Língua Inglesa, e ainda refletindo acerca das contribuições que as novas tecnologias da informação e comunicação trazem para o ambiente da escola e da sala de aula.

Comprendemos que este trabalho não se resumiu a utilização do *facebook* como ferramenta didático-pedagógica, mas como um elemento que promoveu também a reflexão, compreensão e discussão acerca das transformações histórico-culturais que a sociedade vem passando, transformações estas que também modificam a dinâmica da escola e das salas de

aula. Deste modo, esta proposta agiu também como um caminho para o exercício pleno da cidadania e para a compreensão de que as redes sociais são, além de propiciadoras de lazer, favorecedoras de debates e aprendizados múltiplos acerca não somente de conteúdos curriculares, mas de aspectos que nos caracterizam como sujeitos no contexto contemporâneo em que vivemos.

Assim, o *facebook* evoluiu do conceito de uma “rede social” para o de “serviço social”, que engloba uma gama de novos e emergentes recursos, facilitando a co-criação de conteúdo compartilhável e também o compartilhamento social de material externo (PEARCE, 2014).

Vejamos a proposta abaixo onde a professora solicitou para que os alunos criassem um vocabulário coletivo envolvendo palavras relacionadas com internet, informática ou outra tecnologia, onde estas palavras deveriam ser em Inglês.

Imagem 01 – Proposta de criação de vocabulário coletivo



Transcrição do texto da imagem 01:

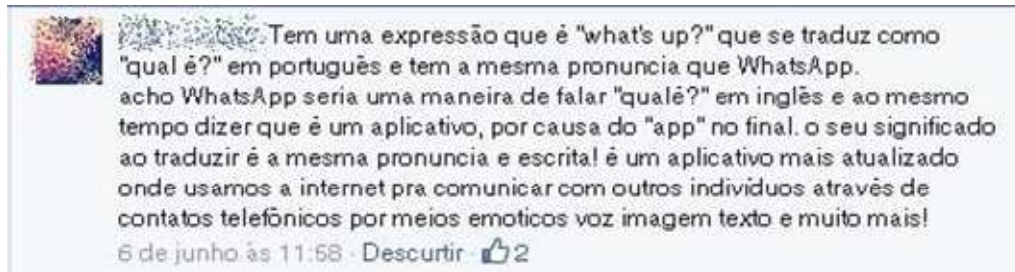
“Lets create a “Coletive Internet Vocabulary”!

Each one of you should choose ONE word related to internet, informatic or another technologie. This word must be IN ENGLISH, and you should also explain the meaning of this word.

Observation: Words CAN NOT be repeated. Each one of you should find a word different from the others. You have until June, 10 (:”

Algumas contribuições:

Imagem 02 – Contribuição do aluno



Transcrição do texto da imagem 02:

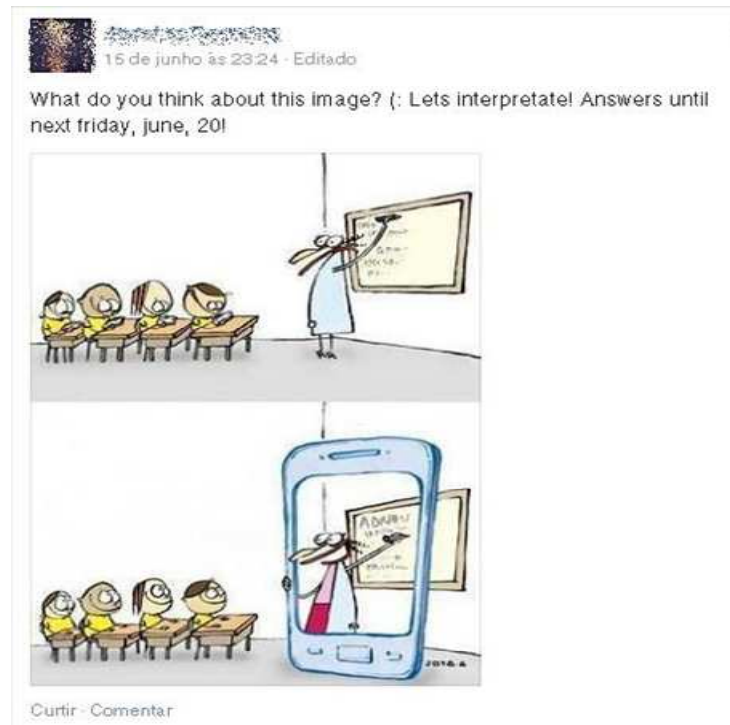
“Tem uma expressão que é “what’s up?” que se traduz como “qual é?” em português e tem a mesma pronuncia que WhatsApp. acho WhatsApp seria uma maneira de falar “qual é?” em inglês e ao mesmo tempo dizer que é um aplicativo, por causa do “app” no final. o seu significado ao traduzir é a mesma pronuncia e escrita! é um aplicativo mais atualizado onde usamos a internet pra comunicar com outros individuos através de contatos telefônicos por meios emoticos voz imagem texto e muito mais!”

Verificamos que o aluno foi capaz de identificar uma palavra em Inglês e contribuir com a formação coletiva do vocabulário, palavra esta relacionada com tecnologia, da qual ele faz uso em seu cotidiano (Imagem 02). Porém, ele foi além da proposta da professora, quando fez uma interpretação e argumentou quanto a relação do nome do aplicativo (WhatsApp) com a expressão da Língua Inglesa (What’s up?)

Esta contribuição demonstrou um aprendizado autônomo do aluno, visto que este desenvolveu sua resposta de forma criativa e relacionada com o cotidiano e com os recursos aos quais faz uso cotidianamente, sem precisar da intervenção direta do professor.

A proposta a seguir teve como objetivo principal a leitura e interpretação na Língua Inglesa, como também a capacidade de argumentação e de análise da imagem presente na atividade. Vejamos:

## Imagem 03 – Proposta de leitura e interpretação



Transcrição do texto da imagem 03:

“What do you think about this image? (: Lets interpretate! Answer until next Friday, june, 20!”

Algumas respostas:

Imagem 04, Imagem 05 e Imagem 06 – Interpretações e argumentações dos alunos

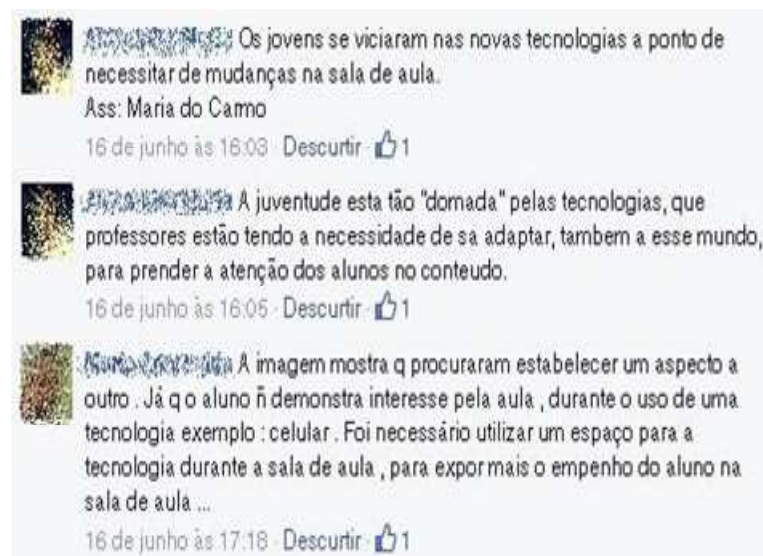


Imagem 04



Transcrição do texto da imagem 04:

“Os jovens se viciaram nas novas tecnologias a ponto de necessitar de mudanças na sala de aula”.

Ass: Maria do Carmo

A juventude está tão “domada” pelas tecnologias, que professores estão tendo a necessidade de se adaptar, também a esse mundo, para prender a atenção dos alunos no conteúdo”.

A imagem mostra q procuraram estabelecer um aspecto a outro. Já que o aluno n demonstra interesse pela aula, durante o uso de uma tecnologia exemplo: celular. Foi necessário utilizar um espaço para a tecnologia durante a sala de aula, para expor mais o empenho do aluno na sala de aula...”

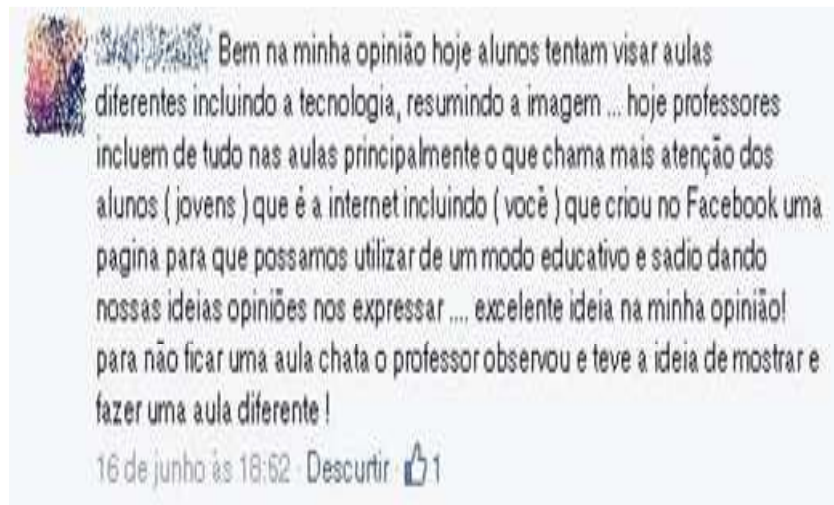


Imagem 05

Transcrição da imagem 05: Bem na minha opinião hoje os alunos tentam visar aulas diferentes incluindo a tecnologia, resumindo a imagem... hoje professores incluem de tudo nas aulas principalmente o que chama mais atenção dos alunos (jovens) que é a internet incluindo (você) que criou no Facebook uma página para que possamos utilizar de um modo educativo e sadio dando nossas ideias opiniões nos expressar... excelente ideia na minha opinião! Para não ficar uma aula chata o professor observou e teve a ideia de mostrar e fazer uma aula diferente.

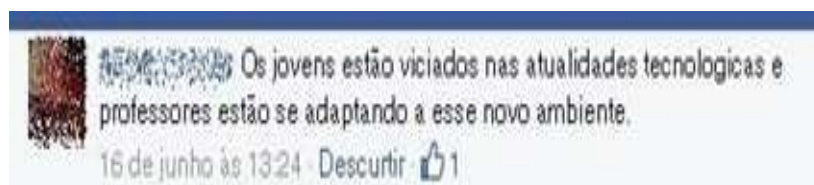


Imagem 06

Transcrição do texto da imagem 06:

“Os jovens estão viciados nas atualidades tecnológicas e professores estão se adaptando a esse novo ambiente”.

A análise das respostas obtidas acima permite o entendimento de que os próprios alunos entendem e expressam a necessidade da inserção de inovações no ambiente da sala de aula, auxiliando o trabalho do professor e o aprendizado dos alunos, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais real, dinâmico e inovador.

De acordo com Eve (2014) o *facebook* oferece a possibilidade de ajuda mútua e de assistência social, cultural e afetiva envolvendo comunicação e colaboração entre os pares, trabalhando juntos, e esse trabalho, com viés educativo, é favorecido através do uso dos grupos.

Vejam as contribuições abaixo, onde os alunos foram levados a identificar e selecionar trechos de uma determinada música que tivesse semelhança com algum aspecto de sua vida real, porém, a professora solicitou que os trechos não se repetissem.

Deste modo, a contribuição da Aluna A demonstra dois aspectos importantes. O primeiro deles é a colaboração com os colegas que, mesmo com o tempo estipulado pela professora, não conseguiriam realizar a atividade, por problemas de conexão, e recorreram aos colegas para que postassem suas respostas.

Verificamos na imagem que a Aluna A postou a resposta da colega que não conseguiu realiza-la através do seu próprio *facebook*, identificando a resposta através do nome da aluna no final da postagem.

Imagem 07 – Colaboração na execução das atividades



Tradição do trecho da imagem 07:

“ALUNA A: you’re still the one I run to the one that I belong to. Tradução: você ainda é o único para o qual eu corro o único a quem eu pertenço. Eu escolhi essa frase porq achei bonita e mim chamou muita atenção por ela dizer você é o único para o qual eu corro e o único a quem eu pertenço, isto sim é que ser amor de verdade. Por: Leidiane

ALUNO B: You’re still the one I run to the one that I belong to, você ainda é o único para o quale u corro, o único a quem eu pertenço.

ALUNA A: A frase de Esmanel não vale porq ele colocou a mesma q eu fiz a de leidiane e eu postei mais primeiro”.

Porém, a seguir, o Aluno B, possivelmente por falta de atenção, repetiu a resposta dada pela Aluna A, o que não era permitido no direcionamento da professora, no início da atividade.

Prontamente, a Aluna A, ao ler as demais respostas, verificou que o aluno tinha repetido e fez uma nova postagem expressando que a resposta do Aluno B não seria válida, visto que este havia repetido algo que já havia sido contribuído anteriormente.

Assim, o segundo aspecto importante demonstrado pela Aluna A foi a atenção e leitura das contribuições dos colegas, o que nos leva a crer que o objetivo dela não se limitava a cumprir com a atividade indicada pela professora, mas de aprender e ter contato com outras contribuições expostas pelos seus colegas.

É importante salientar ainda que as atividades desenvolvidas através do uso do *facebook* através dispositivos móveis demonstram um grande nível de autonomia por parte dos alunos, visto que estes demonstraram interesse em discutir e colaborar, e para tal, buscavam meios diversos, e disponíveis em seus dispositivos móveis, que ajudassem na compreensão dos textos e na elaboração de argumentos e respostas.

Paiva (2012, p. 37) explana que “autonomia pode ser entendida como o controle que cada um exerce sobre sua aprendizagem ou como a capacidade de aprender a aprender e de escolher suas próprias estratégias de aprendizagem”.

O ambiente físico da sala de aula, especialmente no ensino de Língua Estrangeira em escolas públicas, ainda enfrentam alguns obstáculos, as escolas não oferecerem recursos que incentivem o trabalho com mídias diversas, algumas vezes, os alunos sequer têm dicionários disponíveis, o que, na maioria das vezes, tem acentuado e sistematizado um ensino de Língua Inglesa puramente focado na gramática e no livro didático.

O uso do *facebook*, bem como dos demais recursos disponíveis nos dispositivos móveis abrem caminho para novas ferramentas e novas possibilidades de contato com a Língua, desde textos diversos, tradutores até músicas, vídeos e imagens que estimulem e cooperem na compreensão. Enquanto que a professora tinha um papel mediador e colaborador, esclarecendo dúvidas e dando *feedback* em relação as respostas apresentadas.

Salientamos, que as propostas discutidas neste estudo evidenciam que o uso das redes sociais, especificamente do *facebook* através dos dispositivos móveis, contribui para a efetivação de um processo de ensino aprendizagem colaborativa, instigando um trabalho que trate alunos e professores como parceiros, na partilha de informações e consequente construção de conhecimentos.

### 3.3 UTILIZANDO SITES DE PESQUISA

Os alunos puderam ainda utilizar os sites de pesquisa, através de seus dispositivos móveis, inicialmente, as turmas foram divididas em dois grandes grupos, que pesquisaram respectivamente sobre “dados sobre o uso da internet” (*Important things about internet*) e “dados sobre o uso de aplicativos” (*Important things about apps*) entre os jovens. Após a pesquisa, essas informações foram postadas no grupo fechado do *facebook*.

De acordo com Camargo e Soares (2012, p. 105) “O celular, por ser um aparelho móvel de fácil mobilidade e ser constituído por várias funções, torna-se o principal instrumento tecnológico levado a escola pelos alunos”.

As imagens a seguir demonstram uma organização de sala de aula que foge ao que corresponde as salas de aulas tradicionais, onde se espera que os alunos estejam organizados, majoritariamente, em filas, e, preferencialmente, sem manter contato com os colegas, em um aprendizado que se caracteriza pelo individualismo e pela figura do professor como aquele que mais sabe e que deve dominar não somente o conteúdo, mas também a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem.

Alguns alunos que estavam sem internet foram colocados em pares com aqueles que tinham conexão, alguns alunos rotearam a internet dos seus celulares para os celulares dos colegas.

De acordo com Sancho (2006):

A principal dificuldade para transformar os contextos de ensino com a incorporação de tecnologias diversificadas de informação e comunicação parece se encontrar no fato de que a tipologia de ensino dominante na escola é a *centrada no professor*. Em

uma sociedade cada dia mais complexa, as tentativas de situar a aprendizagem dos alunos e suas necessidades educativas na escola da ação pedagógica são minoritárias (Cuban, 1993). Como tampouco parecem prosperar as situações educativas em que se consideram as novas representações e o modo de construção do conhecimento, as formas alternativas de avaliação e o papel da comunidade nos processos de ensino e aprendizagem (SANCHO, 2006, p. 19).

Compreendemos que uma rotina e organização diversificada da sala de aula, através do uso do celular, por exemplo, ainda seja vista como um obstáculo pela maioria dos professores, principalmente porque se caracteriza como um caos, visto que, a olho nu, demonstra desorganização, conversas paralelas, barulho, interações frequentes, troca de lugares, etc.

Porém, é importante compreender que o que aparenta ser um caos, na verdade é colaboração, troca. O professor está acostumado a lidar com a estrutura da sala de aula tida como tradicional, com alunos silenciosos e quietos em seus lugares, mas precisa compreender que esse tipo de ruptura é importante para um aprendizado significativo, colaborativo e eficaz.

Na aula específica em que essas imagens foram capturadas, havia chovido o dia todo e a internet estava muito ruim, para que a atividade se efetivasse, a turma foi dividida em trios e é notável que a “Aula A” saiu do trio em que estava fazendo a atividade e foi procurar ajuda em outro trio, com os colegas, pois não conseguia salvar a imagem que gostaria de postar no grupo do *facebook* (Imagem 08).

Imagem 08 – Interação e colaboração na realização da atividade em sala



Vejam as interações ocorridas em sala de aula para mediar esse conflito:

*Aluna A: “-Não consigo salvar a imagem. Só aparece a opção de compartilhar”.*

*Aluna B: “Aperta e segura em cima da figura que dá a opção”.*

*Aluna A: “-Eu já tentei mulher, dá não, e essa internet “uó” que não ajuda”.*

*Aluna B: “-Então tenta por aí mesmo, vai em compartilhar e vê se num compartilha já no face”.*

*Aluna A: “- É mesmo, “né”? Agora foi, tem que colocar logo o grupo, “né”? Como se escreve “discussions” mesmo?*

**DIRECIONA-SE A PROFESSORA**

*Aluna A: “Profe, “discussions” se escreve assim mesmo? (Apontando para o celular).*

*Aluna B: “Não, amor, tem mais um “s” aí no “si”.*

*Aluna A: “Ahhh, ok!”*

Imagem 09 – Atividade colaborativa em sala de aula



Observamos assim a colaboração entre os trios e entre colegas que não pertenciam ao mesmo trio, quanto ao uso da ferramenta, percebemos também a identificação dos tempos verbais estudados em sala através da discussão coletiva, enfatizando as características que deveriam procurar nos verbos, para conseqüentemente identificar o tempo verbal. Deste modo, as interações passam a ser fundamentais para a construção do conhecimento.

Ribeiro (2010, p. 21) citando Magnavita (2003, p. 59) defende que “Na relação professor-aluno-conhecimento deve estar presente a interatividade, não como consequência da

presença das novas tecnologias, mas como foco, como uma característica, um requisito, para a construção do conhecimento”.

Vejamos alguns resultados das aulas utilizando os sites de pesquisa atrelado ao uso do grupo do *facebook* (Imagem 11 e Imagem 12), vale salientar que os alunos ficaram livres para realizar a postagem da maneira que preferissem, assim sendo, alguns optaram por fotografar com o celular as anotações feitas no caderno, outros já organizaram as informações no próprio *facebook* no momento da pesquisa:

Imagem 11 – Pesquisa e compartilhamento no grupo do *facebook* (Important things about internet)

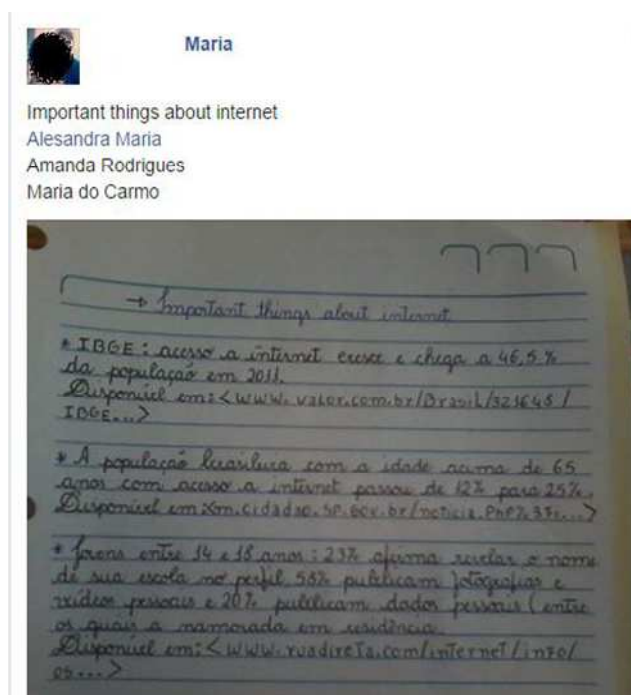
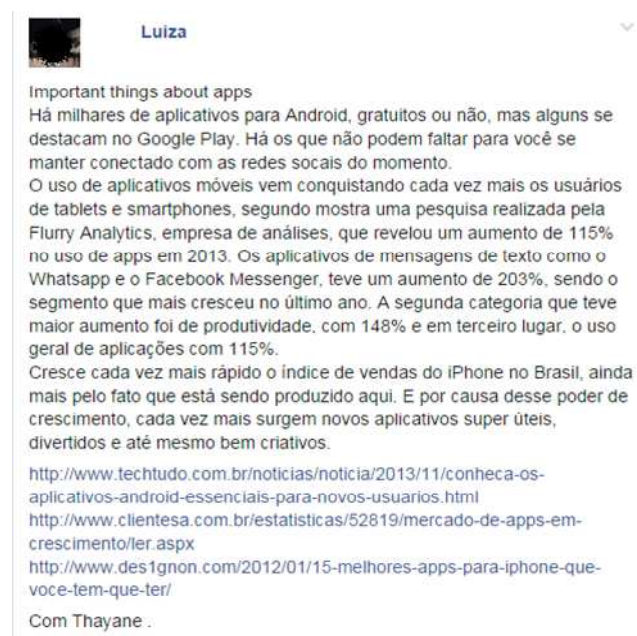


Imagem 12 – Pesquisa e compartilhamento de informações (Important things about apps)



O segundo momento de utilização dos sites de pesquisa, sistematização, organização e socialização das informações na página do *facebook* ocorreu para revisar os tempos verbais já estudados em sala de aula, através dos gêneros textuais e /ou digitais diversos, tais como tirinhas ou charges.

Foi solicitado que os alunos pesquisassem charges ou tirinhas que correspondessem aos tempos verbais básicos já explorados anteriormente na sala de aula, tais como *simple present*, *simple past*, *present continuous* e *future* (com *will* ou *going to*) (Imagem 13 e Imagem 14).

Após a pesquisa das imagens, e postagem no facebook, cada grupo iria realizar uma análise em relação as imagens postadas pelos outros grupos, identificando o tempo verbal, as características principais e a forma da sentença (afirmativa, negativa ou interrogativa):

Podemos observar algumas contribuições a seguir:

Imagem 13 e Imagem 14 – Pesquisa e atividade com os tempos verbais



Corroborando com essa perspectiva, Ribeiro e D'Andréa (2001) chamam atenção para o trabalho em equipe como um sistema educacional colaborativo e cooperativo, atentando para o fato de que a competência do indivíduo, individualmente falando, depende intrinsecamente das redes de conhecimento das quais faz parte.

Os autores ainda levantam que as novas demandas da sociedade trazem à tona também a emergência quanto ao uso de novos gêneros e atividades interativas.



### 3.4 CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O USO DA INTERNET

Paralelamente ao trabalho com sites de pesquisas, análise e socialização das informações trabalhadas, a professora promoveu um debate em sala de aula, dividindo a turma em AGAINST INTERNET (Contra a internet) e FOR INTERNET (a favor da internet) (Imagem 15 e Imagem 16).

Os alunos pesquisaram os termos AGAINST e FOR, inclusive em página e grupos no *facebook*, e organizaram argumentos para o debate, demonstraram capacidade de argumentação e reflexões interessantes acerca das contribuições e dos perigos que o uso da internet pode trazer para nossa vida e para o ambiente escolar. Os temas discutidos foram selecionados de forma coletiva.

Imagem 15 e Imagem 16– Debate em sala de aula com dados pesquisados “Contra e a favor da internet”.

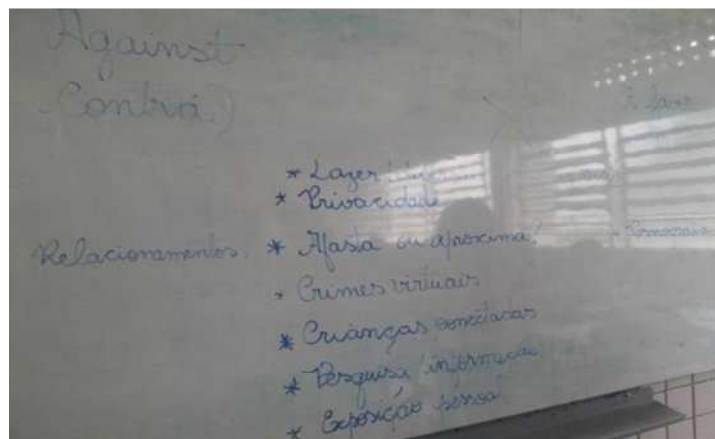


Imagem 15



Imagem 16

Após o debate, os alunos apresentaram seminários sobre os principais aplicativos da atualidade, atentando para as palavras em Língua Inglesa presentes nesses aplicativos (Imagem 17).

Para além do uso do *facebook* como uma ferramenta digital da informação e comunicação, reforçamos que é imprescindível que se coloquem os alunos, constantemente, em uma posição de protagonistas, de atores principais, permitindo inclusive que estes tenham a oportunidade de refletir, argumentar, dar opinião e estabelecer opinião crítica e fundamentada em relação à rápida disseminação das tecnologias na sociedade, tal como sua inserção nas escolas e salas de aula.

Leivas (2008) atentam para a importância de discutir-se, em sala de aula, essa nova perspectiva, juntamente com os alunos, também como uma forma de modificar substancialmente as práticas que se efetivam na escola, fugindo do risco de utilizar as tecnologias apenas como uma nova ferramenta, sem preocupar-se em modificar e revolucionar as tendências que, por vezes, não tem dado certo. De acordo com a autora:

Nesses espaços de discussão e reflexão é que os educadores podem discutir sobre a utilização e incorporação da informática no ensino, orientar o seu trabalho pedagógico de forma a definir qual a relevância e a forma de utilização dessas novas tecnologias no ambiente escolar. Isso é importante para que não se corra o risco de utilizar apenas para passar informações, tentar “ensinar” alunos passivos, dentro de uma relação interpessoal, estimulando o individualismo e a competição. É interessante que se tenha em mente que, a incorporação de novas tecnologias da informação e da comunicação, no campo de ensino, podem simplesmente reforçar as velhas e questionáveis teorias de aprendizagem e/ou produzir consequências práticas nas relações docentes, bem como, revolucionar os processos de ensino-aprendizagem (LEIVAS, 2008, p. 83).

Percebemos assim que os alunos demonstraram atitudes autônomas, inclusive, estabelecendo comentários e argumentos críticos e bem fundamentados em relação aos tópicos colocados em discussão, promovendo mudanças significativas a forma em que se concebe e em que se pratica o processo de ensino e aprendizagem, sendo atuante no redesenho e nas discussões das práticas atreladas ao contexto educacional vigente ao qual estão inseridos.

Deste modo, é importante também estabelecer meios que permitam que os alunos sejam ouvidos, não somente em relação às suas necessidades educacionais, diferenciadas e modificadas com a disseminação das tecnologias da informação e comunicação, mas também acerca de suas próprias concepções acerca dessas modificações a nível social e educacional,

sendo capazes também de explanar postostas acerca do uso das tecnologias e dos aplicativos no ambiente da sala de aula.

Imagem 17 – Apresentação de seminários



### 3.5 PESQUISA E ELABORAÇÃO DE GRÁFICOS

Paralelamente às atividades do *facebook*, os alunos realizaram uma pesquisa envolvendo os alunos e professores do ensino fundamental, médio e a sociedade em geral, incluindo pais, colegas, etc (Imagem 18 e Imagem 19).

O questionário foi elaborado pelos próprios alunos e versava acerca de opiniões quanto à inserção dos celulares no ambiente da escola, tal como das redes sociais como elemento que colabore no processo de ensino e aprendizagem.

Imagem 18 e Imagem 19 – Pesquisa e aplicação de questionários



Os resultados foram importantes à medida que permitiram que os alunos e a professora verificassem que em todos os âmbitos e com todos os públicos pesquisados (Sociedade, alunos e professores, dentro e fora da escola), o preconceito quanto ao uso das tecnologias da informação e comunicação na escola ainda é grande. As pessoas ainda não conseguem perceber o lado positivo e as contribuições que abordagens como estas podem trazer para o âmbito educacional.

Essa etapa foi importante, pois efetivou a transdisciplinaridade com os conteúdos de Matemática, com a organização dos dados coletados em questionários e sistematização em forma de gráficos. Este processo foi realizado pelos alunos e, posteriormente, compartilhados no *facebook*.

Os alunos ficaram livres para a elaboração e postagem dos gráficos no *facebook*, alguns optaram pela criação no Microsoft word, outros no Excel. E, alguns preferiram fotografar o computador para postar no grupo, outros salvaram o arquivo no excel (Imagem 20 e Imagem 21).

Imagem 20 e Imagem 21 - Produção Gráfica

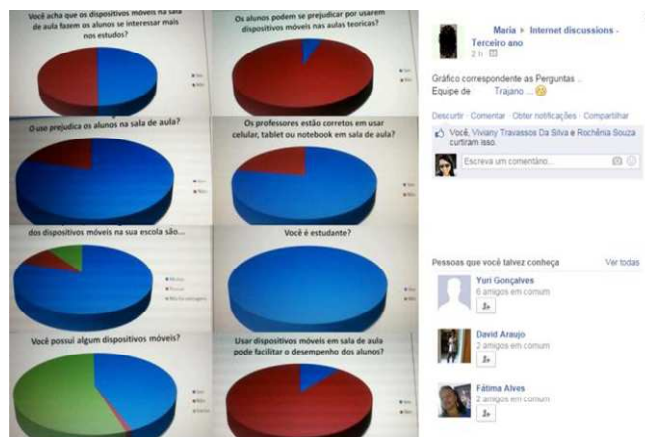


Imagem 20

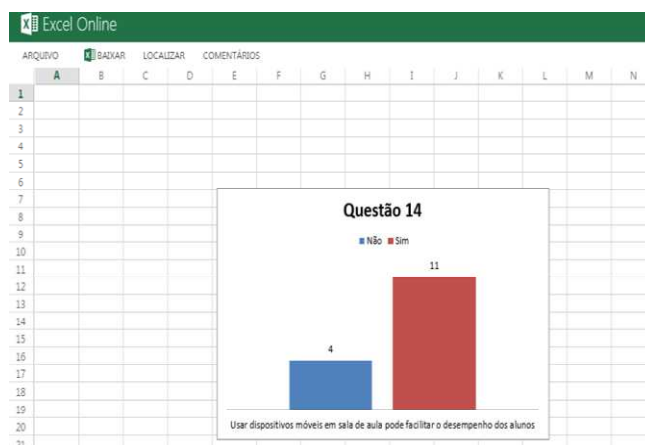


Imagem 21

### 3.6 ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Como atividade de produção textual na Língua Inglesa, os alunos utilizaram todas as informações estudadas, debatidas e socializadas nas diversas atividades desta pesquisa, e postadas no *facebook* desde o início, juntamente com os resultados da pesquisa para elaboração de cartazes que tivessem como temas: “BAD POINTS ABOUT MOBILES”, “GOOD POINTS ABOUT MOBILES” e “POSSIBILITIES USING MOBILES ON SCHOOL”.

Imagem 22 e Imagem 23 – Elaboração de cartazes com informações do grupo do *facebook*

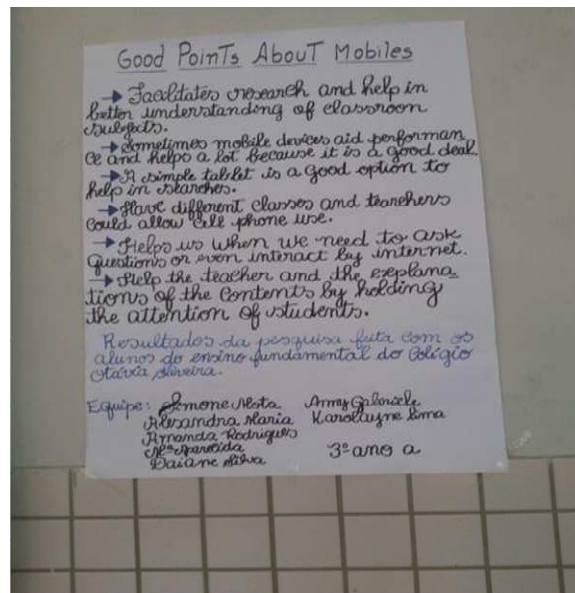


A elaboração contou com a ajuda de tradutores online e das informações anteriormente sistematizadas no *facebook*. Além disso, os alunos puderam fazer uso de páginas diversas no *facebook*, que abordavam o uso da Língua Inglesa na atualidade, tal como a disseminação das tecnologias na sociedade vigente, ingressando, inclusive, em outros grupos fechados para colher informações para elaboração dos cartazes.

A posterior exposição dos cartazes foi importante à medida que tornaram possível a reflexão, por parte da comunidade escolar, quanto à eficácia do uso das redes sociais e dos dispositivos móveis no ambiente da escola, quando bem planejados e com objetivos didático-

pedagógicos. Proporcionando uma comparação de pontos de vista, e uma possível quebra de paradigmas.

Imagem 24 e Imagem 25 – Exposição dos cartazes elaborados



### 3.7 COM A PALAVRA: OS PROFESSORES!

As atividades desenvolvidas no grupo do *facebook*, pensadas pela professora de Língua Inglesa e debatidas constantemente com a professora pesquisadora foram fundamentais para o debate promovido com outros professores, participantes de um minicurso oferecido pela professora pesquisadora e precursora desta proposta.

O minicurso envolveu apenas professores de Língua Inglesa que foram levados, inicialmente, a refletir e debater acerca de quem são os alunos e os professores atuantes no contexto contemporâneo, digital, múltiplo e complexo ao qual estamos inseridos, sendo capazes ainda de estabelecer uma relação entre as tecnologias da informação e comunicação e o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa.

Nesta etapa, salientamos que os nomes próprios expostos nos fragmentos são fictícios e não correspondem aos nomes reais das professoras participantes.

As discussões iniciais colocaram em questão os papéis das escolas e dos docentes, em uma sociedade vista cada vez mais como disseminadora de informações através das múltiplas possibilidades de aprendizado, mesmo fora do ambiente físico da escola e com recursos cada vez mais diversificados, indo bem além do livro didático.

Tomando como ponto de partida as considerações feitas pela “Docente Ana” verificamos uma preocupação com um sistema educacional que permanece estático, mesmo diante das constantes modificações que envolvem a sociedade contemporânea e digital.

Vejamos as contribuições da “Docente Ana” quando colabora afirmando que:

*“Infelizmente, a escola ainda não acompanha as transformações sociais, tudo ainda se dá nos moldes de antes, e tudo que tende a mudar ainda assusta muito. Eu não vejo o fim da escola, mas vejo que se ela não se modificar, enquanto instituição, irá ruir, sempre e mais, então algo precisa ser feito.”*

É importante, a priori, que os professores compreendam que são peças fundamentais para inserir na escola, dentro de suas possibilidades, as inovações tecnológicas presentes no cotidiano não somente dos alunos, mas também dos próprios professores.

Percebemos ainda na fala da “Docente Ana” que as inovações que permeiam o ambiente da escola e as atividades dos alunos ainda assustam quando modificam, algumas vezes sem pedir licença, a maneira na qual se dá o processo de ensino e aprendizagem. Porém, é visível também que a docente explana acerca da necessidade urgente de se redesenhar a forma em que ainda se dão os processos educativos na escola, atendendo ainda as necessidades de um outro contexto, que não corresponde mais as demandas do contexto atual.

Salientamos ainda que as propostas que já se efetivam, mesmo que sem a incidência desejada (por enquanto), ainda não se desenham de forma totalmente satisfatória, visto que na maioria das vezes priorizam a disponibilização de bons equipamentos, ou, algumas vezes, da formação de professores, deixando a desejar a real necessidade das escolas e dos alunos, de maneira integral e contextual.

Como reflete Sancho (2006) afirmando que:

A maioria dos programas institucionais de informática educativos centra seus esforços em dotar as escolas de computadores e, no melhor dos casos, oferecer cursos de formação aos professores para aprender a utilizar determinadas aplicações. Contudo, na maioria das vezes não consideram as necessidades das escolas, as limitações dos atuais currículos e os temas organizativos envolvidos no uso efetivo das TIC no processo de ensino e aprendizagem. Isto significa que a introdução das TIC na escola não promove formas alternativas de ensinar e aprender, pelo contrário, costuma reforçar as estruturas preexistentes do conteúdo do currículo e as relações de poder (SANCHO, 2006, p. 23).

Deste modo, a possível e almejada transformação do ambiente da escola engloba realidades que vão além do que se concebe por disponibilização de recursos favoráveis e/ou formação de professores, trazendo à tona também a importância do contexto social em que os

alunos estão inseridos, a cultura escolar (de realidades distintas), e o projeto educacional adequável a cada realidade e vislumbrando as características peculiares referentes à cada contexto.

Portanto, a compreensão de que a escola precisa mudar e de que o docente em fundamental importância nessa perspectiva é importante, pois permite que essas constantes modificações sejam vistas não somente em um paradigma essencialmente social, mas que envolve também elementos culturais, econômicos, políticos, etc., que fazem parte da vida dos alunos e que, conseqüentemente, precisam ser abordados, através da própria tecnologia, dentro de um viés científico, preparando o aluno não somente para o uso desses recursos dentro da escola, mas também fora dela.

De acordo com Libâneo (2010, p. 21):

Não haverá mudanças efetivas enquanto a elite intelectual do campo científico da educação e os educadores profissionais não se derem conta de algo muito simples: escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas, ter autonomia e responsabilidade, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana, ter uma autoimagem positiva, desenvolver capacidades cognitivas para se apropriar criticamente dos benefícios da ciência e da tecnologia em favor do seu trabalho, da sua vida cotidiana, do seu crescimento pessoal.

Essas considerações relacionam-se também com as opiniões da “Docente Eduarda” quando diz que:

*“Quando eu era criança, me ensinaram que aprender era uma coisa boa. Hoje, não vejo isso nos meus alunos, estudar e aprender parecem ser coisas pavorosas. Uma modificação substancial na escola e na prática docente vai reestabelecer o encanto pelo ambiente da escola e pelo ato de aprender, mas essa modificação precisa estimular o senso crítico do aluno, motivando-os a usar algo que vá além do vestibular, fazendo com que eles se autodescobram como produtores do conhecimento, como seres críticos e pensantes, permitindo que o aluno faça isso tudo sendo eles mesmo”.*

Remetemos a fala da “Docente Eduarda” aos estudos de Simon (2012) reiterando que as “tecnologias culturais”, sendo escolas, professores, TIC, etc., se relacionam diretamente com as práticas e modificações que vão além das instituições, mas refletem também elementos pedagógicos e curriculares que ao significado ao uso da tecnologia que transcenda a ferramenta em si, mas enfoque também as identidades, os valores e as características culturais do contexto vigente preparando o aluno para a vida, aprendendo, refletindo, argumentando.



Assim, a escola e os professores atuantes no mundo digital, tal como suas relações com os alunos, são também formas de estabelecimento de saber e poder.

Após isso, a discussão versou acerca da postura do professor organizador e mediador das atividades no *facebook*. Os professores, em sua maioria, caracterizaram a postura da docente atuante na pesquisa como uma profissional que rompe a barreira do que tem sido tradicionalmente colocado em prática, buscando meios que favoreçam uma aprendizagem significativa para seus alunos.

Para a “Docente Maria”, o professor atuante na complexidade da escola e que lida com alunos contemporâneos e digitais é aquele que:

*“Utiliza a tecnologia para auxiliar os alunos no processo de descobrimento/desenvolvimento da autoaprendizagem, permitindo que os alunos sejam eles mesmos, evitando a mera reprodução do que foi ministrado em sala de aula”.*

Chamamos atenção ainda para as ideias das “Docente Neide” e “Docente Anna”, respectivamente, explanando que:

*“-Esse parece ser um professor que decidiu aceitar os riscos e sair da zona de conforto, que aparenta não usar a tecnologia somente por obrigação, mas sim para ajudar os alunos a desenvolverem algo que não desenvolveriam em uma aula expositivo dialogada”.*

*“-O professor se coloca como mediador da tecnologia vivenciada pelo alunos fora da sala de aula para a inserção dessas tecnologias na prática pedagógica, ou seja, “linkando” a realidade tecnológica desses alunos com o ambiente da sala de aula, propondo também questões reflexivas que colocam o estudante frente a uma realidade “incomum” do que já havia visto em toda sua vida escolar”.*

Ribeiro e D’ Andréa (2010, p. 72) citando Coutinho e Bottentuit Júnior (2007) consideram que:

Hoje é necessário formar professores que dominem uma série de novas competências porque os desafios do futuro são enormes, entre eles a existência de um ambiente descentralizado de autoridade, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa já que cada um (e todos) é livre para aceder, utilizar e reeditar a informação.

A percepção da necessidade de mudança por parte dos docentes é primordial para a efetivação das transformações evidenciadas pelo mundo contemporâneo. Salientamos que muito ainda têm ficado nos discursos e nas ideias, por vezes, até bem fundamentadas e pensadas, mas que ainda não se efetivam nas realidades adversas das escolas.

Nesse contexto, o professor se caracteriza como aquele que, lidando cotidianamente com o processo de ensino e aprendizagem, refletindo constantemente sobre sua prática e sendo autônomo quanto as suas avaliações e decisões, é capaz de agir com eficiência e eficácia colocando em prática o que por vezes fica nas pesquisas da academia.

A mudança nas atitudes e nas experiências em relação ao “ser aluno” depende acentuadamente das atitudes e experiências atreladas ao “ser docente”, portanto, a “construção” permanente dessas posturas precisa levar em conta, principalmente, o contexto em que a escola e o sistema educacional está inserido, que não se adequam mais aos moldes de antes.

Para Fernandes (2013, p. 113):

Educadores se deparam, hoje, com a velocidade do pensamento e do raciocínio destas crianças e adolescentes da geração Z, em questionamentos, dúvidas, reflexões e ações embasadas não só em seu cotidiano real, mas também em suas vidas virtuais – no que se assiste, onde se navega e o que se aprende e se vivencia, por meio destas linguagens. Como professoras, percebemos que ângulos diferentes de percepção e análise devem se pronunciar entre educadores, telespectadores e internautas, mesmo porque a diversão, o entretenimento e o lazer são o mote primeiro da maioria da população.

Embora o aluno precise ser visto como protagonista do processo de ensino e aprendizagem, principalmente, em relação ao uso das TIC, o entendimento, a reflexão e compreensão do professor, e a atuação como um possível agente transformador é um dos elementos principais que permitem que essas inovações cheguem efetivamente até os alunos, envolvendo também a escola e todos os profissionais da educação como um corpo em comum.

As palavras da “Docente Eduarda” são importantes e vislumbram essa mesma perspectiva quando expõem que:

*“Está na hora de ambos reaprenderem: Os professores podem reaprender o valor e prazer no ato de ensinar; e os alunos podem ser apresentados à beleza e prazer contidos no ato de aprender”.*

É notório nas contribuições da “Docente Eduarda” a percepção de que, na maioria das vezes, os professores não se sentem mais motivados quanto a profissão que exercem, talvez como uma consequência da falta de prazer que os alunos demonstram em relação ao processo de ensino e aprendizagem, é uma relação de causa-consequência, onde a desmotivação dos alunos causa a desmotivação dos professores e vice-versa, principalmente em relação a forma em que o processo educativo se efetiva.

Deste modo, a redefinição do papel do professor, auxiliada pelo uso das TIC pode redefinir os atos de ensinar e de aprender.

Ainda segundo Fernandes (2013):

A complexidade da sociedade do conhecimento exige competências diferenciadas; repensar o processo do reaprender a ensinar é necessário ao educador do século XXI. Na sociedade da informação e do conhecimento, a demanda por novas competências para aprender, ensinar, trabalhar e relacionar-se com os demais se faz urgente. Nas práticas pedagógicas com o uso das mídias na educação, além dos recursos materiais e tecnológicos, a proposição de atividades deve buscar relacionar o que é ensinado na escola com a participação dos alunos em determinados contextos, seus cotidianos e suas impressões sobre o mundo (FERNANDES, 2013, p. 114).

Assim sendo, a principal característica que compõe a figura do docente da contemporaneidade lidando com escolas e alunos cada vez mais digitais, é a mediação, estabelecendo um processo de ensino e aprendizagem que seja baseado, prioritariamente, na troca, na colaboração, vendo os alunos como parceiros que também podem contribuir significativamente na troca de informação e construção coletiva do conhecimento.

De acordo com a “Docente Neide”:

*“-Hoje o professor não é mais o único dono do saber, com o avanço das tecnologias os alunos podem sozinhos aprimorar seus conhecimentos, porém, poucos utilizam essa ferramenta para a construção dos saberes e o professor é agora um mediador dos conhecimentos e tem que estar adaptado ao uso das TIC.”*

A mediação não é um processo simples e desprende um maior preparo e organização do professor quanto ao planejamento e execução de suas aulas. Podemos destacar as palavras de Gómez (2015) quando fundamenta que:

A visão terá de mudar de uma concepção de docente como um profissional definido pela capacidade de transmitir conhecimentos e avaliar resultados para a de um profissional capaz de diagnosticar as situações e as pessoas, elaborar o currículo e preparar materiais desenvolver atividades, experiências e projetos de aprendizagem; configurar e criar os contextos de aprendizagem; avaliar processos e monitorar o desenvolvimento integral dos indivíduos e dos grupos. Evidentemente, este docente exige *competências profissionais* mais complexas e distintas das tradicionalmente exigidas, para poder enfrentar uma atividade tão rica quanto difícil: provocar, acompanhar, questionar, orientar, e estimular a aprendizagem dos alunos. Ajudar a se educar é o objetivo e a tarefa central do docente na era digital. Assumindo a filosofia pedagógica de que os alunos devem ser os geradores de seu próprio conhecimento e os professores os facilitadores deste processo, abrem-se múltiplas possibilidades metodológicas que devem estar permanentemente disponíveis para o docente (GOMÉZ, 2015, p.141).

Os estudos que envolvem a relação entre processos educativos e usos das tecnologias da informação e comunicação comumente trazemos docentes que atuam nesse novo paradigma como um mediador da aprendizagem, sendo este aquele que guia os alunos em relação às suas descobertas, que estimula a curiosidade e o conseqüente aprendizado.

Salientamos que a massiva disseminação de informações promovida pelo uso das tecnologias da informação e comunicação não garantem, por si só, a construção de conhecimentos, a análise, reflexão, argumentação e seleção dos materiais postados, compartilhados e lidos nas redes sociais.

Dentro ou fora da escola, as informações fragmentadas e fora de contexto não estabelecem um elo satisfatório com o aprendizado. Na verdade, o montante de informações é satisfatório, mas o aluno sozinho não consegue estabelecer uma utilidade, um sentido para essas informações.

De acordo com Sancho (2006), quando não mediadas pelo professor, as informações presentes nos mais diversos recursos presentes não somente nas redes sociais, mas também na internet, não caracterizam-se como conhecimento assimilado, algumas delas, por vezes, passam despercebidas aos olhos dos alunos, mesmo que tenham importância em relação à compreensão da realidade sócio-histórico-cultural-econômica a qual estão inseridos. Assim, na maioria das vezes, quando o lazer sobrepõe o processo de ensino e aprendizagem e o professor não estabelece objetivos, nem baseia sua prática na mediação, as informações finalizam sua importância em si só, não transformando-se em conhecimento.

O termo mediação passa a vislumbrar as ações de um professor que não somente abre espaço para a inserção das novas tecnologias na sala de aula, mas que abre sua práxis à realidade de um aluno “atenado” através do acesso a informações diversas através das mais distintas e sofisticadas tecnologias da informação e comunicação. Essas ações são essenciais para que as informações disponibilizadas e acessadas possam ir além das pontas dos dedos, estabelecendo um paralelo com a realidade social do aluno, rompendo as fronteiras do virtual, mas também tomando significado quanto ao contexto vivido.

Após efetivarem suas considerações acerca da escola e dos professores atuantes nessa realidade multifacetada em um mundo cada vez mais informativo e comunicativo, os docentes tiveram a oportunidade ainda de tecer comentários acerca do “ser aluno” diante toda essa inovação.

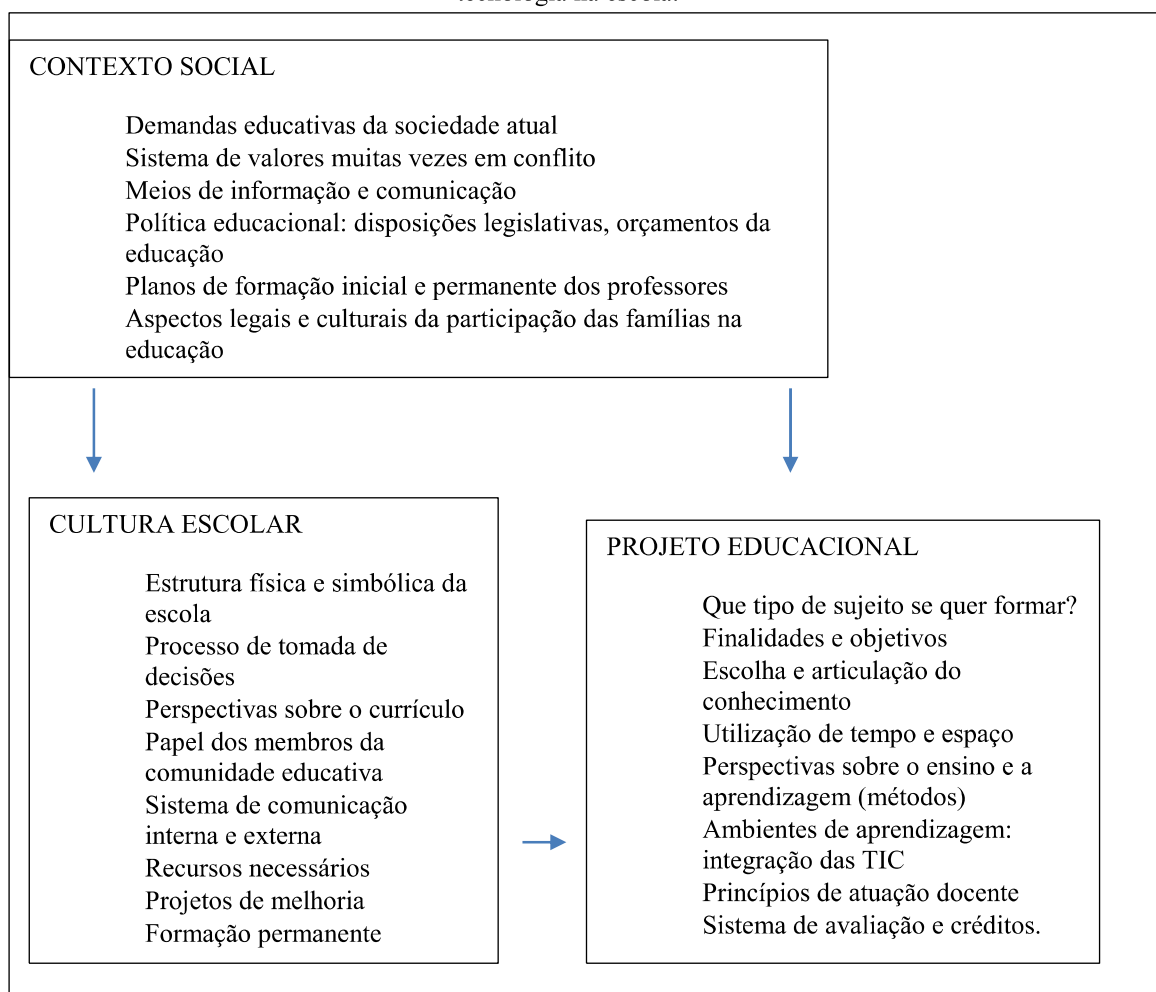
É importante salientar que as percepções e argumentos dos professores em relação a realidade que estão vivenciando estabelecem fundamental importância para os estudos que têm como foco o processo educativo.

Como já discutido anteriormente, percebemos que os alunos da atualidade não aprendem mas como os de antes, visto que as escolas e os alunos encontram-se inseridos em uma realidade que se desenha através de características peculiares, emergindo a necessidade de transformações importantes na sala de aula que atendam a necessidade da demanda diferenciada e conectada através das redes.

A inserção e o uso das TIC no ambiente da escola englobam realidades que vão além do que se concebe por disponibilização de recursos favoráveis e/ou formação de professores, trazendo à tona também a importância do contexto social em que os alunos estão inseridos, a cultura escolar (de realidades distintas) e o projeto educacional adequável a cada realidade e vislumbrando as características peculiares de cada contexto.

Vejamos as contribuições de Sancho (2006) quando relaciona o contexto social, a cultura escolar e o projeto educacional, quando envolve-se o uso das tecnologias digitais em processos educacionais:

Figura II – Relação entre contexto social, cultura escolar e projeto educacional em projetos com uso da tecnologia na escola.



Atrelamos as considerações de Sancho (2006) acima exposta com a explanação da “Docente Ana” quando afirma que:

*Os alunos da atualidade não são os mesmos, são alunos que demonstram a necessidade de novas maneiras de aprender, de forma divertida, que passam a se envolver mais nas aulas a partir do momento que inserimos coisas novas, construindo e socializando os novos conhecimentos recém-conquistados.*

As Docente Maria e Aline corroboram com essa ideia quando pontuam, respectivamente, que:

*São alunos conectados cotidianamente as redes sociais, ou seja, as redes sociais são algo que fazem parte do dia a dia deles, então, com a orientação do professor, são também alunos que podem aprender e se desenvolver através dos recursos distribuídos nessas redes, que podem também potencializar o desenvolvimento dos estudantes mais tímidos.*

*Os alunos são pessoas que hoje se tornam ativas em relação a sua aprendizagem e em relação aos professores, os vejo como seres que, utilizando bem os recursos que hoje estão disponíveis, podem ser capazes de transformar o mundo em que vivem.*

É notório que os professores entendem a necessidade de inovar suas salas de aula como uma possível resposta as novas demandas que emergem da mudança de gerações e de contextos causada pela rápida disseminação das tecnologias da informação e comunicação, compreendendo ainda que o “ser aluno” de hoje pressupõe uma construção cidadã capaz de interpretar, e, possivelmente, modificar a realidade que vivenciam.

De acordo com Gómez (2015, p. 21) o objetivo principal dessas propostas deve ser “preparar os cidadãos não só para ler e escrever nas plataformas multimídia, mas para que se envolvam com esse mundo compreendendo a natureza intrincada, conectada, da vida contemporânea, torna-se um imperativo ético e também uma necessidade técnica.”

Portanto, a percepção de que os alunos não se satisfazem mais com aulas que se dão seguindo, unicamente, os moldes de antes, é importante para que o docente seja o agente ativo e transformador buscando meios de chamar a atenção dos alunos e envolvê-los efetivamente no processo de ensino e aprendizagem.

As palavras da Docente Neide sugerem a dimensão de um “ser aluno” que demonstra autonomia através do uso dos recursos tecnológicos, vejamos:

*A imediatização da informação contribui para um “ser aluno” autônomo, pois a rapidez com que o alunos conseguem achar as informações necessárias faz com que eles aprendam até com mais vontade, conseqüentemente fazendo com que eles procurem até mesmo por conta própria o que acham necessário. Por isso, a*

*dependência do aluno para com o professor já se esvaiu mais, pois, acredito que os alunos, as vezes, mesmo sem perceber aprendem com a tecnologia que se utiliza no dia-a-dia.*

Verificamos que os docentes entendem que o “ser aluno” da atualidade é aquele que, inicialmente, demonstra que a realidade da sala de aula, quando puramente tradicional, não o faz agir de forma ativa nem aprender da forma que almeja, atrelando as experiências de sala de aula com as do cotidiano, deste modo, é também aquele que estimula o professor a se capacitar para inovar suas aulas e passar a tratar seus alunos como parceiros, e não como meros banco de dados e informações, como visto em Freire (2001) quando explana a educação bancária.

Porém, alguns dos docentes chamam atenção ainda para o aluno que, mesmo inseridos em experiência didático-pedagógicas inovadoras, permanecem sem se empenhar, como explanado também pelas docentes Neide e Ana quando dizem que:

*Os alunos passam a ser eles mesmos, evitando a mera reprodução do que foi ministrado em sala de aula, mas o comportamento deles pode variar entre extremos: Fazer qualquer coisa, apenas por obrigação, ou se empenhar para mostrar o próprio desenvolvimento.*

*Os alunos de hoje se mostram motivados em relação a propostas inovadoras, pois não é comum a utilização desse recurso na sala de aula, pois não são vistos como ferramentas que podem ser utilizadas para fins de aprendizagem. Sabemos que tem alunos que realmente se mostram bastante interessados e motivados, porém, há também aqueles que mesmo se utilizando de uma ferramenta de seu agrado ainda se mostram desinteressados nesse processo. Mas a maioria demonstra facilidade na aprendizagem através do uso das TIC, até aqueles que não se sentem à vontade em falar pessoalmente com o professor, e agora se sentem mais abertos a buscar informação e compartilhar em redes sociais.*

O protagonismo dos alunos através do uso das redes sociais, atuando como atores ativos, favorece o posicionamento autônomo, estimulando também a reflexão, análise de dados e a argumentação com ética e respeito, com o objetivo de ser ouvido/entendido diante de todos, portanto, os alunos precisam ser levados a entender que a realização das atividades não se restringe apenas à cumprimento de obrigações, mas a uma reflexão que pode e deve ser levada para a vida.

Para tal, o professor deve estabelecer uma relação de confiança, apoiando as contribuições dos alunos e estimulando uma participação cada vez mais ativa, objetivando mais o processo em si, do que o produto.

Nessa perspectiva, Gómez (op. cit., p. 23) citando Dussel (2011) ainda contribui explanando que:

As tecnologias digitais criaram um novo cenário para o pensamento, a aprendizagem e a comunicação humana, transformaram a natureza das ferramentas disponíveis para pensar, agir e se expressar [...] A cultura digital significa [...] uma reestruturação do que entendemos por conhecimento, das fontes e dos critérios de verdade, bem como dos sujeitos autorizados e reconhecidos como produtores de conhecimento [...].

Corroborando com o contexto de uma cultura digital, que precisa englobar os participantes do sistema educativo, diante das propostas de uso das tecnologias digitais da informação e comunicação que tratam a escola e as salas de aula como um corpo de agentes múltiplos, mas que precisam agir em colaboratividade, tornou-se necessária ainda compreender quais as concepções dos professores em relação a proposta concernente neste trabalho.

Inicialmente, os professores foram levados a identificar quais seriam as possíveis potencialidades e os riscos e/ou desafios que desmembram em propostas como estas, sendo levados a preencher o quadro a seguir:

Quadro 01 – Potencialidades e riscos e/ou desafios em relação ao uso do *facebook* na sala de aula.

<b>POTENCIALIDADES</b>	<b>RISCOS E/OU DESAFIOS</b>
Adquirir conhecimentos; Construção da identidade; Compartilhar ideias; Despertar o senso crítico; Interações dentro e fora de sala de aula; Multiplicidades de usos da ferramenta em sala de aula; Comunicação; Debates à distância <i>in real time</i> ; Melhor ambiente de expressão para os mais tímidos; Motivação; Autonomia dos alunos; Fluidez na aprendizagem; Características múltiplas que podem ser desenvolvidas. Respeito mútuo.	Desvio do foco; Falta de recursos Escola sem computadores e internet; Alunos que não gostam ou não possuem internet; Focar em temas que não sejam adequados ao processo de ensino e aprendizagem; Perda de foco; Utilização com propósitos não educacionais; Gerar conflitos com a quebra do tradicional; Desordem; Excesso de independência; Mau uso; Falta de interesse.

Percebemos que os professores foram capazes de identificar diversos pontos positivos em relação ao uso do *facebook* no ambiente da sala de aula. As potencialidades destacadas



vão além do aprendizado e conhecimento da língua estrangeira, do contato com materiais diversos e do domínio das habilidades, mas envolvem também a construção de uma identidade cidadã e o domínio de habilidades diferenciadas, a serem utilizadas, inclusive, fora do ambiente da sala de aula.

Para Novaes (2006, p. 119):

A inovação tecnológica tem aproximado jovens de mundos diferentes. Desiguais e diferenciados por subgrupos etários, pelo nível de escolaridade, por gênero, raça, local de moradia, com acessos diferenciados aos projetos sociais, os jovens de hoje podem ter a mesma quantidade de informações sobre um determinado assunto, sobretudo quando fazem parte de um grupo ou movimento cultural.

De fato, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, dentro do ambiente da escola, favorece a minimização das diferenças e desigualdades que permeiam a vida dos jovens de hoje. Deste modo, a escola passa a ser o lugar onde o jovem acessa informações diversificadas de forma democrática e igualitária, visto que o acesso é o mesmo para todos, e através da mediação do professor e dos demais colegas pode modificar a sua vivência social através dos conhecimentos assimilados.

Em muitos casos, para atingir as potencialidades expostas pelos professores ao preencher o quadro anteriormente exposto, é *mister* que a autonomia dos alunos seja levada em conta, que as contribuições e opiniões discentes sejam de fato levadas em conta, que os alunos não sejam apenas ouvidos por obrigação, mas que sejam trazidos para o auge das discussões e dos aprendizados, tendo suas colaborações valorizadas, mesmo que não correspondam as expectativas daquilo que o professor acredita ser o certo, ou não.

Essas potencialidade podem se caracterizar, como estabelece Kahan (2013) como aberturas ousadas e visionárias que permitem as conclusões abertas e criativas, por parte dos alunos, sem negligenciar nem alienar aqueles que pensam diferente, mas que podem ter um potencial magnífico, muitas vezes deixados de lado pelos padrões curriculares rígidos e imutáveis.

O autor afirma ainda que os alunos “precisam da liberdade para seguir seus próprios caminhos, oblíquos e não padronizados. Essa liberdade raramente é encontrada numa sala de aula convencional”.

Em contrapartida, ao analisar o quadro supracitado percebemos que uma das principais características apontadas como riscos e/ou desafios correspondem a disponibilização, manutenção e utilização de ferramentas digitais no ambiente da escola.

Como consequência, é perceptível que quando se fala no uso das TIC no ambiente da escola, a maioria dos discursos se pauta na falta de recursos e de ferramentas necessárias à efetivação de propostas inovadoras.

Porém, verificamos ainda que algumas escolas, mesmo bem equipadas, não efetivam propostas que rompam com o tradicional, e as escolas que ainda sofrem com a falta de recursos, na maioria das vezes, optam por permanecer na zona de conforto e não fazer uso do que se tem, dentro de suas possibilidades.

Sancho (2006) demonstra a necessidade de se enfrentar o desafio da mudança, até porque a ferramenta em si não é suficiente, visto que a abordagem didático-pedagógica depende do corpo educativo da escola, e não somente de uma escola bem equipada a nível de recursos. A autora ainda faz alusão, citando Gros (2000), ao conceito de “invisibilidade das tecnologias” afirmando que a inserção das TICS no ambiente da escola não é mais um problema, pois mesmo quando ainda não se tem os recursos disponíveis de maneira exemplar, da maneira que se almeja por escolas e professores, ainda assim os alunos fazem uso de recursos tecnológicos, porém, os agentes do sistema educativo ainda temem usar esses recursos a seu favor, seja por receio ou falta de conhecimento.

Essa invisibilidade é perceptível também quando os docentes apontam como desafios na efetivação de propostas como as efetivadas neste estudo, a possível “falta de interesse, excesso de independência, perda de foco e desordem” por parte dos alunos.

Salientamos que grande parte dos docentes ainda se sente acuado quanto ao uso das Tecnologias da informação e Comunicação, visto que este uso coloca o alunos em uma posição de protagonista, utilizando ferramentas que, as vezes, os próprios discentes dominam melhor que os professores.

Xavier (2009) aponta que o medo é natural mas que os docentes precisam urgentemente aprender a lidar com essas inovações que aparecem a todo instante e em todas as esferas da vida, e, principalmente, na linguagem onde elas se propagam e se consolidam socialmente, encontrando seu próprio caminho, achando a própria medida, já que os professores atuam em situações diferentes, singulares, e, sendo assim, só eles são capazes de romper com o tradicional criando condições ideais para fazer funcionar, de forma adequada, o processo de ensino e aprendizagem atrelado ao uso das tecnologias e exigências contemporâneas.

Assim, compreendemos que embora alguns direcionamentos e ideias possam ser discutidos e sugeridos, somente os professores, através de uma reflexão constante, análise e auto avaliação de sua prática podem encontrar caminhos a seres efetivados nas mais diversas

salas de aula, repletas de peculiaridades que só os professores conhecem efetivamente e cotidianamente.

Deste modo, entendemos que a discussão e reflexão em relação aos recursos disponíveis no *facebook* levaram os professores a entenderem melhor, de forma coletiva, os recursos disponibilizados na rede social, trocando experiência e construindo conhecimento de forma colaborativa e dinâmica, visto que alguns docentes sequer conheciam alguns desses recursos, e, quando conheciam, não sabiam os nomes nem quais as possibilidades de uso em relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Em relação aos recursos presentes no *facebook*, Mattar (2013) afirma que:

Só com um perfil e os recursos básicos, já é possível fazer muita coisa. O mural do *facebook* foi sendo aperfeiçoado, influenciado pelos microblogs e hoje oferece um *stream* de textos, notas, imagens, vídeos, avaliações, comentários, eventos etc. dos seus amigos. [...] O mural pode servir, portanto, como espaço de comunicação e discussão, e alunos e professores podem ser marcados para incentivar sua participação. Mensagens internas (síncronas ou assíncronas) servem também como um importante canal de comunicação. [...] É interessante lembrar da opção de se criar um perfil específico para atividades educacionais. *Grupos* são espaços online em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos. É possível criar grupos abertos, privados e fechados, o que ajuda a preservar a privacidade de seus membros e dos temas discutidos. [...] Essa seria uma oportunidade para estender a aprendizagem para fora das paredes da sala de aula tradicional. Deve-se lembrar que o *facebook* é bastante utilizado em dispositivos móveis, o que amplia ainda mais o poder de alcance dessas interações. O *facebook* converte automaticamente o conteúdo da *web* para o formato *mobile*, possibilitando assim que os alunos acessem o material de onde estiverem, em notebooks, tablets ou celulares (MATTAR, 2013, p. 13).

Além das possibilidades expostas por Mattar (2013) nas contribuições acima, os docentes expuseram outras possibilidades em relação ao uso dos recursos atrelado ao ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, percebendo que os recursos não somente proporcionam interação e compartilhamento de informações, mas também a socialização do aprendizado e dos materiais produzidos e/ou pesquisados estabelecendo uma relação mútua de respeito e colaboração, também elogiando e incentivando as contribuições dos demais, salientando ainda contato com materiais diversos, e a possibilidade de interação com a língua estrangeira de forma real e inovadora.

Vejam detalhadamente as contribuições dispostas no quadro a seguir:

Quadro 02 – Possibilidades de uso dos recursos do *facebook*

<b>POSSIBILIDADES DE USO EM RELAÇÃO À:</b>	
<p><b>Chat:</b> Criar conversas em Inglês; Conversas informais sobre temas específicos; Dicas, conselho e tira-dúvidas. Discussão mediada;</p>	<p><b>Mural:</b> Compartilhar conhecimentos; Informes específicos; Atividades com informações e conhecimentos variados; “Não sei o que é”</p>
<p><b>Grupos:</b> Compartilhar conhecimentos sobre a Língua Inglesa; Destinados a temas definidos; Compartilhar materiais úteis para o objeto de ensino; Discussão e compartilhamento de informações; Disponibilizar atividades;</p>	<p><b>Páginas e Comunidades:</b> Adquirir conhecimentos; Fontes de pesquisa/ troca de informações; Postagens reflexivas sobre o que aprendeu; Fotos, notícias, fatos polêmicos. Acesso a vídeos, textos, imagens, tirinhas, áudios;</p>
<p><b>Comentários:</b> Interagir com os colegas; Socialização de opiniões; Colaborar com respostas podendo incrementá-las; Opiniões;</p>	<p><b>Curtidas:</b> Possibilita ver a quem estamos agradando; Elogios ou reconhecimento; Incentivar os alunos.</p>

Chamamos atenção ainda para a contribuição da “Docente Júlia”, que ao preencher a lacuna do recurso “mural” afirmou: “-Não sei o que é”. Afirmações como estas nos remetem a dialogia dos professores que compreendem a necessidade da efetiva inserção das tecnologias

da informação e comunicação no ambiente da escola, almejam incluir esses recursos em sua prática, porém, ainda não a formação necessária para concretizar essas propostas.

Por tudo isso, salientamos a importância da formação inicial e continuada que capacite professores para o uso efetivo das TIC no ambiente da sala de aula, não se restringindo apenas ao domínio dos elementos e recursos básicos das ferramentas digitais enquanto material físico, mas também a construção, discussão e análises de propostas que se adequem à realidade das escolas.

Ao tratar especificamente da formação do professor em relação à inserção das inovações tecnológicas no ambiente da sala de aula, Bastos (2010, p. 43) identifica alguns problemas quando afirma que:

A formação de docentes para o uso das TIC no processo de ensino/aprendizagem é uma questão recente na América Latina e ocorre com o amadurecimento dos processos de modernização tecnológica das escolas. Grande parte dos formadores de docentes na região sequer está no grupo dos chamados “imigrantes digitais”, isto é, não tiveram a oportunidade de se habilitar à adoção das novas tecnologias anos após sua própria formação docente e no exercício profissional em escolas desprovidas dessa tecnologia. Muitos continuam, de fato, à margem das inovações. Grande parte – talvez a maioria- dos docentes em exercício nas escolas primárias e secundárias não aprendeu os rudimentos do uso das novas tecnologias e muito menos suas aplicações educacionais durante a formação.

Compreendemos que a formação inicial da maioria dos docentes não oferece subsídios para que os professores se capacitem quanto ao uso das tecnologias atrelado ao processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, as escolas têm se modernizado de forma gradativa, mas alguns professores, por motivos diversos, ainda não acompanharam essa modernização. A situação se agrava se observarmos que os alunos já utilizam e dominam as tecnologias em sua vivência cotidiana, o que acentua a necessidade da inserção desses recursos no processo educativo.

Corroborando com essa perspectiva, Bettega (2010, p.43) sugere que “a formação contínua do professor é fundamental, pois visa corrigir distorções de sua formação inicial, e também contribui para uma reflexão acerca de mudanças educacionais que estejam ocorrendo”. Já para Nóvoa (2001) a formação contínua é importante na profissão docente e deve focar dois elementos: a própria pessoa do professor, como agente, e a escola como local de crescimento constante.

Preocupações com o andamento do processo educacional, almejando que o ensino seja satisfatório não somente para o trabalho do professor, como também para os alunos, acentua a

necessidade de o profissional atualizar-se constantemente, buscando a preparação para explorar de forma satisfatória novas perspectivas no ambiente da sala de aula.

Paralelamente as discussões realizadas, os docentes foram estimulados a pensar em suas respectivas escolas e salas de aula, às realidades em que atuam, as características de seus alunos, suas principais dificuldades e reclamações, tal como as possibilidades oferecidas pela escola, e, estabeleceram algumas propostas coerentes e aplicáveis as suas realidades, como organizado no quadro a seguir:

Quadro 03 – Propostas de uso do *facebook* em sala de aula

<b>PROPOSTAS DE USO DO <i>FACEBOOK</i> EM SALA DE AULA</b>
<p>Usar o <i>facebook</i> para postar vídeos feitos pelos alunos, usando o próprio celular deles. Eles criam diálogos usando vocabulários estudados em sala e fazem o próprio vídeo deles, postam no <i>face</i> e os colegas podem comentar, curtir e compartilhar.</p> <p>Trabalhar a leitura e a escrita através da disponibilização de gêneros textuais diversos na Língua Inglesa, para atividades de leitura, interpretação e produção textual.</p> <p>Grupos de debates e/ou reflexões sobre temas abordados em sala de aula, temas da atualidade, atrelando o uso da Língua Inglesa ao cotidiano.</p> <p>Análise de postagens em Inglês e/ou de nomes de páginas.</p> <p>Utilização de textos, áudios e vídeos diversos para aquisição do vocabulário.</p> <p>Discussão acerca de temas polêmicos com materiais em Língua Inglesa, focando na interação, contribuição e resolução de problemas.</p> <p>Produção e reescrita de textos, através da análise de outros textos encontrados no <i>facebook</i>.</p>

Por fim, os professores teceram comentários acerca da construção e efetivação de propostas que efetivem o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação atrelado ao processo de ensino e aprendizagem.

A “Docente Ana” contribuiu que:

*Longe de serem empecilhos ao processo de ensino e aprendizagem, as TICS podem se tornar grandes aliadas do professor, caso este esteja disposto a arriscar-se saindo de sua zona de conforto. Se os alunos perceberem novas maneiras de aprender, de forma divertida, passarão a se envolver nas aulas, construindo e socializando os novos conhecimentos, recém-conquistados. Propostas assim instigam a liberdade de expressão, ainda que vigiada, para os alunos participantes, a possibilidade de interação entre alunos e professores dentro e fora de sala de aula, o acesso à novas informações via rede mundial de internet.*

Nessa mesma perspectiva, as Docentes Maria e Aline explicitaram, respectivamente que:

*As redes sociais possuem uma gama de opções que podem fazer a interação ocorrer para fins de aprendizagem, trazem a dinamicidade ao processo fazendo com que os alunos tragam para a sala de aula aquilo que vivenciam no cotidiano. Sem dúvidas, o processo de ensino e aprendizagem acaba sendo outro, cabe a nós professores que planejemos dentro de nossa realidade e que deixamos os nossos alunos tomarem parte do real lugar deles no processo de ensino e aprendizagem, até hoje ainda tão negado.*

*É uma proposta dinâmica e inovadora, onde podemos, inclusive, promover discussões acerca de temas polêmicos, focando em possíveis contribuições e resolução de problemas. Não como forma de agressão ao diferente. É ótimo também porque permite que os alunos possam se expressar, seja através de fotos ou vídeos, por exemplo, que eles mesmo façam, textos publicados, etc. Ou seja, permitem novos caminhos de ensino e aprendizagem e que o professor possa conhecer ainda mais seus alunos.*

Revelando a perspectiva de um professor que constrói, reflete, planeja e avalia para a efetivação do uso das TIC na sala de aula, Gómez (2015) informa que:

Também é evidente que a prática por si só não provoca o desenvolvimento do conhecimento prático desejado, mas leva à reprodução de técnicas, preconceitos e hábitos convencionais transmitidos pela tradição. O desenvolvimento relativamente harmonioso e coerente do pensamento prático do professor e as suas competências profissionais requerem processos permanentes de investigação e reflexão sobre a ação, um caminho contínuo de ida e volta permanente das intuições e hábitos para as teorias e das teorias para as intuições e hábitos. Os docentes têm de se formar como pesquisadores de sua própria prática, para identificar e regular os recursos implícitos e explícitos que formam as suas competências e qualidades humanas profissionais. Tais processos de investigação e ação exigem de forma clara o cenário real da prática e a disposição constante da investigação. Nem a teoria ou a investigação descontextualizadas, nem a prática rotineira, repetitiva, à margem da reflexão e da crítica (GOMÉZ, 2015, p. 147).

Assim, é importante, neste novo contexto que se desenha gradativamente, que o professor de Língua Inglesa embase sua prática em elementos que permitam o acesso à LI de forma dinâmica e real, proposta viabilizada e facilitada através do uso pedagógico das novas tecnologias da informação e comunicação e das redes sociais, tais como o *facebook*.

## 4 CONCLUSÃO

A efetivação dessa pesquisa permitiu a análise e a reflexão sobre o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação, não apenas como elementos e ferramentas que favorecem a inovação e informatização do ambiente das salas de aula e dos processos de ensino e aprendizagem, mas no sentido de demonstrarem, essencialmente, a transformação dos papéis da escola, dos professores e dos alunos atuantes no contexto contemporâneo das culturas digitais, conectadas.

O uso das redes sociais atrelado ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa demonstrou que a atuação dos alunos em relação ao seu próprio aprendizado pode estabelecer uma dimensão mais autônoma e consciente de suas potencialidades, passando o professor a ser não mais um transmissor de informações, caracterizando-se como um mediador nas atividades que demonstram a colaboratividade, interação e parceria entre os atores.

Compreendemos ainda que a abordagem da pesquisa etnográfica foi importante à medida que beneficiou a inserção e observação participante na sala de aula em questão, favorecendo ainda a possibilidade de atrelar a realidade do microsocial, na qual se deu a pesquisa, com o macrosocial, sendo estas as realidades distintas de outras salas de aula, outros agentes e outros participantes que possam utilizar esse estudo como um caminho promissor às modificações substanciais no ambiente das escolas contemporâneas.

Chamamos à atenção para um redimensionamento do papel do aluno como aquele que rege, gerencia e até mesmo produz os materiais e as informações a serem transformadas em conhecimento em uma perspectiva autônoma, não sendo esta autonomia sinônimo de isolamento, mas sim de menor dependência do papel do docente e da percepção de que o processo de ensino e aprendizagem, por si só, tem um viés colaborativo e interativo.

A dinâmica da sala de aula diferenciada, fugindo aos moldes das mesas e cadeiras enfileiradas e do silêncio, onde só o professor é autorizado a falar caracteriza-se como um modelo onde se efetiva o uso das redes sociais, especificamente do *facebook*, como um elemento auxiliar ao processo de ensino e aprendizagem, subsidiando o papel do professor e demonstrando que, apesar das dificuldades e dos desafios que ainda permeiam a escola em relação ao uso das TIC, o uso das redes sociais, já utilizadas no cotidiano dos alunos caracteriza-se como uma importante ferramenta para a possível quebra de paradigmas que ainda assolam o sistema educacional.



Salientamos que o enfoque neste trabalho não é a retirada dos métodos de ensino e aprendizagem sem o uso de tecnologias, mas a adequação e integração de métodos, sejam novos e antigos, que contemplem as demandas de alunos e professores que se desenham a partir da cultura digital, favoreçam a inovação e atuação de uma escola que se caracterize como dinâmica, inovadora, digital e conectada, relacionando-se com a realidade e o contexto em que encontra-se inserida.

É importante pontuar ainda que o planejamento mútuo, a discussão de propostas e a atuação sempre ativa dos alunos, não somente na execução mas também na elaboração de atividades e materiais diversos foi importante para que estes se vissem, de fato, como participantes do processo, e, além de tudo, como produtores ativos e também responsáveis por seu próprio aprendizado.

Nesta perspectiva, concluímos que o uso do *facebook* como elemento auxiliar ao processo de ensino e aprendizagem concretiza a compreensão de que professores e alunos, agindo autonomamente em relação a dependência do outro, mas, colaborativamente, em relação a efetivação do processo de ensino e aprendizagem estabelecem a compreensão de que tanto professores como alunos são responsáveis pelo sucesso do processo de ensino e aprendizagem, mas que precisam, acima de tudo, estarem abertos para o novo e optarem por sair da zona de conforto.

## REFERÊNCIAS

ALEJANDRO, Velázquez Álvarez O.; NORMAN, Aguilar Gallegos. **Manual Introdutório à análise de redes sociais: Medidas de Centralidade**. 2005. Disponível em: <[http://api.ning.com/files/ib7AWBiwEwSRiLCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZoskSh15AhSOE9XhzeVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbD-ykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio\\_ex\\_ucinet.pdf](http://api.ning.com/files/ib7AWBiwEwSRiLCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZoskSh15AhSOE9XhzeVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbD-ykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio_ex_ucinet.pdf)> Acesso em julho de 2013.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini Almeida; VALENTE, José Armando. **Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2010.

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ANDREOLI, Vittorino. **O Mundo Digital**. (A. S. Fontinha, Trad.) Lisboa: Editorial Presença, 2007.

AULETE, Caldas. **Mini dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira. 2004

BARROSO, J. O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída. In J. Barroso (org). **O estudo da escola**. Porto: Porto Editora, 1996.

BASTOS, Maria Inês. Formação de docentes para o uso das TIC no ensino/aprendizagem na América Latina. In: BARBOSA, Alexandre F. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2010**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2011.

BETTEGA, Maria Helena Silva. **A educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRAGA, Denise Bértolli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo, Cortez, 2013.

BRASIL/SEMTEC. **PCN+ Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL. **LDB: Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 8. ed. Brasília: 2013.

CARROLL, J. **Completing Design in Use: Closing the appropriation cycle**. OASIS Seminars. Melbourne, May 2005. Disponível em: <http://www.dis.unimelb.edu.au/research/groups/oasis/AppropnWPaper.pdf> (Acesso em 14

Set. 2013)

CARVALHO, A. A. **Manual de ferramentas da Web 2.0 para professores**. Lisboa: Ministério da Educação, 2008.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno: identidade e pertencimento - um estudo etnográfico**. Tese Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: 2011.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

EVE, Stirling. We use facebook chat in lectures of course! Exploring the use of a facebook group by first-year undergraduate students for social and academic support. In: KENT, Mike; LEAVER, Tama. **An Education in Facebook?** Higher Education and the World's Largest Social Network. New York: Routledge, 2014.

FALKEMBACH, E.M.F. **Diário de campo: um instrumento de reflexão**. Revista Contexto/Educação. Ijuí: UNIJUÍ, v.7, s.d.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERNANDES, Luís. **Redes sociais online e educação: Contributo do facebook no contexto das comunidades virtuais de aprendentes**, Universidade Nova de Lisboa: 2011. Disponível em: < [http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio\\_TRMEF.pdf](http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf)> Acesso em novembro de 2013

FERNANDES, Magali. A pedagogia de um projeto multimídia. In: DOMINGUES, Andréia Miranda; FERNANDES, Magali; GOMEZ, Margarita Victoria. (Orgs.). **Educar na contemporaneidade: Cultura, tecnologia e educação no cotidiano do professor e do estudante**. Jundiaí: Paco Editorial: 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GENZUK, M. **A synthesis of Ethnographic research. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural research**. Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California. 1993. Disponível em: < [http://www-bcf.usc.edu/~genzuck/Ethnographic\\_Research.html](http://www-bcf.usc.edu/~genzuck/Ethnographic_Research.html)> Acesso em: 03 de agosto de 2013

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

\_\_\_\_\_, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GÓMEZ, Ángel I Pérez. **A educação na era digital: A escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

KHAN, Salman. **Um mundo, uma escola: A educação reinventada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LEIVAS, Marta. “No olho do furacão”: as novas tecnologias e a educação de hoje. In: SILVA, Mozart Linhares da. **Novas tecnologias – educação e sociedade na era da informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LEWGOY, A.M.B.; ARRUDA, M.P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. In: **Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_, José Carlos. A teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko. (Orgs.) **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Editora Alínea, 2010.

LIMA, Érika Rossana Passos de Oliveira; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **A tecnologia e o ensino de química: jogos digitais como interface metodológica**. In: SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

LOPES, Kátia de Conto; TORMAN, Ronalisa. **O educador frente às diversidades da contemporaneidade**. In: KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SIMIONATO, Margareth Fadanelli. **Formação de professores: Abordagens contemporâneas**. São Paulo: Paulinas, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARÇAL, el al. **Aprendizagem utilizando Dispositivos Móveis com Sistemas de Realidade Virtual**. In RENOTE: revista novas tecnologias na educação: V.3 Nº 1, Maio, Porto Alegre: UFRGS, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, 2005.

MASETTO, Marcos T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_, Marcos T. **Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

MATTAR, João. **Tutoria e Interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

\_\_\_\_\_, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (Org.) **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (Org.) **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MENEZES, Célia Maria Cardoso de Abreu Vasconcelos Quintilha de. **Utilização de dispositivos móveis na escola do séc. XXI: O impacto do podcast no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa no 7º ano do 3º ciclo do Ensino Básico**. Portugal: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2009.

MINHOTO, Paula Maria Lino Veigas. **A utilização do facebook como suporte à aprendizagem da biologia: estudo de caso numa turma do 12º ano**. Bragança: Escola superior de educação. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências, 2012.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

MOREIRA, Fernando; PAES, Cristina. **Aprendizagem com dispositivos móveis: Aspectos técnicos e pedagógicos a serem considerados num sistema de educação**. Challenges 2007 – Actas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. Braga: CCUM, 2007.

MOURA, Adelina. **Mobile Learning: Tendências tecnológicas emergentes**. In: CARVALHO, Ana Amélia A. **Aprender na era digital: Jogos e Mobile-Learning**. De Facto Editores, Portugal: 2012.

MUÑOZ, Caroline Lego; TOWNER, Terri. **De volta ao muro: Como usar o facebook em sala de aula da faculdade**. Revista First Monday. Volume 16, número 12. Chicago: 2011. Disponível em: < <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/3513/3116>> Acesso em novembro de 2013

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. **A comunicação digital e as novas perspectivas para a educação**. Salvador: UFBA, 2002.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NÓVOA, A. **Professor se forma na escola**. 2001. Disponível em: <[http://www.uol.com.br/noescola/ed/142\\_mai01/html/fala\\_mestre.htm](http://www.uol.com.br/noescola/ed/142_mai01/html/fala_mestre.htm)> Acesso em 17/07/2013.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino de Língua Inglesa no ensino médio: teoria e prática**. São Paulo: Edições SM, 2012.

PARAÍBA. **Lei 8.949** de novembro de 2009

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vitor. **Utilização educativa do facebook no ensino superior**. In: I Internacional Conference Learning and Teaching in Higher Education. University os Évora: Évora, 2010.

PEARCE, Nick. Challenges and Opportunities in using facebook to build a community for students at a UK University. In: KENT, Mike; LEAVER, Tama. **An Education in Facebook? Higher Education and the World's Largest Social Network**. New York: Routledge, 2014.

PEREIRA, Potiguara Acácio. **O que é pesquisa em educação?** São Paulo: Paulus, 2005.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Suíça: Editora Guanabara. 1987

PINTO, C. **Escola e autonomia**. In DIAS, A., SILVA, A., PINTO, C., HAPETIAN, I. **A autonomia das escolas: um desafio**. Lisboa: Texto, 1998.

RIBEIRO, Ana Elisa; D'ANDRÉA, Carlos Frederico de. Ensino de Línguas e produção de textos: Editando Wikis e a Wikipédia. In: ARAÚJO, Júlio César; CARVALHO LIMA, Samuel de; DIEB, Messias. **Línguas na Web: Links entre ensino e aprendizagem**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANCHO, Juana Maria (et. al.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos; TEIXEIRA, Elizabeth Reis. **Práticas de letramento digital para crianças: fatores de diversidade e possibilidades pedagógicas na aquisição do português escrito**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMON, Roger J. **A pedagogia como uma tecnologia cultural**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SPADARO, Antonio. **Web 2.0: redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.

SPRADLEY, James. P. **Participant observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

STUKER, Guilhermina. **A autonomia da escola pública sob a ótica do docente: O olhar de quem ajuda a tecer a trama**. Itajaí, SC. Universidade do Vale do Itajaí, 2003.

UNESCO. **O futuro da aprendizagem móvel: implicações para planejadores e gestores de políticas**. Brasília: Unesco, 2014.

VALERIA, M. **Escola, aprendizagem e tecnologia**. In: Revista Linha Direta. Belo Horizonte: Rona Editora, 2012.

WOLCOTT, H.W. **Criteria for an ethnographic approach to research in education**. Human Organization. 1975.

XAVIER, Antonio Carlos. Prefácio. In: RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião. (et. al. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

ZANCANARO, Airton. Et. Al. **Redes Sociais na Educação à Distância: Uma análise do projeto e-Nova**. Datagramazero: Revista da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: < [http://www.dgz.org.br/abr12/Art\\_05.htm](http://www.dgz.org.br/abr12/Art_05.htm) >. Acesso em 22 de novembro de 2013.

**APÊNDICE**  
**PRODUTO EDUCACIONAL**





Procure pessoas, coisas e locais



Usuario

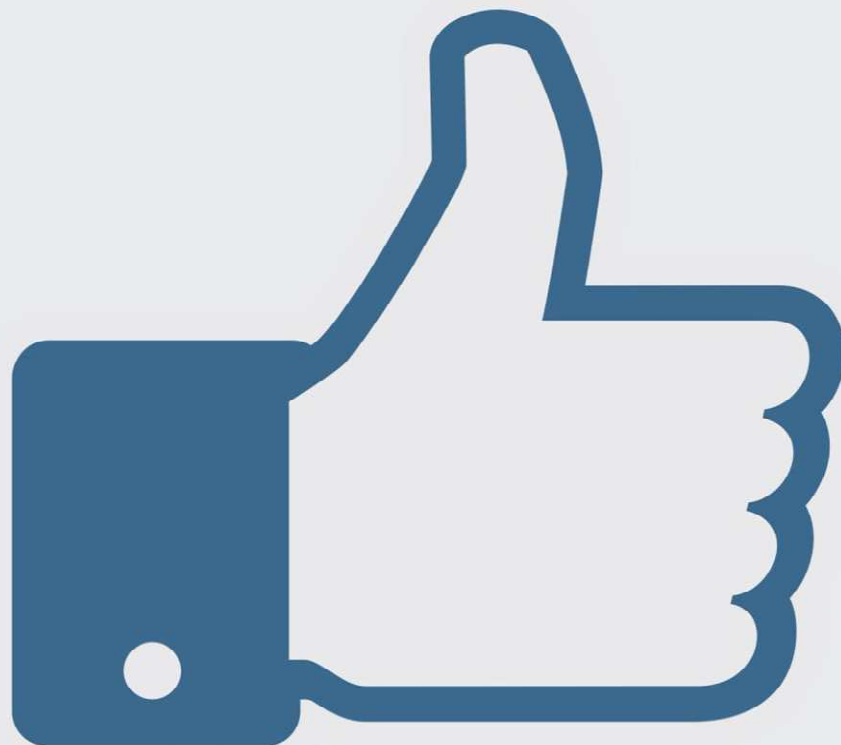
419

91

134



# PROJETO PEDAGÓGICO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O USO DO FACEBOOK NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM



**Jessica Kelly Sousa Ferreira**

## SUMÁRIO

### PROJETO PEDAGÓGICO

1 INTRODUÇÃO -----	03
2 JUSTIFICATIVA -----	05
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -----	06
4 OBJETIVOS -----	08
4.1 OBJETIVO GERAL -----	08
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS -----	08
5 PÚBLICO ALVO -----	09
6 METODOLOGIA -----	09
7 RECURSOS -----	10
7.1 RECURSOS HUMANOS -----	10
7.2 RECURSOS MATERIAIS -----	11
7.3 RECURSOS FÍSICOS -----	11
8 TEMPO PREVISTO -----	11
9 AVALIAÇÃO -----	11
10 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO -----	12
REFERÊNCIAS -----	12
SEQUÊNCIA DIDÁTICA -----	14

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito de alfabetização e letramento tem sofrido mudanças significativas e conceituais nos últimos tempos. Dentre esses conceitos vale salientar primeiramente o que Soares (2002, p.47) propõe afirmando que o letramento é “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita”.

As práticas sociais citadas por Soares podem ser diversas, porém, nosso objeto de estudo aqui são as atreladas ao mundo digital e ao domínio das novas tecnologias emergentes no mundo moderno que, de certa forma, ampliam e modificam o uso da leitura e da escrita e permitem à abertura a uma gama de novidades e experiências inovadoras, neste caso em específico, na Língua Inglesa.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS) tem favorecido mudanças no comportamento humano, assim como nas relações sociais e nos processos de aprendizagem. Propiciando aos participantes do processo à inserção em um mundo de desafios e novas possibilidades dos usos sociais da leitura e escrita (SANTOS E TEIXEIRA, 2011).

Ao estabelecer a relação entre o uso das TICS e sala de aula. Busca-se refletir acerca da necessidade da utilização destas, especificamente das redes sociais, nos ambientes escolares, buscando aprimorar e auxiliar o processo de ensino aprendizagem no ensino médio e funcionando como ferramenta potencializadora da autonomia dos alunos.

A hipótese proposta aqui é que o uso dessas novas tecnologias e ferramentas, quando bem utilizadas pode subsidiar o trabalho do professor de forma dinâmica e inovadora, fazendo com que os alunos sintam-se mais motivados no processo de ensino aprendizagem e consigam construir seus conhecimentos de forma mais autônoma, moderna e inovadora.

Além disso, o uso de ambientes como o *facebook* emerge também a possibilidade de ter contato com a Língua Inglesa de diferentes e inovadoras formas, tornando possível o contato com mídias diversas (textos, vídeos, músicas, imagens, etc.), e, o acesso a internet abre caminhos também para o trabalho com recursos diversos, tais como tradutores e sites de pesquisa que colaboram e auxiliam para que o processo de ensino e aprendizagem se torne mais autônomo, e que o papel do professor seja redesenhado, tornando-se aquele que media a aprendizagem, e não mais aquele que tudo sabe.

De acordo com Carvalho (2008, p.8):

As interfaces encontradas no mundo virtual, assim como a diversidade de sites e de redes sociais pode corresponder a criação de novos caminhos para o processo de ensino e aprendizagem, visto que os alunos estarão imersas a um universo repleto de diversos aplicativos. Essa facilidade potencializou o desenvolvimento das redes sociais online (CARVALHO, 2008, p.8).

Assim, o uso das redes sociais em sala de aula funcionaria como uma ferramenta auxiliar ao processo de ensino aprendizagem e ainda como um meio construtor da autonomia dos alunos de ensino médio, haja vista o que pontua Contreras (2002) quando diz que a autonomia, no contexto da prática de ensino, deve ser entendida como um processo de construção permanente.

Propõe-se que escolas e professores unam forças e trabalhem dentro dessa perspectiva respeitando as possibilidades de cada realidade. Evitando continuar com o erro apontado por Morin (2000, p.78), quando diz que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e eficaz”.

Cientes da importância do uso das novas tecnologias em sala de aula, e comungando com as ideias propostas por (KLEIMAN, 1995) que propõe o engajamento do aluno em atividades que englobem à escrita não apenas enquanto elemento simbólico, mas também enquanto tecnologias, em contextos específicos para objetivos específicos, nós questionamos:

O uso das tecnologias da informação e comunicação, especificamente das redes sociais, funciona como um elemento potencializador no processo de ensino aprendizagem de Língua Inglesa no ensino médio e é possível construir a autonomia dos alunos face ao uso dessas tecnologias?

Levando em consideração que os alunos façam uso dessas tecnologias em sala de aula, supomos que as redes sociais possam funcionar como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem, sendo capazes de construir sua própria autonomia a partir do uso destas e de destruir as barreiras já existentes no processo de ensino aprendizagem, que por vezes impedem os alunos de agirem de forma autônoma. A autonomia pode ser construída a partir do momento em que estes conseguem gerir e orientar as diversas dependências as quais são expostos em seus meios sociais e biológicos, de acordo com suas próprias leis (BARROSO, 1996).

## 2 JUSTIFICATIVA

Temos como ponto de partida a compreensão, reflexão e entendimento de que as novas tecnologias da informação e comunicação têm se disseminado com rapidez e trazido mudanças significativas para a sociedade, não somente em nível de organização coletiva, mas também em relação à organização do pensamento e a novas formas de aprendizagem, acentuadas através do uso contínuo de tecnologias diversas, principalmente por parte dos alunos.

Diante desta realidade, compreendemos que o ambiente da escola, e conseqüentemente das salas de aula, não podem estar alheios ao uso dessas tecnologias, visto que os alunos do mundo contemporâneo, marcados pelas características do contexto da contemporaneidade, não aprendem mais da mesma forma de antigamente, e, este fato emergenciam que escolas e professores permitam que sejam colocadas em cheque novas possibilidades de contato com os conteúdos, que quando atrelados ao uso desses recursos tecnológicos tornam-se mais reais e inovadores.

Além disso, o trabalho com as tecnologias da informação e comunicação, com viés didático pedagógico, permite ainda que o papel do professor, por muito tempo visto como único detentor do saber, seja redimensionado, passando a ser um mediador e colaborador, aprendendo junto com os alunos. Deste modo, abordagens como estas passam a ser não somente contribuintes à aprendizagem dos alunos, mas também transformadoras do papel docente.

Sabemos ainda que o ensino de língua inglesa em escolas públicas ainda é embasado, em sua maioria, em tópicos gramaticais da língua, enfocando assim, primordialmente a gramática e os conteúdos curriculares obrigatórios, sem dar a atenção devida à funcionalidade desta língua, e as diversas formas em que o Inglês está inserido no cotidiano, como também nos recursos tecnológicos que utilizados cotidianamente, sendo mais acentuadamente utilizados pelos alunos.

O livro didático e o caderno de anotações têm sido, por muito tempo, os instrumentos principais utilizados pelo professor no ensino de Língua Inglesa. Instrumentos como estes são também importantes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, porém, quando utilizados de forma isolada, privilegiam apenas as habilidades de leitura e escrita, deixando de lado outras possibilidades que favoreçam o contato dinâmico e real com a língua estrangeira por meio de mídias e recursos diversos.

Nesta perspectiva, essa proposta justifica-se num contexto em que se busca um ensino de Língua Inglesa que quebre com os paradigmas do ensino tido como puramente tradicional, mas que contemple também elementos atrelados ao cotidiano dos alunos, permitindo a relação da aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso, o inglês, com a vida e a realidade do

alunado, percebendo a funcionalidade desta língua, tendo em vista que por vezes esse aprendizado é tão dissociado do dia a dia dos alunos, e não permite que estes vejam utilidade nos conteúdos abordados em sala de aula.

Os tópicos gramaticais, da forma em que são abordados em sala de aula, ainda tem sido causadores de desestímulo por parte dos alunos, visto que estes não veem como podem ser utilizados em sua vida cotidiana. Numa sociedade contemporânea e globalizada, em que os alunos têm fácil acesso as mais diversas informações através de diferentes mídias, não mais podemos conceber um ensino de língua inglesa que seja pautado apenas no uso do quadro negro, giz e livro didático.

Para tal, surge a proposta de um projeto que trate o ensino e aprendizagem de língua inglesa sob um viés tecnológico, midiático. Essa proposta visa, assim, estabelecer um elo entre o inglês e as tecnologias da informação e comunicação, especificamente o *facebook*, abordando o ensino da língua estrangeira através de elementos presentes na vivência dos alunos, e dos quais eles fazem uso com frequência, com o objetivo de tornar o processo de ensino e aprendizagem mais atrativo e inovador.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A presente pesquisa envolve concepções de letramento, letramento digital, TIC's, redes sociais e autonomia; assim torna-se necessária a apresentação de alguns pontos relevantes à estes temas.

Segundo Soares (2002) Letramento é a condição de não apenas saber ler e escrever, mas de utilizar de forma eficaz as práticas sociais que utilizam essas habilidades.

Essas práticas sociais podem ser muitas, incluindo as diversas atividades que ocorrem em diferentes ambientes sociais, e que exigem do falante o domínio efetivo da leitura e da escrita para fins sociais e de uso real da linguagem.

Kleiman (1995, p. 19) considera que “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Dentre estas atividades, salientaremos neste estudo as práticas relacionadas ao uso das ferramentas do mundo digital. Veremos a seguir a correlação existente entre letramento e mundo digital, assim como as características relacionadas a este termo.

O mundo atual nos permite o acesso a uma série de ferramentas e recursos digitais. O desenvolvimento da sociedade e dos cidadãos que nela vivem permitem que a cada dia sejam expostos mais recursos tecnológicos, mais inovações.

Dessa forma, o letramento digital enfoca seus estudos na:

Necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais (XAVIER, 2006, p. 1).

O advento dessas novas tecnologias tornou urgente que as escolas acoplassem em seu cotidiano o uso de ferramentas relacionadas ao mundo digital, tendo em vista que estas já fazem parte do cotidiano dos alunos de forma bastante corriqueira, fazendo com que estes vivam e convivam, inclusive de forma intensa, em ambientes digitais. Dessa forma, a noção de letramento teve que estender-se também ao mundo digital (COSCARELLI E NOVAIS, 2012).

Compreendemos assim que o uso das tecnologias da informação e comunicação precisa ser atrelado ao processo de ensino aprendizagem, e que as redes sociais, sendo elementos utilizados pelos alunos corriqueiramente e cotidianamente, podem funcionar como recursos interessantes quanto à abordagem da Língua Inglesa.

Conforme Santos e Teixeira (2011, p.1):

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS) têm propiciado mudanças cada vez mais constantes no comportamento humano, nas relações sociais e nos modos de aprendizagem. A inclusão no mundo digital oportuniza ao sujeito experimentações, desafios e novas possibilidades.

Ou seja, o uso e domínio dessas novas tecnologias têm favorecido a oportunidade e experimentação de novas situações de aprendizagem e de novos desafios, conseqüentemente tornando o processo de ensino aprendizagem mais prazeroso e real.

Nesse contexto, o fato das redes sociais já fazerem parte do cotidiano de muitos alunos e professores faz com que estas mereçam ser inseridas nas estratégias de ensino aprendizagem na escola, salientando a preocupação e o cuidado com esta abordagem (SEABRA, 2010).

Dessa forma, as redes sociais têm ainda um potencial incrível para gerar interação, já que se almeja construir alunos para trabalhar em grupos e em redes, então nada mais adequado do que já fazer isso de uma maneira autêntica (MATTAR, 2012).

Sendo assim, consideramos que essa autenticidade, inovação e interação promovida pelo uso das redes sociais na sala de aula como elemento construtor da autonomia dos alunos de ensino médio em relação a seu próprio aprendizado.

A palavra autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio, capacidade para fixar suas próprias regras (STUKER, 2003 *apud* MARTINS, 2002; SILVA, 2001).

O uso das redes sociais em sala de aula como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem pode favorecer a construção de atitudes mais autônomas por parte dos alunos. À medida que utilizam estas tecnologias, são capazes de gerir e orientar seu próprio aprendizado de maneira nova e interativa.

Essa relação é ainda mais visível quando verificamos o conceito de autonomia encontrado no Mini Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete, editado pela Editora Nova Fronteira (2004, p.82): “Autonomia é a situação de quem tem liberdade para pensar, decidir e agir; independência. Situação de quem administra a si mesmo sem interferência externa (diz-se de um país, uma instituição etc)”.

Percebe-se assim a contribuição do uso das redes sociais em sala de aula na busca da constante construção da autonomia no processo de ensino aprendizagem dos alunos de ensino médio.

Salientando ainda o que Contreras (2002) afirma quando diz que a autonomia, no contexto da prática de ensino, deve ser entendida como um processo de construção permanente.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 GERAL**

Utilizar um grupo fechado na rede social *facebook* como ferramenta auxiliar ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa e na construção da autonomia dos alunos do ensino médio, tornando esse processo mais dinâmico, real e inovador.

### **4.2 ESPECÍFICOS**

Criar um grupo fechado no *facebook* intitulado “Internet discussions – Terceiro ano” incluindo a professora de Língua Inglesa da turma e os alunos do terceiro ano “A”, turno manhã.



Produzir atividades envolvendo diversas habilidades da Língua Inglesa para serem postadas no *facebook* e respondidas pelos alunos.

Observar e avaliar atitudes autônomas demonstradas pelos alunos a partir do uso das redes sociais auxiliando no processo de ensino aprendizagem.

Discutir sobre os pontos negativos e positivos do uso da internet.

Promover um debate dividindo a turma em contra X a favor da internet.

Refletir acerca da inserção das tecnologias da informação e comunicação no ambiente da sala de aula.

Organizar e acompanhar seminários sobre os aplicativos e possíveis usos em relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Utilizar dicionários online e sites de pesquisa para realização das atividades em sala de aula.

Realizar uma pesquisa com alunos, professores e sociedade versando sobre o uso dos dispositivos móveis e das redes sociais na escola.

Elaborar cartazes com as informações coletadas na pesquisa.

## **5 PÚBLICO ALVO**

Turmas do Terceiro ano do Ensino Médio.

## **6 METODOLOGIA**

Este projeto tem como abordagem teórico-metodológica o estudo de caso de natureza qualitativa, sendo o estudo de caso uma estratégia de investigação que ocorre através do uso de múltiplos métodos de recolha e tratamento de dados diante uma ou algumas entidades, sendo pessoas, grupos ou organizações (MENDES, 2002).

Assim, o tratamento dos dados ocorreu através da comparação entre os dados coletados e a fundamentação teórica existente na área e citada nesta pesquisa. Neste sentido, os dados foram tratados de forma descritiva à medida que ao manipular as informações que concernem a esta averiguação, realizamos também a descrição dos fatos examinados através da análise de dados, na busca de comprovar as teorias expostas anteriormente.

Os participantes deste estudo são alunos de uma turma de terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Otávia Silveira, situada na cidade de Mogeiro, Paraíba, totalizando

32 (trinta e dois) alunos, sendo destes 30 (trinta) alunos frequentes e possíveis participantes do projeto, visto que dois destes realizaram a matrícula, mas não frequentaram as aulas. A faixa etária varia entre 16 e 19 anos.

O *corpus* da pesquisa será a análise das produções realizadas pelos alunos nas redes sociais, assim como fotografias e descrições de aulas que envolvam o objetivo deste estudo.

As redes sociais serão utilizadas durante três meses, onde será criado um grupo, no *facebook*, no qual os alunos citados terão que escrever as impressões acerca do aprendizado obtido em sala de aula, assim como comentar acerca de páginas inseridas nessa mesma rede social que se utilizem dos aspectos curriculares e conteúdos a serem abordados em sala, e ainda realizar as atividades propostas pelo professor. Esses comentários e impressões devem se dá de forma inovadora e autônoma, sendo capazes inclusive de utilizar seus conhecimentos de mundo e argumentos na hora da produção. É importante que esse grupo sirva ainda para que os alunos se utilizem de sua autonomia inclusive para avaliar e interagir acerca das possíveis dificuldades encontradas em sala de aula.

O uso da rede social será feito regularmente uma vez por semana no laboratório de informática da escola, paralelamente com o uso do *facebook* através de dispositivos móveis, proporcionando em sala de aula momentos de discussões acerca das contribuições postadas nas redes sociais e de contato real e dinâmico com a Língua Inglesa, utilizando recursos diversos.

O uso do *facebook* ocorrerá de forma paralela à exposição de conteúdos, apresentação de seminários, debates e discussões em sala de aula, aplicação de pesquisas, criação e exposição de cartazes.

Para registrar e analisar a interação, motivação e autonomia e discussões na sala de aula sugere-se utilizar, também, como instrumento de coleta de dados, câmeras digitais e câmeras dos celulares. Por fim, realizando um comparativo acerca das atitudes dos alunos antes e após a utilização das redes sociais no processo de ensino aprendizagem.

## **7 RECURSOS**

### **7.1 HUMANOS**

Envolvimento e trabalho coletivo dos alunos, professores e demais funcionários da escola. Como também participação e colaboração de amigos, colegas e familiares.

## 7.2 MATERIAIS

Celulares, cartolinas, lápis, máquina fotográfica, dicionário, cadernos, computadores, fones de ouvido, etc.

## 7.3 RECURSOS FÍSICOS

Sala de aula, biblioteca, residência dos alunos, lan-house, laboratório de informática, etc.

## 8 TEMPO PREVISTO

Julho a Dezembro, podendo ser estendido a todo ano letivo e adequado aos mais diversos conteúdos.

## 9 AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua no processo e levará em conta a desenvoltura e participação dos alunos nos momentos de análise e trabalho com as atividades propostas, como também a interação e discussão no grupo do *facebook*. Além disso, a capacidade de argumentação oral, participação ativa nas discussões e trabalho colaborativo com os colegas. Assiduidade e pontualidade também serão elementos avaliativos.

## 10 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Apresentamos um cronograma de acordo com o tempo previsto.

Atividades/ Período	1	2	3	4	5	6
Criação do grupo e inclusão dos alunos	X					
Atividades propostas no facebook, uso da rede	X	X	X	X	X	X

<b>social em sala de aula.</b>						
<b>Uso do facebook no laboratório de informática</b>		X	X	X		
<b>Análise dos elementos linguísticos presentes nos textos postados no facebook.</b>	X	X	X	X	X	X
<b>Discussões e debates em sala de aula</b>	X	X	X	X	X	X
<b>Realização da pesquisa com alunos, professores e familiares</b>			X	X		
<b>Elaboração e exposição dos cartazes</b>			X	X	X	

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, J. O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída. In J. Barroso (org). **O estudo da escola**. Porto: Porto Editora, 1996.

CALDAS AULETE, F. J. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 2004.

CARVALHO, A. A. **Manual de ferramentas da Web 2.0 para professores**. Lisboa: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <[http://www.erte.dgidec.minedu.pt/publico/web20/manual\\_web20professores.pdf](http://www.erte.dgidec.minedu.pt/publico/web20/manual_web20professores.pdf)> Acesso em 26 de outubro de 2012

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

COSCARELLI, C.V.; NOVAIS, A. E. **Letramento Digital**. In: Revista Presença Pedagógica. Vol. 18. Belo Horizonte: Dimensão, 2012.

KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, A. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MATTAR, J. **O uso das redes sociais na educação.** Disponível em: <<http://www.educacaoetecnologia.org.br/?p=5487>> Acesso em 29 de outubro de 2012

MENDES, J. C. **A abordagem qualitativa e quantitativa no estudo de caso.** Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de tecnologia e Gestão de Felgueiras. 2002.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, F. M. A. dos; TEIXEIRA, E. R. **Práticas de letramento digital para crianças: fatores de diversidade e possibilidades pedagógicas na aquisição do português escrito.** Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

SEABRA, C. **Tecnologias na escola.** Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** In: Educação e Sociedade. Campinas, vol. 23, 2002.

STUKER, G. **A autonomia da escola pública sob a ótica docente: O olhar de quem ajuda a tecer a trama.** Itajaí, SC: Universidade do Vale do Itajaí, 2003.

XAVIER, A. C. dos S. **Letramento digital e ensino.** Disponível em: <<http://www.ufpe/nehete/artios/Letramento%20digital%20ensino.pdf>> Acesso em: 29 de outubro de 2012

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

3º ANO – ENSINO MÉDIO - LÍNGUA INGLESA

DURAÇÃO: 03 AULAS DE 45 MINUTOS

✓ **CONTEÚDOS:** NOVO VOCABULÁRIO/ LISTENING (ESCUTA).

✓ **OBJETIVOS:**

✓ **GERAL:** Utilizar o *facebook* nas aulas de Língua Inglesa como um elemento potencializador no processo de ensino e aprendizagem e na construção de um aprendizado autônomo.

✓ **ESPECÍFICOS:**

Utilizar grupos fechados no *facebook* nas aulas de Língua Inglesa.

Discutir e trocar informações presencialmente, e no *facebook*.

Desenvolver vocabulário na Língua Inglesa no *facebook* através do estudo da música “*You are still the one*”.

Promover situações de aprendizagem autônoma.

Relacionar o conhecimento pessoal e cotidiano com a aprendizagem através das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Dividir a turma em duplas para uso do laboratório de informática.

Pedir que os alunos acessem suas respectivas contas no *facebook*. Aqueles que não possuem devem se juntar com os que possuem.

Solicitar que os alunos assistam ao vídeo, já postado no grupo fechado, referente à música a ser estudada.

Estimular o *listening*, através da escuta da música e discussões das duplas.

Produzir comentários referentes ao vídeo e a letra da música, individualmente, no grupo no *facebook*.

Promover roda de conversa para que cada aluno discuta em relação ao vocabulário da música, das palavras conhecidas ou não.

Utilizar tradutor online, para tradução das palavras não conhecidas e elaboração de um vocabulário conjunto virtual.

Analisar se há inovação e construção de autonomia no uso das TIC's em sala de aula.

Observar e avaliar atitudes autônomas demonstradas pelos alunos a partir do uso das redes sociais auxiliando no processo de ensino aprendizagem.

Promover a construção de textos argumentativos e/ou de opinião acerca do debate em grupo, socializando posteriormente no blog coletivo.

#### **MATERIAL:**

Computador, internet, *facebook*, caixas de som, fones de ouvido.

#### **AVALIAÇÃO:**

A avaliação será contínua no processo, considerando a participação dos alunos nas discussões no *facebook*, desenvoltura, capacidade de argumentação e expressão nas atividades a serem desenvolvidas.

#### **JUSTIFICATIVA:**

A nova ordem mundial que se desenha a partir da globalização e gera uma disseminação quando ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação trazem à tona a necessidade de se inserir nas escolas novas ferramentas e dispositivos que permitam a inovação e o aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, tendo em vista que os alunos utilizam cotidianamente as tecnologias, e, principalmente, as redes sociais, a utilização didático-pedagógica desses recursos pode funcionar como um caminho para estimular uma aprendizagem inovadora, real e autônoma para os alunos do ensino médio. Além disso, a utilização de tais recursos permite uma abordagem multimodal dos conteúdos, favorecendo que os alunos tenham possibilidade de visualizar os conteúdos através de meios diversos, tais como textos, imagens, vídeos, jogos, etc. Propostas como esta abrem possibilidades para que o processo de ensino e aprendizagem seja redesenhado, como também para que os alunos sintam-se envolvidos e ativos nas atividades em sala de aula, quebrando o paradigma vigente na maioria das salas de aula, onde ainda prevalece o professor como único detentor do saber.